

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

GIORLANDO LARANJEIRA BARBOSA

**O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA MORAL PELO CUIDADO:
UMA NOVA HERMENÊUTICA PARA O DISCERNIMENTO DE DILEMAS E
CONFLITOS ÉTICOS**

São Leopoldo

2019

GIORLANDO LARANJEIRA BARBOSA

**O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA MORAL PELO CUIDADO:
UMA NOVA HERMENÊUTICA PARA O DISCERNIMENTO DE DILEMAS E
CONFLITOS ÉTICOS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração Educação e Religião.
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão.

Orientadora: Profa. Dra. Gisela I. W. Streck

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238d Barbosa, Giorlando Laranjeira

O desenvolvimento da consciência moral pelo cuidado :
uma nova hermenêutica para o discernimento de dilemas e
conflitos éticos / Giorlando Laranjeira Barbosa ; orientadora
Gisela I. W. Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
138 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2019.

1. Desenvolvimento moral. 2. Consciência. 3.
Consciência – Aspectos religiosos. 4. Cuidados. 5. Ética. I.
Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde Waechter), orientadora. II.
Título.

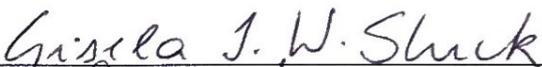
Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

GIORLANDO LARANJEIRA BARBOSA

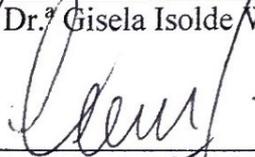
**O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA MORAL PELO CUIDADO: UMA
NOVA HERMENÊUTICA PARA O DISCERNIMENTO DE DILEMAS E
CONFLITOS**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Atuação: Ética e Gestão

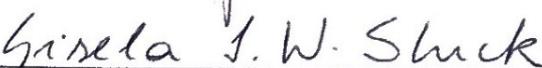
Data de Aprovação: 10 de janeiro de 2020.



Prof.^a Dr.^a Gisela Isolde Waechter Streck (Presidente)



Prof. Dr. Celso Gabatz (EST)



p/ Prof. Dr. Elivaldo Serrão Custódio (UNIFAP)

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que lidam com o ser humano em seus vários níveis de conflitos. Aos que têm uma função de gestão e aos que têm sempre em sua vida diária a necessidade de discernimentos morais. Dedico este trabalho à memória de minha mãe, mulher forte e cuidadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me agraciar com uma existência na qual pude trilhar caminhos que me fizeram encontrar as dimensões da transcendência humana de forma livre e sempre aberta a descortinar novos horizontes. Obrigado, Senhor, pela proteção e presença Cuidadora.

Agradeço à minha família por todo o esforço em proporcionar bases humanas para o meu caminho, por meio de uma visão mais ampla da vida, favorecendo a compreensão da existência como lugar de experiências que sempre edificam e educam. Agradeço pelo esforço em buscar oferecer o máximo possível e por me proporcionar entender, desde muito cedo, a necessidade de uma ação de Cuidado. Agradeço às pessoas que Deus colocou em minha vida, aos amigos e às amigas, bênçãos que me incentivaram e colaboraram para que eu pudesse seguir na busca por aperfeiçoar os meus dons.

Agradeço aos professores e às professoras, dessa instituição, que me ajudaram, por seus testemunhos e pesquisas, a compreender mais o mundo das religiões, além da possibilidade de transformação social do mundo por uma visão crítica e ecumênica. Obrigado por me ajudarem no desenvolvimento da minha consciência como pessoa humana.

E, por fim, agradeço aos colegas e às colegas de turma, que se tornaram amigos e amigas e que tanto colaboraram em suas reflexões para que eu pudesse ampliar a minha visão de mundo.

*Cuidar é desenvolver-se e desenvolver no
outro o sentimento mais profundo de
liberdade e dignidade, simplesmente por
ser pessoa.*

Giorlando L. Barbosa

RESUMO

Nesta pesquisa, de revisão bibliográfica, objetiva-se apresentar uma compreensão multidisciplinar sobre o desenvolvimento da consciência moral, observando sua estrutura religiosa, além do ponto intrínseco que ativa o seu contínuo desenvolvimento, o Cuidado. Buscar-se-á entender a dinâmica impulsionadora básica e essencial da pessoa à evolução, bem como os seus níveis e estágios de desenvolvimento em conexão à dimensão subjetiva em suas realidades contextuais por uma visão de liberdade e autonomia, e por uma relação despreocupada às pressões de dominação que bloqueiam uma decisão livre de si, o que gera, por efeito, infelicidade e culpa. Nesse contexto, partindo de uma hermenêutica transcendental, o entendimento de desenvolvimento é ampliado por uma visão integradora de ser pessoa enquanto emoção assumida pela prática do perceber-se ser presença. Assim, através dessa percepção do ser presença, analisar-se-á como se dão a observação e o acolhimento da manifestação de uma ética existencial, essencial e universal, aplicável ao discernimento e à resolução de conflitos em todas as categorias humanas, tendo por fim o Bem a si e ao outro. As referências estruturantes utilizadas nesta investigação são as seguintes: Martin Heidegger (2014), Leonardo Boff (1999a; 1999b; 2001; 2003; 2008; 2009), Michel Foucault (1993; 2008; 2010a; 2010b; 2014), Lawrence Kohlberg, F. Clark Power e Ann Higgins (2008), Carol Gilligan (1982), Bernhard Häring (1979), entre outros.

Palavras-chave: Ética. Religião. Consciência. Desenvolvimento Moral. Cuidado.

ABSTRACT

In this research, with a bibliographic review, the objective is to present a multidisciplinary understanding of the development of moral conscience, observing its religious structure, in addition to the intrinsic point that activates its continuous development, Care. We will seek to understand the basic and essential driving dynamics of the person to evolution, as well as their levels and stages of development in connection with the subjective dimension in their contextual realities through a vision of freedom and autonomy, and through a relationship unconcerned about the pressures of domination that block a free decision by the self, which generates, in effect, unhappiness and guilt. In this context, starting from a transcendental hermeneutics, the understanding of development is amplified by an integrating vision of being a person as an emotion assumed by the practice of perceiving to be presence. Thus, through this perception of being presence, it will be analyzed how the observation and acceptance of the manifestation of an existential, essential and universal ethics, applicable to the discernment and resolution of conflicts in all human categories, will take place having as the goal one's own Good as well as the good of the other. The structuring references used in this investigation are as follows: Martin Heidegger (2014), Leonardo Boff (1999a; 1999b; 2001; 2003; 2008; 2009), Michel Foucault (1993; 2008; 2010a; 2010b; 2014), Lawrence Kohlberg, F Clark Power and Ann Higgins (2008), Carol Gilligan (1982), Bernhard Häring (1979), among others.

Keywords: Ethics. Religion. Conscience. Moral Development. Care.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 AS ORIGENS DO CUIDADO.....	23
2.1 O Cuidado na Narrativa da Criação.....	23
2.2 A Pessoa é Imagem e Semelhança do Cuidado.....	25
2.3 O Conteúdo do Cuidado.....	28
2.4 A Natureza do Cuidado.....	32
2.5 O Cuidado e suas Expressões.....	35
2.6 Cuidado de Si.....	37
3 DIÁLOGO SOBRE O MISTÉRIO DA CONSCIÊNCIA.....	49
3.1 Consciência de Ser Presença Inquietante.....	50
3.2 Consciência Desenvolvida em Meio ao Pluralismo pelo Cuidado.....	52
3.3 O Mistério do Dilema da Consciência e suas Determinações.....	53
3.4 A Consciência e seus Aspectos Cristãos.....	56
3.5 Consciência das Ações Morais.....	62
3.6 Bases de Origem Prática sobre a Consciência.....	66
3.7 Consciência e sua Compreensão Bíblica.....	67
4 O DESENVOLVIMENTO MORAL.....	71
4.1 Bases Teóricas para o Desenvolvimento Moral.....	71
4.2 O Desenvolvimento Moral em Kohlberg.....	73
4.2.1 O Método de Kohlberg.....	74
4.2.2 Níveis e Estágios Morais em Kohlberg.....	76
4.3 Reflexão sobre os Níveis e Estágios.....	83
4.4 O Desenvolvimento Moral e sua Ampliação Reflexiva.....	84
4.5 O Desenvolvimento da Consciência Moral de Cuidado na Visão de Carol Gilligan.....	86
4.6 As Perspectivas do Desenvolvimento da Consciência de Cuidado em Carol Gilligan.....	89
4.6.1 Perspectiva do “Cuidado de Si Mesmo”.....	89
4.6.2 A Perspectiva do “Cuidado dos Outros”.....	90
4.6.3 A Perspectiva do “Cuidado de Si e do Outro” – “Cuidado Complexo”....	90
4.7 O Julgamento Moral pela Consciência de Cuidado.....	92
4.8 O Discernimento Moral pelo Cuidado.....	94
4.9 A Consciência de Cuidado e sua Visão de Integralidade Humana.....	95
4.10 O Desenvolvimento Moral e sua Pluralidade Complexa.....	97
5 CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICE – RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DO DISCERNIMENTO BASEADA NO CUIDADO.....	119

1 INTRODUÇÃO

Em tempos hodiernos, encontramos seres fragmentados em suas estruturas de valor, o que culmina no descuido de si e, por consequência, do outro. Nesse contexto, percebemos a ausência de uma consciência moral que funde uma vida para a transcendência, bem como uma subjetividade moral que não se esconda no individualismo, no isolamento do eu. Dessa forma, busca-se encontrar um caminho que possa oferecer, de forma ampla e complexa, uma possibilidade de saída.

Assim, por meio desta pesquisa sobre o desenvolvimento moral e sua relação com o princípio de Cuidado, em referência à religião, busca-se investigar a possibilidade de encontrar os fundamentos essenciais e, possivelmente, universais que direcionem as ações humanas ao centro vital da relação consigo e com os outros, por um princípio de valor que desenvolva um agir autônomo, livre e responsável, favorecendo e motivando a cada etapa da vida o desenvolvimento da sua consciência moral.

Portanto, a partir da visão teológica, projetamos a relação ética com uma prática moral, para a construção de uma nova compreensão ética em sua totalidade, discernindo as influências que favorecem e/ou dificultam o Cuidado, bem como a consciência dessa essência, para desenvolvermos paralelamente um novo princípio de valor adaptado à pessoa em seu contexto específico, sem apresentar julgamentos excludentes. Faz-se necessário uma base teórica conceitual, com indicações e sínteses de mundos da razão e com a colaboração da fé, capaz de impulsionar e atualizar um desenvolvimento moral que assegure, por visão, a pessoa em sua totalidade e em sua viabilidade para a reconstrução do seu ser em relação à noção de discernimento e desenvolvimento da consciência moral.

Nesta dissertação, buscaremos investigar o princípio de Cuidado e sua colaboração para o desenvolvimento da consciência moral, partindo dos seguintes questionamentos: O que se entende por consciência hoje? O que é a subjetividade? O que realmente é o cuidar? Por que tanta violência? Por que tanta corrupção? Por que tamanho desrespeito e destruição do planeta, descaso e indiferença para com os organismos vivos? Quais os efeitos da relação entre subjetividade e consciência? Com se desenvolve a consciência moral e chega-se à subjetividade? É sempre ruim a normatividade? O Cuidado é ação prática e reveladora de uma compreensão ética e moral da pessoa? Como o Cuidado é possível dentro dos sistemas religiosos que

buscam o sacrifício de si? A anulação do eu gera problemas de comportamento ético? O eu em sua ação apenas pelas normas e leis age conforme a ética? De que forma a religião pode colaborar, em sua ciência, para o desenvolvimento da consciência do Cuidado de si? De que forma o diálogo, a fé e a razão podem corroborar um contexto no qual se incentive uma vivência consciente do Cuidado? Qual é o centro de desenvolvimento ético do eu e do outro? O Cuidado pode ser base essencial para o desenvolvimento moral cristã? Como a doutrina Católica pode relacionar Cuidado, desenvolvimento moral e consciência? Em que medida a noção de consciência moral religiosa, a partir do Cuidado, contribui para o desenvolvimento moral?

O ser pessoa não será capaz de fazer um discernimento ético em situações limites que lhe garantam sentimento de realização e sentido se não aplicar os princípios do Cuidado, o equilíbrio para caminhar sobre a autonomia e a heteronomia, a beneficência e a justiça, o dever e a finalidade. Por isso, para este trabalho, estabelecemos, especificamente, a seguinte pergunta: Em que medida o princípio de Cuidado corrobora o desenvolvimento da consciência moral?

O princípio do Cuidado é ativador do desenvolvimento da consciência moral em qualquer espaço social ou religioso. Em suas diversas e complexas expressões é ponto central para o discernimento e desenvolvimento da Consciência moral. A atrofia moral demonstra o relativismo e a ausência de sentimento na existência, pela via pessoal em relação aos demais sistemas vivos, revelado na ausência de manifestação básica da vida pelo Cuidado, conseqüentemente indicando um estado de caráter corroído e capaz de, em nome de ideias externas e das mais variadas formas, cometer, de forma lenta e gradativa, a destruição de si e dos outros.

Nesse contexto, a teologia tem a possibilidade de auxiliar o debate sobre o humano em seu desenvolvimento moral por um comportamento de Cuidado. O desenvolvimento da consciência moral dá-se a partir e pelo princípio de Cuidado, dialogando com todas as linhas de reflexão religiosa, que não são passíveis de limitação ou definição, pois não é característico da universalidade ética que se busca. Serve para todas as religiões, inclusive para as que ainda virão existir.

Portanto, investigaremos o princípio do Cuidado e sua colaboração para o desenvolvimento moral da consciência. Ao longo dos capítulos, buscaremos refletir a noção de Cuidado em seus aspectos teológicos contemporâneos e sua colaboração para o desenvolvimento da consciência moral na Fé Cristã Católica.

Apresentaremos uma reflexão sobre a Consciência a partir da Teologia do Concílio Vaticano II e, por ela, analisaremos a teoria do desenvolvimento moral da consciência, buscando entendê-la não só em seu aspecto cognitivo, mas também humano.

Neste trabalho, iremos nos apoiar nos escritos de teologias a partir do Concílio Vaticano II em diálogo com Michel Foucault (1993; 2008; 2010a; 2010b; 2014), Martin Heidegger (2014), além do já citado Leonardo Boff (1999a, 1999b; 2001; 2003; 2008; 2009), buscando esclarecimentos e luzes para o nosso tempo de ausência de consciência de um Cuidado com nitidez.

A relevância desta pesquisa reside em seu objetivo: ajudar a sociedade a perceber aspectos teológicos capazes de fundamentar o agir da fé com razão em meio aos novos tempos, ajudando a perceber o princípio do Cuidado como elemento a ser valorizado e entendido como capaz de discernir e impulsionar o desenvolvimento da consciência moral, fundamentando uma atualização de valores do “eu” e do “outro”, sendo que “[...] a relação do homem com o mundo é um elemento constitutivo da identidade humana.”¹ Esta pesquisa pode, portanto, ajudar o ser humano a compreender a dinâmica fundamental interna de autonomia e sua finalidade, ajudando-o a não perder-se nas modas e linhas desorientadoras que lhe são apresentadas, induzindo-o a afastar-se do que ele mesmo é e pode vir a desenvolver-se: o Cuidado. É de fundamental importância o autoconhecimento e a relação transcendental, curando em si os males da aparência de Ser e da desintegração que a torna ponto “líquido” para que a pessoa compreenda o que é ser consciência de Cuidado.

O presente estudo poderá ajudar a discutir sobre a importância da transcendência do Cuidado para que o ser humano possa agir no mundo com consciência do bem e com sua razão e emoção. Pois agir no mundo sem o seu eu livre torna a pessoa agente distante da possibilidade de transformação da realidade, alienada ao sofrimento do outro, aos bens da criação, à compaixão, à pessoa; resistente a converter maus hábitos e comportamentos, bem como a moralidade ou imoralidade deste junto a uma apática negação de busca por uma espiritualidade que “[...] lhe aponta sua altíssima vocação.”²

¹ PONTIFÍCIO Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 54.

² GAUDIUM et Spes. In. SANTA SÉ. *Compêndio do Vaticano II*. N. 22. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Desse modo, esta pesquisa é importante porque necessitamos encontrar a verdadeira realidade da práxis, a respeito da sobrevivência da humanidade, que ofereça a cada ser um viver em harmonia, a fim de levá-los a compreender o ponto gerador de discernimento de boas conexões capazes de desenvolver a consciência moral. Com esta dissertação, queremos descobrir como ocorre o processo de desenvolvimento da consciência moral e de que forma o princípio de Cuidado se relaciona com esse processo. Percebemos que, por causa do descuido humano, surgem situações que clamam por uma urgência ética, cuidadosa, simbiótica, consciente, pois diz respeito ao relacionamento e às opções fundamentais da pessoa em relação a todo o sistema vivo e sua individualidade constituinte da beleza em seu conjunto estrutural e integral.

Assim, poderemos desarmar o processo humano de “desintegração”, ajudando-o no reencontro com as dinâmicas essenciais do ser pessoa, desenvolvendo o potencial ético que existe em cada criatura, colaborando para a “salvação do mundo” e para a reconstrução de uma visão humana harmoniosa e equilibrada. O desenvolvimento moral é condição para que a vida continue a existir. Em meio a tantos conflitos, perguntamo-nos: qual é a ética capaz de unir os opostos e desenvolver na pessoa a sua tendência ao bem? Na contemporaneidade, em meio a tantos sistemas, precisamos de uma sistematização que possa unir e perpassar todas as outras realidades éticas. Esse sistema é o princípio de Cuidado, que reúne em si todas as condições de aplicação em qualquer espaço e cultura.

Há muitas questões que surgem mediante os diversos fatos de desrespeito aos seres humanos e às intolerâncias manifestas e latentes. Assim, como desenvolver a consciência moral para um bom discernimento moral? Como verdadeiramente cuidar de si e do outro? Como desenvolver o eu humano em relação ao outro?

A sobrevivência codepende, interdepende de toda pessoa humana cuidando do mundo em suas bases fundamentais de existência. Por isso, faz-se importante observar a tendência de uma construção de sobrevivência virtual sem alteridade consciente prejudicial ao desenvolvimento moral. Nesse sentido, esta dissertação pode ajudar a indicar rumos diferentes, metas atualizadas e a formular e/ou indicar o abraçar a um princípio de valor livre de influências ideológicas extremistas e fundamentalistas, realizadas por uma pseudoestética fosca, cuja finalidade se encaminha ao degradante consumo de si mesmo pelo outro.

Existe uma possibilidade para o ser humano na realidade presente: cuidar para transformar todas as demais realidades. Contudo, age-se pelo contrário, deseja-se cuidar das mais variadas realidades, mas o humano que delas cuida está descuidado e doente, sem força suficiente para levar adiante o projeto de salvação.

Destarte, deve-se compreender que no Cuidado vive-se uma vida digna, pois foi para isso que Cristo veio: “Buscar e salvar o que estava perdido”³ e dar “vida plena” em “abundância”.⁴ O Cuidado insere-se no amar ao próximo como a “nós” mesmos enquanto comunidade.⁵ Cabem então as perguntas: Como amar a si mesmo? Como Cuidar de si mesmo? A resposta é: “O cuidado é fundamento para qualquer interpretação do humano. Se não nos basearmos no cuidado, não lograremos compreender o ser humano.”⁶

A pesquisa será capaz, conforme acreditamos, de oferecer benefícios para o todo complexo de vida existente e suas realidades de discernimento e compreensão (nesse caso, com um relacionamento profícuo e sadio). Pesquisar sobre este tema ajudará na compreensão da ética, não só em sua abstração conceitual, mas principalmente em sua inclinação de prática moral: O Cuidado. É de suma importância entender que não há como ser ético e moralmente correto no mundo quando o eu em sua forma de estar no mundo é descuidado no que transcende a dinâmica do essencial e verdadeiro. Se o humano deseja transformar, qualquer que seja a realidade, mas a inicia fora de si, ele não terá sucesso por não compreender-se como protagonista.

Por meio desta pesquisa queremos mostrar que o Cuidado não é um ato de distância do fazer para além do viver. É uma dinâmica intimamente relacionada e palpitante no sentimento e na razão. É uma declinação; o objeto principal da manifestação em que se encarna o Cuidado concreto capaz de explicitar os reais motivos das irrealizações e frustrações acontecidas no mundo hodierno; do desejo de fazer o bem, mas que acaba praticando o mal; das síndromes dos cansaços; desistências, irresponsabilidades, violências, injustiças. Nessa perspectiva, Gros destaca o seguinte:

³ LUCAS, 19, 10. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴ JÓ, 10, 10. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

⁵ MARCOS, 13, 33. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

⁶ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b. p. 199.

Se você fugiu das tuas [...] responsabilidades é porque você não cuidou direito de si mesmo; você se preocupou demais com sua filha e se impressionou demais com a doença, enquanto que se você tivesse introduzido entre você e o mundo uma certa distância, uma certa defasagem, você poderia retomar a si mesmo, preocupar-se consigo mesmo, dizendo: 'o que está acontecendo, a doença de minha filha exige de mim um certo papel a desempenhar: o do pai de família, e este papel impõe um certo número de deveres como proteção, o cuidado dos seus, etc.'⁷

Percebemos a urgente necessidade de desenvolver o lado humano responsável pelo Cuidado para que possa se tornar eixo, “peça de engrenagem” que move a dinâmica existencial da pessoa humana, ou seja, centro vital de um sistema de rede sem interrupção e em contínua expansão, que move o agir e o “sentido de responsabilidade.”⁸

Esta pesquisa é de fundamental importância para chamar a atenção à vivência num tempo em que urge o desenvolvimento de uma consciência moral que supere os comportamentos de ódio e faça *anamnese*, atualizando comportamentos que tenham por base o amor para consigo e para com o outro. Porque só me amo se amar o outro. “Amar ao próximo como a si mesmo”⁹ é o mesmo que cuidar do próximo como cuidar de si mesmo. Portanto, são necessárias novas compreensões que colaborem para superar as forças morais destruidoras do ser íntimo de si e da unidade indivisível existente no eu humano. O Cuidado pode desenvolver a verdadeira ética global, pois pode revelar atitudes não só do que conhece, mas do que se é no mais íntimo do ser.

⁷ GROS, Frédéric. O Cuidado de Si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. p. 132.

⁸ GROS, 2008, p. 91.

⁹ MATEUS, 12, 33. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

2 AS ORIGENS DO CUIDADO

Neste capítulo, apresentaremos as origens do cuidado e seus desdobramentos teóricos, a partir de reflexões religiosas e filosóficas, observando os seus aspectos conceituais e suas indicações comportamentais à moralidade, bem como sua expansão e atualização na dinâmica mais íntima da ação ética, que indica o Cuidado de si e do outro, fomentando a compreensão dos fundamentos do Cuidado e suas necessidades de manifestação atual.

2.1 O Cuidado na Narrativa da Criação

Uma releitura de Gênesis 1 e 2 impulsiona os sentimentos a estágios morais mais desenvolvidos, distanciando-os de interpretações que fomentam depredações de toda espécie de vida existente, tornando cada pessoa responsável – cultivadora – pelo outro, incluindo a si mesma.

No tempo em que [...] Deus fez a terra e o céu,¹⁰ não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque [...] Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então [...] Deus modelou o homem com a argila do solo e insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem tornou um ser vivente. [...] Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara [...] fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim e lá se dividiam formando quatro braços [...] Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar. [...] Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens [...]. O homem deu nomes a todos os animais, [...] para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então [...] fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e [...] modelou uma mulher.¹¹

A criação indica o Cuidado à realidade contemplativa dos seres humanos, criados por último.¹² Uma interpretação ausente de Cuidado produz consciência fundamentalista que inclina o humano a pensar-se ápice e finalidade da criação, fundando falsas bases que justificam e subjagam o outro pela ideia de dominação

¹⁰ BOFF, 1999b, p. 63.

¹¹ GÊNESIS, 2, 4b-23. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

¹² Gn 2, 23.

sobre o mundo. Contudo, observa-se que a pessoa foi criada para contemplar as maravilhas e, por elas, a grandeza do seu Criador.¹³

Uma consciência moral desenvolvida não analisa a criação pela ótica da superioridade de descuido¹⁴ destruidor e não se impõe com base na hierarquia de valoração das criaturas, mas é capaz de analisar a existência pelo princípio de Cuidado que observa e reconhece em cada criatura o seu valor em si mesma.¹⁵ A criação, em sua última etapa, a do ser humano, não tem por finalidade indicar esse ser como coroação da criação. Assim, observa-se que o ponto alto, a coroação da criação, é o *Shabbat*¹⁶, o sábado, o dia do descanso, no qual toda a criação encontra sua plenitude.

O Criador repousa e abençoa esse dia, o *shabbat*, dia de glória e unidade no qual repousou toda a obra da Criação¹⁷; e, além disso, contempla o todo da obra e cada uma das maravilhas criadas¹⁸, sinalizando a dignificação das vidas pelo símbolo do descanso criador em um dia santificado e de santificação da humanidade¹⁹, dia de autorrevelação, que se transforma em “festa sem fim”.²⁰ O sábado é o ápice, a “coroação” da criação, o dia do “ócio” sagrado, a pausa do “labor” para o descanso, em que a pessoa humana não é apenas ser de “fazer”, mas de contemplação de si e do outro, portanto, aquele que cuida, ordenada e harmoniosamente, dirigindo-se ao sentido do dia de glória, celebração e contemplação. Em síntese, o cuidado-responsável intrínseco ao ser humano é serviço mediante o seu ser “imagem e semelhança” do Criador²¹ para com tudo o que existe.²² Portanto, é no Cuidado que reside a “superioridade” humana.

O *Shabbat* é dia dedicado à proteção da vida no qual se retoma o projeto de Cuidado, revelado na criação, para uma vida digna na qual não se vive escravo e

¹³ NISSA, Santo Gregório de. *A criação do homem: A alma e a ressurreição; A grande catequese*. Tradução Bento Silva Santos. São Paulo: Paulus, 2011. p. 56.

¹⁴ AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. v. II. Tradução Alexandre Correia. 2. ed. Porto Alegre, RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980. p. 859 [Quest. 94, Art. 1].

¹⁵ PRIMAVESI, Anne. *Do Apocalipse ao Gênesis: ecologia, feminismo e cristianismo*. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 304.

¹⁶ NAVONE, John J. *Em Busca de uma teologia da beleza*. Tradução Elizabeth Leal F. Barbosa. São Paulo: Paulus, 1999. p. 21.

¹⁷ Gn 2, 3.

¹⁸ Gn 2, 4.

¹⁹ ÊXODO, 20, 8-11. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁰ SILVA, Maria Ferreira da. *Trindade, Criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 215.

²¹ Gn 1, 26.

²² MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Alvaro Cunha et al. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 197.

em função de um trabalho, mas o trabalho é entendido como meio a proporcionar vida boa e estável.²³

2.2 A Pessoa é Imagem e Semelhança do Cuidado

As pessoas são imagem e semelhança do Criador, cuja superioridade encontra-se, exclusivamente, na atitude responsável, cuidadosa e disposta a administrar,²⁴ honestamente, os bens naturais, sob condição de harmonia com os planos do Criador.²⁵ Na terra, a pessoa humana é, mediante sua responsabilidade e Cuidado, “símbolo” do Deus Amor, que reivindica a preservação da Criação pelo “domínio de Deus”²⁶, que não inclui nem significa “matar e abater”.²⁷

Toda a existência está para ser cuidada pela pessoa humana, “imagem e semelhança” do Criador, por uma atitude de serviço e zelo às diversas manifestações de vida, que receberam a dignidade de Deus quando viu que tudo “era bom”²⁸, revelando-se como artista do universo e o “[...] mais cuidadoso dos artesãos.”²⁹

O ser humano, fundamentando-se no mandato do domínio³⁰, no decorrer da história, arrogando-se da faculdade de ter recebido de Deus tal poder em absoluto, em nome de uma crença religiosa ou científica, sentiu-se superior às demais vidas, colocando-as a seu serviço egoísta, arbitrário e desmedido, escravizando, agredindo.

O ser humano encontrou linhas para justificar o seu descuido explorador, possivelmente a partir da análise do verbo *kabash* e *radah*³¹, cujo sentido é “pisar a terra”, pôr os pés no chão, uma certa permissão para o irrestrito domínio que se configura como descuido, irresponsabilidade na ânsia do poder devorador “[...] de

²³ GASS, Ildo Bohn. Espiritualidade e ecologia. *Estudos Bíblicos*: revista do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis, Vozes, v. 28, n. 110, p. 121-134, abr./jun. 2011. p. 134.

²⁴ AQUINO, 1980, p. 861 [Quest. 94, Art. 2].

²⁵ BALLARINI, Teodorico. *Pentateuco*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. p. 99.

²⁶ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Aste, 2006. p. 44-45.

²⁷ RAD, 2006, p. 145.

²⁸ Gn 1, 29-31.

²⁹ GUIJARRO, Santiago; GARCIA, Miguel Salvador. *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave Maria, 2002. p. 41.

³⁰ Gn 1, 26.

³¹ GASS, 2011, 132.

um mar a outro, do rio até os confins da terra³², concebendo a vida e toda a existência criada, inclusive os próprios seres humanos, como um conjunto de inimigos³³ que lutam entre si e se exploram.

Por uma ideologia monárquica, o poder de dominação e sujeição encontra fundamento no rei³⁴, ou messias, pelo qual o sentido é direcionado para o ordenamento do cosmos, estabelecendo justiça e paz. Assim, aquele que é o rei ou o messias da justiça e da paz zela, com especial Cuidado, pelas pessoas pobres³⁵, fracas e necessitadas. Os seres humanos, pelo Cuidado, são integrados à criação e unidos a toda biodiversidade porque tirados da terra³⁶; assim como os vegetais e os animais³⁷, indicativo da sua proximidade com a terra e com todas as espécies vivas.

São Tomás de Aquino afirma que o ser humano foi criado da mesma matéria que os outros seres vivos, mas diferenciado e privilegiado enquanto grau de perfeição: “[...] não se diz que a vida dele foi produzida pela terra ou pela água, como a dos outros animais, mas por Deus.”³⁸

A pessoa humana não é só físico-material, é transcendental, espiritual, é, portanto, “psiconoossomático”³⁹. Na dimensão somática, o corpo traz características próprias de sua semelhança com Deus. Os corpos humanos são verticalizados, indicando a dimensão de transcendência, bem como a capacidade de moralidade e possibilidade de resistência à prática do mal. Portanto, não é só inclinado ao pecado, mas, principalmente, aos bens superiores, eternos e espirituais, pela superabundância da Graça.⁴⁰

A segunda narrativa da criação indica que Deus, mesmo antes de ter enviado “chuva” à terra e criado alguém para dela cuidar, fazia brotar da “[...] terra uma fonte que lhe regava toda a superfície.”⁴¹ Deus criou e recria no “labor” do Cuidado para que os seres vivos tenham vida e renovem constantemente a face da

³² SALMOS, 72, 8. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

³³ SI 110, 2.

³⁴ NISSA, 2011, p. 57.

³⁵ SI 72, 12-13.

³⁶ Gn 2, 7.

³⁷ Gn 1, 11; 1, 26.

³⁸ AQUINO, 1980, p. 620 [Quest. 72, Art. Único].

³⁹ Que, literalmente, significa: um todo formado pelo físico, psíquico e espiritual.

⁴⁰ AGOSTINHO, Santo. *Comentário ao Gênesis*. Tradução Frei Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 527.

⁴¹ Gn 2, 5-6.

terra.⁴² É por uma consciência de Cuidado que a vida respira o sopro do Seu Espírito Criador.⁴³ A obra da criação completa é identificada pela “[...] obra da criação, de um lado; e o cuidado de manutenção e de salvação, com que Deus acompanha e assiste a sua criação, do outro.”⁴⁴

O ser humano, após a criação, é colocado no Jardim do Éden para “cultivar” e “guardar”⁴⁵, e isso inclui o dar nomes aos animais, manifestando na prática a sua responsabilidade, que corresponde ao Cuidado para com todas as vidas⁴⁶, na valorização de cada espécie viva, assumindo a sua coautoria no criado⁴⁷, enquanto representação divina⁴⁸; comportando-se tal qual um “jardineiro” disposto a “cultivar” as potencialidades do jardim, “preservar” a existência de toda a biodiversidade e reconhecer-se como modelado com o pó da terra e vivificado pelo sopro de vida⁴⁹, revelando em si sua composição essencial, o Cuidado divino.⁵⁰

A missão concreta da pessoa humana é continuar a criar em suas relações com o todo.⁵¹ Portanto, ações humanas de efeito danoso ao outro, pelo mau uso das suas forças e ou pelo abuso de poder, não se aproximam da benção e da graça, do Cuidado, mas revelam ações de malditos que descuidam do sagrado criado.⁵² O status do ser humano é seu serviço de corresponsabilidade em sua função no jardim, de “cultivá-lo e guardá-lo”⁵³. Na linguagem ética: exercício de cuidado.

Deus criou e ordenou a existência fora de si⁵⁴, “porque quis”⁵⁵, para comunicar e manifestar a sua glória revelada em sua bondade. Cercou a criação e o ser humano de Cuidado⁵⁶, criou tudo como uma obra de arte, como o moldar do trabalho de um oleiro⁵⁷, motivado pela “superabundância de amor”.⁵⁸ Numa releitura

⁴² SI 104, 20.

⁴³ MCKENZIE, 1983, p. 198.

⁴⁴ RAD, 2006, 145.

⁴⁵ Gn 1, 15.

⁴⁶ Gn 1, 20.

⁴⁷ GUIJARRO; GARCIA, 2002, p. 37.

⁴⁸ PEÑA, Juan Luis Ruiz de la. *Criação, graça, salvação*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998. p. 23.

⁴⁹ Gn 2, 7.

⁵⁰ MACKENZIE, 1983, 197.

⁵¹ GUIJARRO; GARCIA, 2002, p. 48.

⁵² GUIJARRO; GARCIA, 2002, p. 43.

⁵³ RAD, 2006, p. 99.

⁵⁴ CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 290.

⁵⁵ AGOSTINHO, 2005, p. 505.

⁵⁶ RAD, 2006, p. 147.

⁵⁷ GUIJARRO; GARCIA, 2002, p. 46.

⁵⁸ NISSA, 2011, p. 297.

da narrativa da criação, existem⁵⁹ elementos que podem ser entendidos como limitadores do mandato de dominação, que, em nossa compreensão, é sinônimo de descuido.

O binômio “sujeitar e dominar” é relativizado com o “cultivar e guardar”⁶⁰, expresso pelo verbo ‘*abad*’ (cultivar), que busca pela garantia da sobrevivência, e o verbo ‘*shamar*’ (guardar), que designa a sua tarefa principal, “cuidar”. Assim, cada pessoa é composta de “trabalho e cuidado”, cujo objetivo é transformar o caos interno ou externo em ordem. Cada pessoa existe em Deus e por essa vida participa do Seu Cuidado e Santidade, cujo efeito é a responsabilidade em sua conexão com o outro/outra, acolhidas como pessoas parceiras, interlocutoras e responsáveis para continuar a desenvolver o Cuidado para com o todo criado.⁶¹

2.3 O Conteúdo do Cuidado

O ser humano necessita reconhecer o seu “*ethos* fundamental” traduzido na linguagem de Cuidado, considerado a “senha” que identifica e dá acesso aos valores éticos universais⁶², libertando-o de sistemas elaborados por consciências eclipsadas, atrofiadas em sua capacidade de cuidar. O Cuidado oferece contribuição para o bem viver pessoal e social em sua abertura à vida e às estruturas de continuidade da existência pela relação dependente, cancelando uma ilusão de autonomia que destrói, machuca e fere esse essencial de universalidade.⁶³

Na contemporaneidade, em sua múltipla fluidez, não mais se encontra o Cuidado mergulhado na originalidade do “sonho de Pureza”⁶⁴, reflexo da Natureza humana e modo de ser pessoa, criatura, imagem e semelhança do Criador. Observa-se uma nova compreensão do valor de cuidado que vai contra a sua natureza quando ele se dirige às dimensões tecnológicas e sufoca a sua manifestação original, desvirtuando-o à dimensão do acidental e supérfluo.

Observa-se que por aplicativos de Cuidado de si, de natureza virtual, o exercício de Cuidado atrofia sua real Consciência na virtualidade sem cheiro, sem

⁵⁹ Gn 2, 4b-3, 24.

⁶⁰ Gn 1, 20; 2, 150.

⁶¹ TAVARES, Sinivaldo S. *Teologia da criação: outro olhar, novas relações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 139.

⁶² HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 268.

⁶³ BOFF, 1999b, p. 12.

⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998. p. 13-36.

vida, sem consciência humana em seu afeto, distorcida porque indiferente para com os reais dilemas da existência.

O Cuidado é *éthos* de esperança que revela um novo modelo de moralidade pela convivência ao seu próximo; um princípio urgente e “primário”⁶⁵, aberto à multiplicidade relacional para a salvaguarda do todo da existência da pessoa, resgatando-a das inclinações e influências do instinto de violência e de entorpecimento por desejos dionisíacos do desfrute, que agredem a si e ao outro.⁶⁶ O Cuidado desenvolvido é o novo padrão de relações.⁶⁷

O efeito da crise civilizacional manifesta-se no descuido pela vida das pessoas inocentes, pobres e marginalizadas, em suas realidades existenciais e geográficas. Internamente, há o descuido para com os sonhos, o que induz ao abandono dos valores de generosidade, solidariedade, liberdade e dignidade. Observa-se um agudo descuido para com a espiritualidade, o que desconecta, fragmenta e enfraquece as atitudes humanas em sua relação com o “bem comum”.⁶⁸

O descuido foi provocado pelo abandono da religião, agredida como sendo um “complexo de Deus”, desperdiçando, assim, o que ela tem de profundo e precioso a oferecer: espiritualidade essencial que gera mudança e traz liberdade.⁶⁹ A espiritualidade, na linha da ética do Cuidado, consegue unir e integrar, resistindo ao “realismo materialista” inclinado a limitar a existência a simples matéria, eclipsando a transcendência humana.⁷⁰ Contudo, religião, moral e educação, por si apenas, em si mesmas, isoladas, são “remédios insuficientes”, incapazes de ir à raiz essencial do descuido.⁷¹ Observando-se com isso que não é motivador ao desenvolvimento qualquer linha de pensar que fragmenta, de forma “cartesiana”, “tudo” e “todos”.⁷²

A consciência moral de Cuidado é complexa, sistêmica, transcendental, capaz de superar limites de um período histórico marcado pela desconexão, esvaziamento e desvalorização do “sentimento pelo sagrado”, induzido ao maniqueísmo por uma realidade forjada na pseudoindependência existencial.⁷³ A

⁶⁵ BOFF, 1999b, p. 12-13.

⁶⁶ BOFF, 1999b, p. 14.

⁶⁷ BOFF, 1999b, p. 17.

⁶⁸ BOFF, 1999b, p. 18-19.

⁶⁹ GRÜN, Anselm. *Caminhos para a liberdade: vida espiritual como exercício para a liberdade interior*. Tradução Ilson Kayser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 56.

⁷⁰ BOFF, 1999b, p. 23.

⁷¹ BOFF, 1999b, p. 21-22.

⁷² PELIZZOLI, M. L. *Correntes da ética ambiental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 18.

⁷³ BOFF, 1999b, p. 24.

consciência essencial de ser presença, por um saber-se desejar e querer enquanto teoria e prática⁷⁴, se expande na responsabilidade, solidariedade e compaixão, cujo princípio básico é o Cuidado irrestrito e que agrega diversos valores traduzidos em “competência”, “honestidade” e “transparência” das intenções⁷⁵, de forma eclética e sem exclusivismos ideológicos, mas inter-relacionado, no aspecto de princípio, com as diversas culturas, ciências, teologias e filosofias.⁷⁶

O Cuidado é constitutivo e revelador do humano. Cada pessoa o possui potencialmente, enquanto um vir a ser. A “fábula-mito”⁷⁷ do Cuidado é imagem que representa a forma como cada pessoa foi criada e a forma que a mesma possui. As figuras que se apresentam no “mito” são referências paradigmáticas ao comportamento humano e indicativos da pessoa em sua “essência vital”.⁷⁸ Eis a fábula-mito:

Certa vez, atravessando um rio, ‘cura’ viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado nome. Enquanto ‘cura’ e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (*tellus*) querendo dar seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: ‘Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a ‘cura’ quem primeiro o formou, ele deve pertencer à ‘cura’ enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de húmus (terra).’⁷⁹

O Cuidado manifesta-se enquanto sentido da existência. Pelas dimensões “céu” e “terra” revela um humano sempre aberto e resistente a reduzir-se a uma única ou polarizada compreensão. É terra, mas possui algo de céu; é humano, mas possui algo de divino. Não se deixa limitar, está em desenvolvimento para o seu mais profundo eu.

Com a “fábula-mito” do Cuidado, a narrativa da criação quer expressar valores que não são adequadamente evidenciados pelas abstrações conceituais. Assim, a narrativa da criação contém experiências de várias culturas do oriente e do ocidente, o que a torna rica em simbolismos para o ser humano, aquele feito do pó,

⁷⁴ HEIDEGGER, 2014, p. 261.

⁷⁵ BOFF, 1999b, p. 25.

⁷⁶ BOFF, 1999b, p. 25-26.

⁷⁷ BOFF, 1999b, p. 58-61.

⁷⁸ BOFF, 1999b, p. 34-38.

⁷⁹ HEIDEGGER, 2014, p. 263-264.

do barro, do húmus, significando a sua filiação originária da “terra fértil”. Em hebraico, “terra” é chamada de “*Adhamah*”, da qual derivou “Adam”, entendido como filho e/ou filha da mãe terra. Dessa forma, é no feminino e masculino que há verdadeira comunicação, integral e em conexão.⁸⁰

A pessoa humana é única e múltipla, total, sem dicotomia, com uma historicidade permeada de utopias firmadas no tempo e espaço, capaz de desejar ser mais alto, céu, e reconhecer-se águia a voar, como prevê a sua própria natureza.⁸¹ O Cuidado une transcendência e imanência, razão e emoção, espiritual e material, formando um só corpo⁸² em referencial simbólico da dimensão pessoal plena. Ser “terra” compreende a pessoa enquanto plasticidade material, ser entre seres, em configuração de comportamento que lhe confere elevado sentido por influência interior e a capacita para a “autorrealização e autoconsciência”.⁸³

Destarte, ser terra significa desenvolver o sentimento de Cuidado para com tudo o que existe, pois ser terra

[...] nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade [...] é sentir a espiração até as entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam [...] é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local onde se habita. Ser terra é ser concreto [...] significa a nossa base firme, nosso ponto de contemplação do todo [...] plataforma para poder alçar vôo [sic] para além desta paisagem e deste pedaço de terra.⁸⁴

Ser terra é desenvolver o sentido moral de habitantes no espaço, reconhecedores do contexto vital que torna a pessoa humana, que a impulsiona ao encontro da outra metade do espaço vivencial por uma realidade escatológica e por uma dimensão espiritual solidificada na experiência de “céu”, pelo desejo de ultrapassar limites, na espera por alcançar o já presente em cada pessoa.

A cultura patriarcal, em sua pressão extrema, forneceu elementos para o acelerado processo de fragmentação do eu na medida em que rejeitou, de forma inconsciente ou maldosa, as contribuições derivadas da cultura matriarcal, o que gerou polarizações entre o masculino e o feminino e, por consequência, forçou e impôs um racionalismo transparente no descuido em suas múltiplas faces manifestas.

⁸⁰ PRIMAVESI, 1996, p. 310.

⁸¹ Para essa compreensão metafórica, observar o livro de Leonardo Boff. Cf. BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha*: uma metáfora da condição humana. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

⁸² BOFF, 1999b, p. 67.

⁸³ BOFF, 1999b, p. 72.

⁸⁴ BOFF, 1999b, p. 76-77.

2.4 A Natureza do Cuidado

O Cuidado é sentido de crítica para o tipo de sociedade em que vivemos: racionalista que esvazia a capacidade sensível de interação com o todo e torna difícil a convivência. É base fundamental que tem como fim de suas ações o bem que integra o todo.⁸⁵ O Cuidado é um prestar atenção em, é realizar, preocupar-se com, responsabilizar-se por⁸⁶, administrar, tomar conta, ter atenção para consigo interna e externamente. É um olhar para o futuro, projetar-se a partir do aqui como “comportamento” consciente de atenção e vigilância, para uma prática de responsabilidade além de si.

A palavra “Cuidado” deriva do latim *cura*, mesmo vocábulo na língua italiana. Na língua grega é *terapiáia*, que, derivado do verbo *terapeúo*, adquire o significado de acudir, socorrer a quem precisa, ajudando-o a sarar as suas doenças, expandindo-se, portanto, para o termo *serviço*.⁸⁷

Em seu aspecto de cura ou “coera”, manifesta seu costume de uso nas relações de amor e amizade, a expressar-se tanto por uma pessoa quanto por um objeto de forma inquietante.⁸⁸ O Cuidado na tradução “cura”⁸⁹ pode ser encontrado na expressão hebraica *rãfã*, que significa “viver” ou “fazer viver” como início de um processo de libertação de um ou algum estado de entrega ao mal moral.

Cuidado como “cura” busca fortalecer e fomentar a qualidade do viver na compreensão de humanidade que visa “salvação” e “purificação”, através da capacidade de tecer relações.⁹⁰ Relaciona-se aos dons do Espírito, enquanto “expressão da presença do Espírito”⁹¹, pelo qual sugere atenção, responsabilidade, salvação, um modo Ser-de-Deus.

O Cuidado é atitude que evoca pensar e agir, explicitando sua íntima relação com a dimensão responsabilidade, e que inclui reparação de danos eventualmente causados. Logo, enquanto cura, o Cuidado é forma ontológica⁹² que, pelas dimensões de compaixão e simpatia, adquire sentido de “[...] desvelo, solicitude,

⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Homem: satã ou anjo bom*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 43.

⁸⁶ HEIDEGGER, 2014, p. 261.

⁸⁷ RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 224.

⁸⁸ BOFF, 1999b, p. 91.

⁸⁹ HEIDEGGER, 2014, p. 264.

⁹⁰ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004. p. 502.

⁹¹ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova/Paulus/Loyola, 2008. p. 374.

⁹² HEIDEGGER, 2014, p. 265.

diligência, zelo, atenção, bom trato”⁹³, evoluindo na consciência o sentimento de responsabilidade, amor, compaixão. A intimidade desse estado de ser enquanto princípio revela possibilidade de salvação da humanidade.⁹⁴

O não desenvolvimento do Cuidado inibe o potencial de atualização do vir a ser “para o outro” enquanto movimento positivo de saída e retorno, o que torna a pessoa indiferente ao bem comum. Enquanto “modo de ser”⁹⁵, masculino e feminino, revela-se por atitudes que derivam da experiência com o sagrado, e se descobre no coração do universo enquanto lugar do mistério.⁹⁶

O Cuidado é o centro de equilíbrio e princípio necessário para a moral que, em sua “estrutura de uma virtude”⁹⁷, possibilita o desenvolver-se como ponto de conexão entre os extremos humanos. É representação prática do simbólico modo “amor para com o outro”, pois “[...] tudo o que cuidamos também amamos.”⁹⁸

O Cuidado é compaixão pelo seu modo concreto da representação da natureza da pessoa. Para ter compaixão é necessário submeter-se ao necessitado, rebaixar-se, realizar um processo *kenótico*⁹⁹, exercitando e desenvolvendo na Consciência a virtude do Cuidado de forma “compassiva” ou “co-dominante”.¹⁰⁰

O desenvolvimento de uma alma transcendental¹⁰¹, consciência de Cuidado, ressuscita no outro a capacidade de cuidar de si e do mundo ao agir consigo na mesma condição de amor para com o outro. Assim, “[...] cuidar do ser é também cuidar do outro, é também cuidar dessa alteridade que sempre nos escapa”¹⁰²; é, ainda, deixar-se estar e ser “[...] afetado e afetivamente ligado ao outro.”¹⁰³

Destarte, o Cuidado é o modo pelo qual também se nomeia a prática humana de moralidade, ato derivado da consciência em sua qualidade e atributo essencial revelado no meio em que o ser vive e no qual se estrutura o desejo de

⁹³ BOFF, 1999b, p. 91.

⁹⁴ BOFF, 1999b, p. 10.

⁹⁵ BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999a. p. 89.

⁹⁶ BOFF, 1999a, p. 120.

⁹⁷ FURROW, Dwight. *Ética: conceitos-chave em filosofia*. Tradução Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 144.

⁹⁸ BOFF, Leonardo. *Princípio de Compaixão e Cuidado: encontro entre ocidente e oriente*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 8.

⁹⁹ Referência ao processo de rebaixamento, o abaixar-se, o fazer-se pequeno como a criatura pela imitação do que fez o próprio Cristo. Cf. FILIPENSES, 2, 6-11. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁰⁰ FURROW, 2007, p. 144-145.

¹⁰¹ HEIDEGGER, 2014, p. 270.

¹⁰² LELOUP, Jean-Yves. *Uma arte de cuidar: estilo alexandrino*. Tradução Martha Gouveia da Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 37.

¹⁰³ LELOUP, 2009, p. 19.

intenção em guardar o valor do Cuidado, bem pessoal e social, que não é só um fazer ou adjetivo que se expõe pela beleza estético-sentimental, é atitude.¹⁰⁴

O Cuidado é presença¹⁰⁵ a mover-se do humano para o outro, um símbolo de alteridade e saída do eu que se conecta às dimensões transcendentais, meio e ligame entre o além e o aqui, criador e criaturas, matriz disciplinar de crítica para a contemporaneidade e interpretações de dilemas. É “[...] princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade”¹⁰⁶, um princípio comportamental universal, transcendente, que se relaciona com todas as realidades e formas de vida.¹⁰⁷ O judeu-cristão conhece o Cuidado pelo nome de *rahamim*, compaixão pela atitude de misericórdia e empatia. É o sentir a realidade do outro por solidariedade. Sentir com, mais que compreender. Nesse aspecto, cuidado é sintonia com, é auscultar o ritmo e afinar-se ao, atribuindo valor ao seu estado de sentimento, fazendo emergir daí a dimensão de alteridade, respeito, sacralidade, reciprocidade e complementaridade, cuja espiritualidade caracteriza-se na experiência de Cuidado pela misericórdia verificada na parábola do Bom Samaritano¹⁰⁸ e do Filho Pródigo.¹⁰⁹

O Cuidado pleno manifesta-se em Jesus Cristo¹¹⁰, por sua “Humanidade-Divindade”, em atitudes. Jesus Cristo cuidou enquanto “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”¹¹¹, com capacidade e conteúdo de cura manifesto em suas parábolas e palavras¹¹², indicando a realidade de salvação. De Jesus aprende-se a imitar seu jeito de cuidar através de atitudes capazes de despertar “[...] preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade.”¹¹³ Ele acolhia e compreendia a cada pessoa porque resgatava com perfeição a dimensão do Cuidado, colocando-a como base fundamental para interpretar a existência de cada ser.

¹⁰⁴ FURROW, 2007, p. 142.

¹⁰⁵ HEIDEGGER, 2014, p. 251.

¹⁰⁶ BOFF, 1999b, p. 13.

¹⁰⁷ BOFF, 1999b, p. 92.

¹⁰⁸ Lc 10, 30-37.

¹⁰⁹ Lc 15, 11-32.

¹¹⁰ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 198-206.

¹¹¹ DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução José Marino Luz; Johan Konings. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007. p. 301-302.

¹¹² GRÜN, Anselm. *Jesus como terapeuta: o poder curador das palavras*. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 15-77, 79-114.

¹¹³ BOFF, 1999b, p. 91.

Jesus Cristo é o que mais encarna a figura de Cuidado, por ter revelado um “Deus-Cuidado”, “[...] com a força da sua palavra e com os gestos de suas mãos”¹¹⁴, cuja “chave ética” é a misericórdia¹¹⁵ para com as pessoas perseguidas, excluídas e marginalizadas, que, pelo testemunho de pessoas seguidoras, buscam estreitar “laços de fraternidade”¹¹⁶ na expressão do cuidado pela ternura para com as pessoas.

Mesmo que o Cuidado ainda tenha sido pouco desenvolvido, ele “[...] é um a priori ontológico”¹¹⁷, o que

[...] evidencia que o dado originário não é o logos, a razão e as estruturas de compreensão, mas o *pathos*, o sentimento, a capacidade de simpatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar [...] nos une às coisas e nos envolve com as pessoas [...] produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento à fragilidade de um recém-nascido.¹¹⁸

Em muitas discussões, nas mais diversas áreas de conhecimento, tenta-se falar da razão desconexa da emoção. Se em uma disputa filosófica não houver emoção não haverá ânimo, força dinâmica, ação comunicativa para com a pessoa. Num grande empenho por uma descoberta científica, se não houver emoção não haverá gosto por continuar e aprofundar as pesquisas, pois “[...] as estruturas da existência circulam em torno da afetividade, do Cuidado, Eros, paixão, com-paixão, desejo, ternura, simpatia e do amor.”¹¹⁹

2.5 O Cuidado e suas Expressões

O *amor*.¹²⁰ É fundamento biológico que se desdobra na “acolhida” e na “socialização”, é “abertura”, “convivência” e comunhão com o outro, caracterizado pela partilha, cooperação¹²¹ e coexistência com força de “agregação”, “simpatia” e

¹¹⁴ PAGOLA, 2014, p. 206.

¹¹⁵ KASPER, Walter. *A misericórdia: Condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã*. Tradução Beatriz Luiz Gomes. São Paulo: Loyola, 2015. p. 165-176, 183-191.

¹¹⁶ BOFF, 1999b, p. 168-169.

¹¹⁷ BOFF, 1999b, p. 101.

¹¹⁸ BOFF, 1999b, p. 99-100.

¹¹⁹ BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: A busca dos fundamentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 80-81.

¹²⁰ BOFF, 1999b, p. 8.

¹²¹ ABDALLA, Maurício. *O princípio da Cooperação: em busca de uma nova racionalidade*: Paulus, 2002.

“solidariedade”, favorecido pelo Cuidado.¹²² Já a “*justa medida*” é convite a viver no equilíbrio¹²³ e compreender a vida como realidade “espiral”, complexa.¹²⁴

A *carícia essencial* é alta expressão do Cuidado. *Soma* que envolve o ser em sua totalidade, manifesto pelo símbolo da “mão” que toca, oferece afeto, “afaga” o “eu” e acaricia o humano em sua dimensão profunda. Sem a ternura-Cuidado não há carícia. “A *ternura vital* é sinônimo de cuidado essencial que deriva da própria existência e da sua relação com o todo que o circunda.”¹²⁵ Não é fechamento, é transcendência que se relaciona com a ternura sem sentimento de angústia. É espírito de fineza, clássico, doce que se revela na excelência das significações, nos sentimentos de valor atribuídos ao mundo e no compromisso pelo que existe, resistindo ao espírito calculador, que se interessa unicamente pela “eficácia”, pelo dinheiro, domínio e “poder”.¹²⁶ Se há violência ou evasão do que é íntimo na pessoa há desrespeito de limites, portanto, é agressão. Assim, “[...] a mão que acaricia representa o modo de ser cuidado.”¹²⁷

A *cordialidade fundamental* é identificada com o “ver” pelo coração e sensibilidade a cada ser no essencial não perceptível ao “olhar” racional.¹²⁸ Pela cordialidade o humano é capaz de sentir ao outro pelo cuidado. A “*convivialidade necessária*” possibilita a convivência das duas dimensões existentes no humano, “produção” e “Cuidado”.¹²⁹

A *compaixão*¹³⁰ favorece a capacidade de partilhar e “compartilhar” a paixão do outro e com o outro empaticamente, renunciando a tendência de dominação às pessoas e às suas vidas. Observa-se a contribuição do Judeu-Cristianismo que fala de Cuidado com o termo “misericórdia” (compaixão e empatia, revelados na pessoa de Jesus Cristo, por meio das parábolas do filho pródigo¹³¹, da pecadora pública¹³²,

¹²² BOFF, 1999b, p. 111.

¹²³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 48, 49, 104, 109.

¹²⁴ BOFF, 1999b, p. 112, 113, 116.

¹²⁵ BOFF, 1999b, p. 118.

¹²⁶ BOFF, 1999b, p. 119.

¹²⁷ BOFF, 1999b, p. 121.

¹²⁸ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução Dom Marcos Barbosa. 20. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

¹²⁹ BOFF, 1999b, p. 122-123.

¹³⁰ BOFF, 1999b, p. 12.

¹³¹ Lc 15, 11-32.

¹³² Jó 8, 1-11.

da ovelha tresmalhada¹³³, nas quais Deus-misericordioso¹³⁴ possui características de mãe).¹³⁵

Observa-se que o cuidado não se desenvolve “excluindo”, “deletando” o “tu” das relações, mas no olhar a face do outro como lugar de ressurreição, cujo ponto culminante é o amor¹³⁶ que cuida para uma vida digna e plena¹³⁷ de igualdade.

O Cuidado em sua dimensão política é *denúncia* daqueles e daquelas que oprimem. É consolo às pessoas desesperadas e aflitas. Manifesta disposição a correr riscos pela causa dos excluídos e excluídas em cuja lista se encontram pessoas que sofrem violência pela sua cor, raça, orientação sexual, religião.

No Cuidado de si, cada ser pessoa deve cuidar tanto dos anjos quanto dos demônios interiores, pois carrega tanto a forma angelical quanto a demoníaca. Essas forças podem unir e desunir, mas mediante a “liberdade” e a “responsabilidade” pode-se cuidar do espírito, através do cultivo de valores e sonhos que possibilitam firmeza no caminhar da vida em direção às forças interiores de esperança e contemplação, pela oração ao bem que está em toda pessoa no “Tudo” que é Deus.¹³⁸

É preciso Cuidado com a morte, a ausência de um espaço, sempre iminente. A morte não é o fim, mas o começo, o novo, um nascimento. Eis o sentido do morrer: ressuscitar, pois só ressuscita quem passa pela morte. Esse tipo de Cuidado dá-se pela interiorização na Consciência da Esperança, “que torna a vida mais agradável”¹³⁹ mesmo mediante a morte.¹⁴⁰ A vida, então, pode trazer o mesmo sentido que se atribui ao morrer, e a morte acaba por se tornar experiência de transformação pelo Amor.

2.6 Cuidado de Si

O Cuidado de si em relação ao Cuidado não é uma tautologia¹⁴¹, é basilar amostra de liberdade e poder do humano sobre si, mesmo diante das determinações

¹³³ Lc 15, 1-7.

¹³⁴ BOFF, 1999b, p. 127.

¹³⁵ CATECISMO..., 1999, p. 237 [n. 239].

¹³⁶ BOFF, 1999b, p. 139.

¹³⁷ Jó 10, 10.

¹³⁸ BOFF, 1999b, p. 141, 149, 152.

¹³⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*: Estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã. Tradução Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1971. p. 22.

¹⁴⁰ BOFF, 1999b, p. 127, 153.

¹⁴¹ HEIDEGGER, 2014, p. 260.

externas e da capacidade de governo de si e governo dos outros pelo autocontrole e conquistas. A “subjetivação” faz com que o ser pessoa possa mergulhar no seu eu integrando-se com o outro. Esse movimento é chamado *Epimilêiaheautoû*, que significa o Cuidado de si mesmo, uma condição específica para o desenvolvimento de uma consciência ocupada e preocupada consigo, cujo “conhece-te a ti mesmo” tem a mesma significação do “cuida de ti mesmo”.

O ser humano, pelo Cuidado de si, assume a dimensão de finitude e reconhece o seu ser limitado, “mortal”. Consequentemente, é capaz de administrar suas potencialidades, não se permitindo ao domínio ilusório. O “conhece-te a ti mesmo”¹⁴² está em íntima conexão com o “cuida de ti mesmo”.¹⁴³

A ocupação consigo mesmo manifesta a centralidade da ética humana que, em sua universalidade, observa primeiro o Cuidado de si antes de cuidar do outro como uma espécie de testemunho de realização. É sentido de objetivo pelo qual já deseja buscar realizar em si seu governo que transcende as realidades na forma de inspiração.¹⁴⁴

O Cuidado de si é fundamento para o autoconhecimento pela renúncia, cujo sentido é a direção ao outro. Assim, o bom comportamento deriva de um *insight* interior de Cuidado consigo, sem com isso entender como atitude egoísta, mas um “despertar” equilibrado na observação do seu próprio eu ao fim estabelecido como um bem ao outro. É um tirar a trave do seu próprio olho¹⁴⁵, um “amar ao próximo como a si mesmo.”¹⁴⁶ Portanto, uma consciência incapaz de contemplar a si não é capaz de desenvolver-se moralmente e estabelecer saudáveis conexões com o outro.

Sócrates é o modelo disposto por Michel Foucault para o Cuidado de si. Em suas interpelações, este cria memória nos corações sobre a necessidade do Cuidado de si.¹⁴⁷ Esse modelo de Cuidado tem a ver com o observar seu eu interior, a sua alma, e servir a uma verdade útil ao ser pessoa como referência para uma moral da subjetividade. O Cuidado de si é privilégio em sua forma mais restrita. Observa-se na história que só elites poderiam realizar tal luxo, enquanto que a

¹⁴² PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução Jean Melville. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. p. 4-6.

¹⁴⁴ FOUCAULT, 2010a, p. 6-8.

¹⁴⁵ Mt 7, 5.

¹⁴⁶ Mt 22, 37-39.

¹⁴⁷ FOUCAULT, 2010a, p. 9.

classe operária dedicava-se ao trabalho e à luta pela sobrevivência, à busca ao que comer, ao que vestir, além de cuidar do que pertencia às pessoas de classe privilegiada para que aquelas pudessem realizar-se em sua esfera contemplativa. Observa-se que o Cuidado de si, ainda hoje, é um “fenômeno” de elite, ainda mais em uma sociedade capitalista neoliberal com jornadas de trabalho sufocantes.

O Cuidado de si é acessível quando entendido como espiritualidade, mesmo sendo cultivo de poucos, o que gera desigualdade nos níveis de bem-estar. O Cuidado de si¹⁴⁸ é atenção e mudança de olhar que se direciona à interioridade, à subjetividade em seus pensamentos e crises, sofrimentos e frustrações em direção a uma liberdade de saber-se mais de si para a realização de seus projetos de vida.

No Cuidado de si realizam-se ações pelas quais se manifestam possibilidades de assumir, modificar, purificar, transformar e transfigurar as concepções da existência a partir de si mesma, o que permite à pessoa um desenvolvimento além do que é estabelecido, sinalizando uma realidade de ser que se encontra e vive em si uma condição de estabilidade no desejo de ir em direção à essência.

As técnicas para observar o seu interior e perceber as suas possíveis atrofias são indicadas no “assumir” o peso de ser quem se é em seus fracassos, dificuldades, indiferenças e conflitos. É dessa forma que o ser humano pode se redimir e “modificar-se” ao estado de conversão que observa em si características necessárias de mudança e encaminha-se à “purificação”: limpeza da alma pelo desapego e renúncia do que não permite o ser vir a ser quem é.¹⁴⁹ Purifica-se por uma espécie de ritual religioso que estabelece preparação para o novo, e que gera um estado de liberdade, configurando uma consciência de si.

Assim, passa-se à “transformação”: exercício de deixar as antigas formas. Esse é um processo em desenvolvimento, uma ação de transformar-se pelo conflito, o que gera uma nova compreensão de virtude, cuja finalidade é o “transfigurar-se”, ou seja, adquirir uma nova figura, nova imagem de si mesmo, uma nova consciência, alcançando o ponto mais alto da evolução e universalização de princípios, e visualizando o sentido de glória manifesta na luta em direção ao desejo.

O caminho para o Cuidado de si dá-se na prática da meditação, no fazer memória de si pelo exame de consciência, verificando as verdades que se

¹⁴⁸ FOUCAULT, 2010a, p. 10-11.

¹⁴⁹ GRÜN, 2005, p. 79-82.

manifestam e gritam por alcançar novos estágios.¹⁵⁰ Por essa prática de subjetividade, a pessoa conhece a si e pode auxiliar o outro no avanço do relacionamento com o que há de mais íntimo e precioso em seu estado de ser.

Na atenção aos conflitos internos, o ser humano encontra caminhos para evoluir em seu desenvolvimento e necessidade de moralidade e princípio pelas variações de Cuidado e de ocupação consigo. Pois quem busca no outro o pleno prazer da existência vive estagnado e em descuido do seu eu. O melhor eu livre é o si mesmo, para que possa fazer do outro um melhor.¹⁵¹

Por isso, o desenvolvimento da moralidade pessoal influencia e colabora para que a subjetividade venha a ser autônoma e relacional, coletiva, corrigindo-a sem deixar-se agredir e nem agredir, modificando-se para que o outro alcance força sem gerar no eu fraqueza.

Consequentemente, o Cuidado de si manifesta-se enquanto espiritualidade e assume em seu conteúdo práticas e ritos que oferecem benefícios ao sujeito em vista de que o mesmo realize profundo encontro consigo, por uma presença que encaminha a verdade, pelo desejo de ser, e a necessidade de resistência, por uma ascese libertadora.¹⁵² Portanto, o acesso à verdade do princípio de universalidade ética dá-se por uma visão de Cuidado de si no cultivo da transcendência, que é,

[...] para a espiritualidade, um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo, [que] jamais conseguiria dar acesso à verdade se não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito.¹⁵³

A prática de uma espiritualidade mergulha o sujeito no Cuidado de si na medida em que faz com que o mesmo volte-se para si mesmo e acesse o seu conteúdo mais profundo de verdade pelo conhecimento como caminho aberto e indefinido, capaz da verdade no conhecer a si mesmo e Cuidado de si.¹⁵⁴ Por muito tempo a reflexão sobre o Cuidado de si foi abandonada, mas não perdeu conexão e importância de equilíbrio para discernimentos e julgamentos. Observa-se que a teologia foi responsável por esse rompimento e nela se encontram as raízes desse rompimento conectivo, na medida em que uma pessoa conhece a Deus, coloca-o como modelo de sua vida e põe-se em seguimento desse Deus. Logo, dispensa o

¹⁵⁰ FOUCAULT, 2010a, p. 12.

¹⁵¹ HEIDEGGER, 2014, p. 254.

¹⁵² FOUCAULT, 2010a, p. 13-16.

¹⁵³ FOUCAULT, 2010a, p. 17.

¹⁵⁴ FOUCAULT, 2010a, p. 18-19.

observar-se a si e o cuidar de si, cujo fim é conhecer-se. Contudo, a partir desse encontro com a divindade tudo já está dado, relevado, e já se sabe por onde caminhar.

Em um segundo momento essa consciência entende que Deus é aquele que tudo conhece, Onisciente, e as pessoas podem conhecer a esse Deus; e o que dele deriva pode ser auxílio certo e verdadeiro para as realidades de relação no mundo. Assim, não há necessidade de voltar-se para si no objetivo de conhecer-se, basta voltar-se para Deus, pois para conhecer a verdade basta que se conheça a Deus: “[...] conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”¹⁵⁵, associando o ato do conhecimento de si, do Cuidado de si, a uma espécie de espiritualidade.¹⁵⁶

A filosofia do XIX reencontra o Cuidado na forma de Cuidado de si, como configuração mais universal de espiritualidade e, em um primeiro momento, como privilégio social, político e econômico, cuja necessidade é o ocupar-se consigo, principalmente quando justifica que “[...] temos que nos ocupar com nós mesmos e é para podermos fazê-lo que confiamos a outros nossos trabalhos.”¹⁵⁷ Observa-se, mais uma vez, e com explícita clareza, que o Cuidado de si está ligado a pessoas livres, de altas classes, um privilégio que os escravos e subalternos, a classe trabalhadora, não poderia obter nem dar-se ao luxo.

Na máxima “aplica teu espírito sobre ti mesmo”¹⁵⁸ nasce o Cuidado, especificamente quando observa-se a pessoa desejosa do governo dos outros e outras e incapaz de governar a si. Nesse momento se observa o conselho oferecido a Alcibíades pelo jovem Cármides: “Toma consciência das qualidades que possuis e assim poderá tomar parte da vida política.”¹⁵⁹ O Cuidado de si equilibra o Cuidado do outro, gerando a forma original e essencial do Cuidado, que é a verdadeira justiça, cuja balança equilibra-se, de um lado, pelo “outro” e, de outro lado, pelo “eu”. Precisa-se que esses cuidados estejam equilibrados. O Cuidado de si, por analogia, manifesta-se no desenvolvimento das qualidades de sabedoria, justiça, temperança, coragem.¹⁶⁰

O Cuidado de si é um descobrir-se em desenvolvimento constante de sua potência, um aceitar-se, acolher-se e, no reconhecimento das imperfeições, assumi-

¹⁵⁵ Jó 8, 32.

¹⁵⁶ FOUCAULT, 2010a, p. 26-29.

¹⁵⁷ FOUCAULT, 2010a, p. 31.

¹⁵⁸ FOUCAULT, 2010a, p. 32.

¹⁵⁹ FOUCAULT, 2010a, p. 32.

¹⁶⁰ FOUCAULT, 2010a, p. 33.

las. Quem não observa suas inferioridades morais, seu atraso de consciência, não é capaz do Cuidado. Para isso, faz-se necessário um “autoexame” para a construção de uma subjetividade edificada na profundidade do eu, o Cuidado de si.¹⁶¹ A verdadeira tecnologia do Cuidado se encontra por meio da observação do seu eu, cujo fim é externalizar o essencial eu melhor, que eleva o outro ao mais alto nível de desenvolvimento.

Na medida em que a pessoa descobre sua ignorância, essa é capaz de entender que chegou o tempo de cuidar de si antes de cuidar do outro, de buscar evoluir e desenvolver a sua consciência moral de Cuidado, evitando projeções do seu eu no desenvolvimento do outro. Assim, faz-se necessário o “ocupar-se consigo”, “tomar cuidado de si mesmo”¹⁶², que se revela frutífero exercício de poder pelo qual se manifesta segura autonomia de relação na esperança, na ocupação consigo para um bom governo de outros. É por uma educação de si, suficientemente profunda, que se edifica o cuidado de si.¹⁶³

A pessoa que ignora a necessidade de ocupar-se consigo revela-se perdida no externo e com inclinações possíveis de desconexão da sua base essencial. Assim, a pergunta sobre “quem sou eu?” respondida pode encaminhar à profunda compreensão de quem é o outro. Assim, é no conhecimento da identidade pessoal que a pessoa adquire capacidade de se relacionar, humanamente e moralmente, para além de si quando estabelece sólida conexão, reconhecendo o outro em si e o eu no outro, sem confundir-se ou misturar-se, mas, livremente, entendendo que o outro importa e o constitui em acréscimo ao seu eu.

Se alguém quer ser gestor de alguma coisa deve começar a gerir primeiro a si¹⁶⁴, a sua felicidade, o seu bem estar, e evoluir os seus níveis de cuidado. E esse se liga intimamente à condição do governo dos outros.¹⁶⁵ O desenvolvimento do “cuidado de si” não reforça noções que bloqueiam desejos, mas pode ainda hoje promover realidades com capacidade de constituir uma nova moralidade. Dessa

¹⁶¹ FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade. Tradução Howison Lectures. *Revista de Comunicação e linguagem*: publicação da área das Ciências da Comunicação, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Cosmos, n. 19, p. 203-223, 1993. p. 203-223.

¹⁶² FOUCAULT, 2010a, p. 34.

¹⁶³ JUNG, Carl. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Tradução Frei Valdemar do Amaral. São Paulo: Círculo do Livro, 1972. p. 148-167.

¹⁶⁴ GRÜN, Anselm. *A arte de ser mestre de si mesmo para ser líder de pessoas*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2012. p. 20-24.

¹⁶⁵ FOUCAULT, 2010a, p. 36-37.

forma, não há uma desconexão com os princípios tradicionais, “[...] mas deslocamento, desvio de diferença e de acentuação.”¹⁶⁶

Foucault apresenta algumas tecnologias do Cuidado de si, ou subjetivação, que possibilitam o acesso à verdade na consciência da pessoa. Primeiro, mediante os ritos de “purificação”: na medida em que olham para a sua divindade e realizam seus ritos, ouvem seus ensinamentos, realizam os sacrifícios e mantêm-se vivos na esperança, alimentando-se, cujo fim é obter forças para perseguir seus sonhos. O segundo momento da tecnologia do Cuidado está na “concentração da alma”: impedindo o dispersante, mas observando o que faz sofrer e alegrar. A terceira técnica é a do “retiro” como forma de desconectar, manter-se ausente de um espaço para encontrar-se consigo em outro espaço, no qual não fará experiências de sensações e agitações já vivenciadas de forma corriqueira; é uma necessidade de “ausência visível”. A quarta técnica manifesta-se na “prática da resistência”, que faz com que cada um possa carregar a sua cruz¹⁶⁷, suportar as provações que a vida lhe oferece, enfrentar as dores e dificuldades como forma de conexão e geração de conflito, com a finalidade de um estado de vida consciente e capaz de gerar discernimento em situações conflitantes.

Foucault expõe técnicas simples para o cuidado de si, como “escutar músicas, respirar perfumes”, “exame de consciência”, “reconstrução do dia” – observando os momentos de acertos, erros, falhas –, purificação das dores e projeção positiva por imagens mentais de um dia melhor. Pela técnica de reconstrução, mantém-se uma visão de esperança, observando o passado, o presente e os anseios de futuro. O Cuidado de si é meticuloso, é exercício diário de auto-observação e de deserto.¹⁶⁸

A técnica da “provação” desenvolve no indivíduo resistência, quando então ele é capaz de organizar situações, contextos e realidades, que se manifestam tentadoras, para que se realize o exercício de fortaleza e renúncia. Toma-se como exemplo o preparo de um alimento saboroso: a pessoa, depois de um período em jejum, convida amigos e amigas para confraternizar. Aquela que estava em jejum, observa o alimento, o seu cheiro, imagina o seu sabor, deseja e pode possuí-lo, mas

¹⁶⁶ FOUCAULT, 2010a, p. 86.

¹⁶⁷ SALVIFICI Doloris. *Carta Apostólica de João Paulo II aos Bispos, aos Sacerdotes, às famílias religiosas e aos fiéis da Igreja Católica sobre o sentido Cristão do sofrimento humano*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 22.

¹⁶⁸ FOUCAULT, 2010a, p. 44-45.

mesmo em sua vontade resiste e renuncia a tê-lo. Tal ato educa e desenvolve a consciência para que ela, sadia, comporte-se com sabedoria e sobriedade em momentos extremos e exigentes de renúncia, com foco, justiça e desapego.¹⁶⁹

A pessoa será, ao fim dessa experiência de observação de todos que ali estão se alimentando, e ele livremente resistindo, capaz de entender seus níveis de resistência a determinadas realidades que lhe oferecem prazeres, possibilitando estratégias para o controle de suas ações. Tudo isso deve ser organizado para provar-se em nível de fragilidade e necessidade de evolução, pois, “[...] é preciso habituar a alma, a partir de todos os pontos do corpo, a se reunir em si mesma, a refluir sobre si, a residir em si mesma tanto quanto possível [e] [...] tomar a alma em suas mãos.”¹⁷⁰ Dessa forma, “[...] ao cuidar de si, o ser-aí está cuidando, em outras palavras, do mundo fático que é o dele.”¹⁷¹

O Cuidado de si desenvolvido é um “eu devo afetivo”¹⁷², que capacita a pessoa para o Cuidado com o outro contra a origem do descuido interior que se detém no desejo que o outro faça, mas não o faz. Não é apenas uma moral dupla, mas uma desatenção ao estado de ser. Para isso é possível dar o primeiro passo ao ocupar-se com sua alma em seu aspecto transcendental, de sentido.

O amor manifesta-se no nível em que entende que o seu sentido está em indicar ao seu amante o caminho para o cuidado de si¹⁷³, sustentado no “conhece a ti mesmo”, no “dobrar-se sobre si”, desligar-se das sensações ilusórias, manter-se presente em seu aspecto de “fixidez imóvel”, importando-se com o hoje, cujo entendimento do passado é realidade influenciadora do presente. Mas, em seu conhecimento possível de ser corrigida, vê a si na profundidade essencial manifesta no outro, pelo cuidado, evoluindo a si enquanto finalidade.¹⁷⁴ Foucault afirma que

[...] para ocupar-se consigo, é preciso conhecer-se a si mesmo; para conhecer-se, é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si; é preciso olhar-se em um elemento que seja o próprio princípio do saber e do conhecimento; e esse princípio do saber e do conhecimento é divino. Portanto, é preciso olhar no elemento divino para reconhecer-se: é preciso conhecer o divino para reconhecer a si mesmo.¹⁷⁵

¹⁶⁹ GRÜN, 2005, p. 69-73.

¹⁷⁰ FOUCAULT, 2010a, p. 46.

¹⁷¹ CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 133.

¹⁷² NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. Tradução Magda Lopes. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 217.

¹⁷³ FOUCAULT, 2010a, p. 49-55.

¹⁷⁴ NODDINGS, 2003, p. 218.

¹⁷⁵ FOUCAULT, 2010a, p. 66.

Ocupar-se consigo tem por sentido gerar pessoas autônomas e relacionais, constituídas em si por seu próprio caminho por toda a vida de forma tal que “[...] conhecer-se, conhecer o divino, reconhecer o divino em si mesmo, é fundamental”¹⁷⁶ para o cuidado de si, cuja finalidade não é o si mesmo, mas uma mudança, *metánoia*, que se torna necessária, urgente e “coextensiva” como um dever¹⁷⁷, no sentido moral.¹⁷⁸ Portanto, ninguém “[...] pode cuidar de si sem se conhecer”¹⁷⁹, o que indica que o cuidado com os outros é manifestação do anterior cuidado de si.¹⁸⁰

A autoterapia e a terapia, a prática da cura e do cuidado começam em si, na capacidade de cultivar-se em sua própria alma, observando em si mesmo a composição do princípio universal¹⁸¹, cuja “[...] meta da prática de si é o eu.”¹⁸² Dessa forma, o governo dos outros passa através de uma relação consigo mesmo, o que oferece à subjetividade uma função importante ao fazer saber que o mundo e o cuidado do outro, em sua moralidade, o seu desenvolvimento, estabelece relação com a subjetividade. O cuidado é uma realidade espontânea e, por isso, o seu desenvolvimento acontece pela autocompreensão¹⁸³, pela necessidade de cuidar da vida, entendendo-a como verdadeira obra de arte, uma “estética da existência”¹⁸⁴, pois tal comportamento de cuidado não se equipara a uma obediência ou lei moral, mas volta ao essencialmente original no humano, manifesto em sua fundamental felicidade: “cuidar e ser cuidado”.¹⁸⁵ O governo do outro enquanto poder é “[...] um poder de cuidado”¹⁸⁶ e o Cuidado de si é “[...] fio condutor de uma reflexão ética centrada na técnica de si.”¹⁸⁷

O Cuidado de si não está relacionado a uma realidade de individualismo sem “código de valores”¹⁸⁸, mas a uma austeridade, a uma “cultura de si”, indicada como “arte da existência”, que se torna fundamento para o desenvolvimento e

¹⁷⁶ FOUCAULT, 2010a, p. 70.

¹⁷⁷ KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. Tradução Edson Bini. 2. ed. Bauru: Edipro, 2008. p. 238.

¹⁷⁸ FOUCAULT, 2010a, p. 70-81.

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b. p. 43.

¹⁸⁰ FOUCAULT, 2010b, p. 354.

¹⁸¹ FOUCAULT, 2010a, p. 89-101.

¹⁸² FOUCAULT, 2010a, p. 114.

¹⁸³ FOUCAULT, 2010b, p. 343-344.

¹⁸⁴ CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 121-148.

¹⁸⁵ NODDINGS, 2003, p. 220.

¹⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 170.

¹⁸⁷ FOUCAULT, 2008, p. 498.

¹⁸⁸ RAND, Ayn. *A revolta de Atlas*. Tradução Paulo Britto. São Paulo: Arqueiro, 2012. p. 412.

organização da vida prática, cujo fim é a saúde da alma. Se o corpo se desenvolve pelo exercício físico, a alma humana se desenvolve pelo exercício de cuidado, cujo desenvolvimento é penoso, mas deve ser enfrentado com coragem¹⁸⁹ para que obtenha o alcance da cura, a salvação de si, e a possibilidade de se retirar em si mesmo, oferecendo-se ao necessário e importante tempo para o encontrar-se¹⁹⁰ na contemplação essencial e necessária ao cuidado do outro e de tudo o que existe.

Na pesquisa histórica de Foucault, o “cuidado de si” é apresentado em sua linha cronológica como um “privilégio-dever”, uma espécie de ciência cuja aplicação primeira dá-se pela subjetivação, não levando em consideração tempo e espaço, o que indica o Cuidado como realidade constante, necessária e presente.¹⁹¹

O Cuidado de si possibilita o encontro da justiça em meio aos excessos e faltas na justa medida. Essa prática pode ser considerada uma “verdadeira prática social”¹⁹², e se manifesta na “solidariedade”.¹⁹³ Aplica-se ao Cuidado de si, entendido na forma de exercício, as mesmas características apresentadas sobre o amor. Por conseguinte, o Cuidado, em sua extensa complexidade, é arte de moralidade para o alcance do seu essencial princípio.¹⁹⁴ Dessa forma, como toda arte, há que se concentrar em seus exercícios para que possa gerar o necessário desenvolvimento.

Na linguagem de Erich Fromm sobre o amor, aplicada ao Cuidado, é possível indicá-lo como arte a ser desenvolvida através de uma experiência pessoal, negando-se a conectar-se por imposições externas para que se evitem atrasos em sua consciência, o que retarda o acesso à verdade do Cuidado de si e do outro. É pela experiência pessoal do Cuidado de si que se desenvolve qualquer outro aspecto de Cuidado do outro.¹⁹⁵

Para o exercício de Cuidado de si exige-se “disciplina” e “concentração”¹⁹⁶, e, ao mesmo tempo, faz-se necessário que se manifeste o cultivo da paciência, pois “[...] quem anda atrás de resultados rápidos nunca aprende uma arte.”¹⁹⁷ Ao mesmo

¹⁸⁹ FOUCAULT, 2010b, p. 44.

¹⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: O Cuidado de Si*. Vol. 3. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz na Terra, 2014. p. 57-60.

¹⁹¹ FOUCAULT, 2014, p. 62-63.

¹⁹² FOUCAULT, 2014, p. 67.

¹⁹³ FOUCAULT, 2014, p. 79.

¹⁹⁴ FROMM, Erich. *A arte de amar*. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. p. 19-23.

¹⁹⁵ FROMM, 1961, p. 106.

¹⁹⁶ FROMM, 1961, p. 19-23, 108.

¹⁹⁷ FROMM, 1961, p. 109.

tempo, é preciso “preocupação”¹⁹⁸, cujo fim é o alcance de nobreza e perfeição ao máximo de si. Essa arte é para a vida toda e não se pode obtê-la por um método educativo formal e específico, mas no exercício de reconhecimento enquanto ser pertencente a uma dinâmica transcendental essencial. É realidade de “devoção” ao cuidado. Em suma, é preciso guardar as palavras “disciplina”, “concentração”, “paciência”, para que se desenvolva o cultivo de si em todas as etapas da existência.¹⁹⁹

O Cuidado é, assim como o amor, uma entrega que se faz na esperança e tem em si uma realidade que se movimenta pela fé e faz com que não se pratique injustiças.²⁰⁰ Logo, uma moral medíocre, uma fé medíocre, uma justiça medíocre, um valor medíocre, uma verdade medíocre e uma pessoa medíocre serão identificadas por “[...] um cuidado medíocre.”²⁰¹

¹⁹⁸ FROMM, 1961, p. 109.

¹⁹⁹ FROMM, 1961, p. 110.

²⁰⁰ FOUCAULT, 2010b, p. 290.

²⁰¹ FROMM, 1961, p.124.

3 DIÁLOGO SOBRE O MISTÉRIO DA CONSCIÊNCIA

A pesquisa sobre a realidade da consciência deseja comunicar o invisível e ilimitado que se deixa aproximar por uma experiência fenomênica, observante de si e do outro em seu comportamento, como que por veredas em um labirinto em trilha “mistérica”, profunda e obscura, e que se impõe como possibilidade. E, seu desenvolver-se, suscita sempre, e cada vez mais, dúvidas sobre a veracidade do insight obtido, sendo este na opacidade daquela manifestação.²⁰²

A consciência é um fenômeno incontrollável, por ser significativa da condição de mutabilidade existencial, pela qual, de forma natural, sequencial e constante, esvazia a lógica de um esforço descritivo de entendimento de manifestações: indicativa, revelada e aprendida, contudo sem se deixar apreender totalmente. É lugar da livre sensibilidade da pessoa e “[...] centro da relação infinita espaço-tempo”²⁰³, pela qual se apresentam funções em relação à integralidade da consciência de si, estendida nas esferas “individual e coletiva”.²⁰⁴

Em sua expressão individual, a consciência é “personalidade” e “identidade”, com características singulares, cujo destaque é a pessoa capaz de em si e por si vivenciar experiências de decisão, de vida e/ou de morte, de dor, sofrimentos e/ou alegrias²⁰⁵, que a torna “insubstituível” em seu “saber-se” de não ser transmissão plena de si nem comunicação completa ao outro.²⁰⁶ Por conseguinte, mesmo por empatia, critério de saúde mental²⁰⁷, não se alcançará a verdade total manifesta nos caminhos de decisão moral que o outro experimenta, pois cada consciência é “ente único, inconfundível”.²⁰⁸

Expressando-se coletivamente a nível religioso, a pessoa (consciência) é abertura e autonomia, não mais “[...] alimentada pela lei, mas na comunhão com Jesus Cristo.”²⁰⁹ Através das relações, reflete a vida apreendida do outro, gerando

²⁰² DAMÁSIO, António Rosa. *O mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 44-49.

²⁰³ COMPARATO, Fábio Konder. *Ética, direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 460.

²⁰⁴ COMPARATO, 2006, p. 460.

²⁰⁵ HEIDEGGER, 2014, p. 240.

²⁰⁶ COMPARATO, 2006, p. 460-461.

²⁰⁷ SIMON, Robert. *Homens maus fazem o que homens bons sonham: um psiquiatra forense ilumina o lado obscuro do comportamento humano*. Tradução Laís Andrade e Rafael Rodrigues Torres. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 303.

²⁰⁸ COMPARATO, 2006, p. 461.

²⁰⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. Tradução Helberto Michel. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 155.

uma consciência feliz²¹⁰, harmonicamente situada, serena e equilibrada, no lócus axiológico de decisões fundamentais do seu ser no mundo, tornando-se reflexo da política na qual acredita, do Estado no qual se insere e espelho da comunidade social à qual pertence.²¹¹ Portanto, não se tem uma consciência, se é “consciência de”; e a verificação desta dá-se ao reconhecer e aceitar o seu si mesmo no seu “eu e minhas circunstâncias”²¹² e saber-se “Ser- ai”²¹³, um “estar-no-mundo”.²¹⁴

Na busca por delimitar a compreensão do sentido e da natureza da consciência, a pessoa que observa se direcionará ao mundo da possibilidade e da hipótese sem poder provar sua real dinâmica e expressão. Contudo, é possível a verificabilidade de seus níveis, intuitivamente, descrevendo-a na forma experiencial-narrativa pelas ações da pessoa-sujeito de tal “órgão de valor” que revela, por atitudes, princípios e sentimentos, uma ética em movimento.

3.1 Consciência de Ser Presença Inquietante

Comparato²¹⁵ busca entender o que é ser consciência, com indicações importantes pelas vias da “liberdade” e da “responsabilidade”. Em sua observação, só a pessoa humana tem “[...] consciência do bem e do mal, capaz das maiores crueldades e vilanias, assim como dos gestos mais heróicos [sic] e sublimes”²¹⁶, cuja construção da sua identidade, inclinada a tais feitos, dá-se pelas ações através de uma “consciência histórica”.²¹⁷ Essa consciência se manifesta no mundo por contornos emocionais oriundos de assimilação de símbolos de transcendência, bem como de ramificações religiosas e suas imagens, que “[...] constituem ‘aberturas’ para um mundo trans-histórico”²¹⁸ em combinações biológicas, psicológicas e sociológicas, assumidas em sua compreensão nos valores que fazem a pessoa ser protagonista e não apenas observante fria, distante, o que acaba por rejeitar uma

²¹⁰ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. p. 157.

²¹¹ COMPARATO, 2006, p. 462.

²¹² GASSET, J. O. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Ibero-Americano, 1967. p. 52.

²¹³ HEIDEGGER, 2014, p. 272.

²¹⁴ HEIDEGGER, 2014, p. 52.

²¹⁵ COMPARATO, 2006, p. 463.

²¹⁶ ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 17-18.

²¹⁷ RABUSKE, A. Edivino. *Antropologia Filosófica: Um estudo Sistemico*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 164.

²¹⁸ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 74.

compreensão apenas como “consciência de historiadora”²¹⁹, reclamando o reconhecimento como intérprete viva e esperançosa.

Buscar entender os caminhos do bom, do certo e do errado da vida, dos julgamentos, do discernimento sobre o que é o bem e o mal, revela-se como amostra de consciência inquieta, que não descansa até que não repouse na completude infinita.²²⁰ Na estabilidade de consciência da pessoa se encontra o que ela é, o seu si mesmo, manifestado pelo desejo, culpa ou frustrações.

Há consciências que se manifestam direcionadas à verdadeira realidade quando ela se vê lançada, repentinamente, no centro conflituoso e conturbado de incertezas sobre as necessárias decisões. E, não obstante firme em sentimentos e razões de segurança por seguir a verdade, recupera-se de si e, livre, segue, mesmo sofrendo. Ela não cede às ilógicas produções de fantasias originadas dos considerados raciocínios patológicos da culpa deformadora de uma pseudopercepção de julgamentos que a torna sombria e lastimável.

A consciência sã processa e promove o discernimento sobre o que determinam as vias do comportamento “bom”, “adequado”, “correto” e “apropriado”²²¹, vinculada a uma concepção ética, ou, como preferimos dizer, uma concepção teológica²²², dentro da gama possível da matriz que se impõe como intérprete de realidades históricas, no assento dos desejos conexos em padrões e raciocínios sobre decidir pelo que se apresenta como sinal das raízes históricas herdadas.

É, então, pela ética que se constitui a consciência da pessoa. Também é na consciência da pessoa constituída pela ética que se desenvolve e amplia raciocínios sobre o que é a moralidade, a verdade e o bem em suas ações. Tais raciocínios, em vista de decidir sobre o bem, são típicos da tradição grega, judaica e cristã²²³, mesmo com o reconhecido esforço, não são só objetivo, racional, mas, também, ligados às emoções, motivadas pelo desejo e vontade.

²¹⁹ RABUSKE, 2003, p. 164-165.

²²⁰ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002. p. 19.

²²¹ MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética Cristã*. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 19.

²²² TAMAYO-ACOSTA, Juan Jose. A Ética como Teologia Primeira. In. SIDEKUM, Antonio. (Org.). *Interpelação Ética*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003. p. 19 -57.

²²³ FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Tradução L. A. Bahia; Giasone Rebuá. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 172.

O que caracteriza uma decisão consciente é o “pré” e “pós-ato” decidido, desde que não provoque em seu coração sensações de vazio, respostas incompletas ou sentimento de culpa sem direção e/ou causa aparente, gerando instabilidade de sentimento em busca de uma ilusória solidez conceitual de justiça e do bem.

3.2 Consciência Desenvolvida em Meio ao Pluralismo pelo Cuidado

Uma consciência desenvolvida é alicerçada pelas expressões do Cuidado, inclinada às mudanças positivas por manifestar e adequar os valores adquiridos aos costumes na sociedade diversa e plural, na qual, de forma particular, se entende a movimentação para o bem. Cada pessoa é uma, com sua história, particularmente específica ao inserir-se no mundo. Por isso, há consciências. Porém, todas elas derivam de uma direção de desejo de “consciência” pelo intercâmbio de visões de mundo e compreensões do ser pessoa.

As consciências encontram-se submersas no “pluralismo” e na liquidez das sociedades²²⁴, num envolvente e dinâmico processo de reconstrução pelas vias da relativização, que pode chegar ao relativismo moral e ético, em que tudo é incerto e sem possibilidade de se compreender com tal visão por muito tempo.²²⁵ Portanto, o seu desenvolvimento acontecerá na medida em que se reconheça como necessidade de sobrevivência a cada humano, em vista da guarda de seus valores através da constante “barganha cognitiva”²²⁶, tendo por base uma ética do Cuidado capaz de diálogo, e que, ao evocar o passado, reflita o que já não mais é em si mesma.

Consciência é devir, fluidez, movimento, continuidade, liquidez. É vir a ser para, por meio do que alcança a sua mais perfeita existência na interiorização e no Cuidado de Si, manifesto pela capacidade de redefinir, influenciar e determinar, levando adiante projetos de expansão do seu sentido, devido à “contaminação cognitiva”²²⁷ daquilo que mais forte se impõe com força ou influência.

²²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001. p. 8.

²²⁵ BAUMAN, 2001, p. 23.

²²⁶ BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 22.

²²⁷ BERGER, 2017, p. 21.

3.3 O Mistério do Dilema da Consciência e suas Determinações

A consciência é mistério.²²⁸ O ser humano consegue mergulhar, mas não alcançar sua profundidade.²²⁹ É “[...] um processo infinito de busca e de consecução de respostas.”²³⁰ Lugar operacional de discernimentos, em meio aos conflitos gerados pelos dilemas éticos, quando mergulhados no pluralismo ou fundamentalismo de caminhos que se apresentam como a verdade do bem, que alivia e liberta, lugar no qual se faz a escolha²³¹ de forma eficaz e satisfatória, embora rápida, ou lenta, e até inconsciente. Dilemas de consciência são parte do processo de humanização e não uma agonia destruidora. A consciência, tendo por base estruturas e caminhos de decisão para a realização de decisões a partir do percurso escolhido, acaba, por pressão, ativando a sua capacidade interior, reagindo de forma impulsiva, o que gera um ciclo habitual de decisão originado de uma espécie de “treinamento de consciência”²³², pelo qual aprende o impulso da autonomia pelas influências diversas de ofertas de valor.

A noção de consciência é parcialmente determinada pela “antropologia”, uma visão de ser humano que se escolhe ou que lhe foi apresentada por vias religiosas, revelada. E, ainda, que se relaciona com o discurso da salvação, principalmente a compreensão dos comportamentos que conduz à escolha de modelos de relação que encaminha a pessoa ao *self* de salvação.²³³

O termo consciência indica realidade dinâmica evolutiva. É negativa de qualquer possibilidade estática. Não é solidão ou isolamento, mas seu determinante – “influências” –, sejam elas religiosas, culturais, econômicas, políticas ou sociais, que se manifestam para além da “metassujeira”.²³⁴

A consciência é identificada no sistema nervoso central e, pela observação “psicológica”, no “ser consciente”, o saber-se, o porquê do seu fazer, revelando a

²²⁸ GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 17.

²²⁹ DAMÁSIO, 2015, p. 204-206.

²³⁰ GUARESCHI, 2005, p. 18.

²³¹ Contudo, a nossa consciência nunca será pura. O sonho de Pureza implantado no nosso coração diz apenas da minha pureza na qual eu decidi, eu escolhi – e não se diz do todo da escolha. Uma pessoa que escolhe uva em detrimento da melancia tem em sua consciência as realidades fundantes do seu sentimento que indicam o que é a verdade. Assim, a não escolha da sua realidade de verdade manifesta-se como uma traição e destruição do que é a sua consciência. É um sufocar o seu grito interior, silencioso, mas que queremos ouvir.

²³² DUHIGG, Charles. *O poder do hábito*. Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios. Tradução Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 92.

²³³ LACOSTE, 2004, p. 426.

²³⁴ BAUMAN, 1998, p. 20.

sua liberdade de ação e percepção do outro²³⁵, e o “ser sensível”, que se dirige na ordem da afetividade e da cognição.²³⁶ Contudo, não para nos limites impostos, ela é “transcendental”²³⁷ e se rege pelas vias espirituais.

A palavra Consciência (*Cum*) significa juntos e “*Scientia, scire*”, conhecer, é conhecer em conjunto, compartilhado através de princípios e costumes.²³⁸ É o “[...] núcleo mais íntimo e o Santuário em que ela se auto conhece [sic] pelo confronto com Deus e com seus semelhantes”²³⁹, compartilhando o saber-se pela “[...] acusação, como desculpa, como ajuda, como garantia.”²⁴⁰

A origem do termo consciência vem da cultura grega exposta pelo vocábulo *Syneidesis*, “saber de saber”, que indica uma incapacidade para o isolamento e a natural abertura para construir-se na interrelação com o outro no “saber conjunto”²⁴¹, que avança no alcance da “consciência de si”²⁴², que transforma e se constrói na alteridade²⁴³, pela experiência do encontro com as vias sociais ou religiosas. Ela se refaz no saber retido e se aprimora no “com-outro” pela memória evocada e representada pelas decisões de vir a ser mais.²⁴⁴

A presença consciente é um “apreender” e um “prender” que não se faz na agenda do amanhã, mas no *cronos* pleno do desejo de oferecer-se ao outro. Dessa forma, retomar o termo “consciência de si”²⁴⁵ é indicar que ela, também, “[...] é o mesmo que se encontra no Outro.”²⁴⁶ É confirmada como alteridade “intencional” ou “voluntária”, que “[...] implica presença, posição-diante-de-si.”²⁴⁷

O termo *nóos*, usado na cultura grega para designar realidades ligadas à moral, também faz referência à consciência. Contudo, o termo *Syneidesis*, que

²³⁵ SPANGENBERG, Alejandro. *Terapia gestaltística e a inversão da queda*. Tradução Magda Furtado de Queiroz. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 9-22.

²³⁶ PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã: manual de ética teológica*. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2005. p. 185.

²³⁷ BERGER, 2017, p. 197.

²³⁸ BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: A busca dos fundamentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 36-37.

²³⁹ HÁERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. p. 208-209.

²⁴⁰ VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Tradução Pe. Ivo Montanhese. 3. ed. São Paulo: Santuário, 1986. p. 249.

²⁴¹ COMPARATO, 2006, p. 462.

²⁴² LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: Ensaio sobre a alteridade*. Tradução Pergentino Stefano Pivatto. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 167.

²⁴³ LÉVINAS, 2005, p. 167.

²⁴⁴ LÉVINAS, 2005, p. 167.

²⁴⁵ HEGEL, 1992, p. 136-158.

²⁴⁶ LÉVINAS, 2005, p. 166.

²⁴⁷ LÉVINAS, 2005, p. 170.

evoca o mesmo significado, é utilizado com mais frequência no helenismo²⁴⁸, referindo-se ao partilhar com o outro e ao observar a si no mais íntimo como objeto de si mesmo e lugar da autocrítica como forma do “eu” estar no mundo pelas ações.

Na Filosofia Grega há uma evolução na compreensão da consciência moral, entendendo-a como fornecedora de juízo de valor às próprias ações de si. Dessa forma, essa visão vem carregada de compreensões religiosas, do ajudar a pessoa a dar-se conta de seus atos culpáveis, ativando, também, o senso de culpa, que a impulsiona a ritos de expiação e purificação de “pecados”, tendo como condição o arrependimento e a penitência em vista do salvar-se aqui para a vida seguinte a viver.²⁴⁹

Para avançar no sentido da consciência, há que se entender a pessoa, buscar a objetivação do seu ato e saber a tipologia do ser por base na atitude, bem como a consciência nela manifesta. De qualquer sorte, todo esse conhecimento, por ser uno e da pessoa individualizada, será sempre “intuitivo”, porque apenas “co-experimenta seus atos”²⁵⁰ manifestados nas expressões de amor e compaixão, sendo a consciência uma “co-consciência” que se expressa no Cuidado.

A *Syneidesis* está como aquela que reacende a acusação e instiga a si mesma ao mais terrível julgamento, “[...] segundo a relação que exista entre suas ações e o ideal de valores que experimenta no amor à própria pessoa.”²⁵¹ Contudo, ela não é só entendida em si mesma como fonte de valores, mas é, acima de tudo, amor²⁵², ou seja, não apenas carrasco que pune, castiga, mas um baú metafórico com marcas de contínua construção de um ter sido amado e de amar para manter em si a potência do amor. Em outras palavras,

É a chave para que se coloque sob escrutínio uma vida, seja isso bom ou mau; é o bilhete de ingresso, nossa iniciação em saber tudo sobre fome, sede, sexo, lágrimas, prazer, intuição, o fluxo de imagens que dominamos pensamentos, os sentimentos, as palavras, as histórias, as crenças, a música e a poesia, a felicidade e o êxtase [...] permite-nos reconhecer um impulso irresistível para permanecer vivos e cultivar o interesse pelo self [...] a consciência ajuda-nos a cultivar um interesse por outra pessoa e a aperfeiçoar a arte de viver.²⁵³

²⁴⁸ PIGHIN, 2005, p. 189.

²⁴⁹ VIDAL, Marciano. *Ética Teológica: Conceitos fundamentais*. Tradução Jaime A. Clasen; Ephraim F. Alvez. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 289.

²⁵⁰ WOJTYLA, Karol. *Max Sheler e a ética Cristã*. Tradução Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993. p. 35.

²⁵¹ WOJTYLA, 1993, p. 36.

²⁵² WOJTYLA, 1993, p. 36.

²⁵³ DAMÁSIO, 2015, p. 17.

A consciência possibilita o autoconhecimento, a alteridade e a interrelação existencial. Enquanto realidade imperceptível em si mesma, é visível em comportamentos e produz resultado no tempo em que se faz necessária a distinção entre o bem e o mal, agindo conforme o discernimento adotado a partir de um determinado juízo que exige o espaço. Contudo, não se limita e não se submete à dominação pela regra a ela imposta, é “livre pela responsabilidade”,²⁵⁴ pois “[...] só o ser humano de consciência livre pode assumir responsabilidade”²⁵⁵, capaz de ser o que é em sua construção²⁵⁶, vinculada “com a condição humana”.²⁵⁷

A consciência também é “normatividade” e “obrigação” de si mesma em meio ao individual e social. Ela emerge e se define enquanto “voz” interior, lugar da intimidade, na medida em que a pessoa “[...] cumpre normas [...] porque compreende o dever de cumpri-las.”²⁵⁸

A consciência é resultado da experiência histórica do humano, realizada de acordo com as concepções herdadas e purificadas na subjetividade como resultado de diversos fatores dos quais não se tem a sonhada objetividade Cartesiana. Assim, enquanto fruto da história social fundida com a estruturalização da personalidade individual, é definida como subjetividade histórica, um eu social.²⁵⁹

3.4 A Consciência e seus Aspectos Cristãos

A consciência, em sua natureza, é, na visão cristã, de forma análoga, “uma vela sem chama”. E quem fornece luz a essa chama é o Cristo: Luz verdadeira para a vida e o caminhar na vida. Por Cristo, a consciência é capaz de “[...] irradiar ao mundo sinais do Espírito como aquele que aquece e habita a alma.”²⁶⁰ É “luz interior”, iluminação que se dá pela fé e oferece sentido de vida e esperança.²⁶¹ É “o próprio

²⁵⁴ BONHOEFFER, 2015, p. 157.

²⁵⁵ BONHOEFFER, 2015, p. 157.

²⁵⁶ TRANSFERETTI, José Antonio. *Introdução à ética teológica*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 79.

²⁵⁷ VIDAL, Marciano. *Psicologia do sentido moral*. Tradução Marcelo C. Araújo. Aparecida, SP: Santuário, 2008. p. 108.

²⁵⁸ VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’ Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 188.

²⁵⁹ VÁSQUEZ, 2017, p. 184-189.

²⁶⁰ HÄERING, 1979, p. 209.

²⁶¹ VIDAL, 1986, p. 376.

agir moral”²⁶²; “lugar de mediação”²⁶³, da “autonomia” e da “comunhão”²⁶⁴ que se coloca entre a moralidade e os princípios do agir em vista do desejado Bem.

A consciência cristã realiza, de forma efetiva e afetiva, a experiência de “decisão ética”, isto é, “[...] escolhas concretas, aprovando as boas e denunciando as más.”²⁶⁵ “Atesta a autoridade da verdade referente ao Bem supremo”²⁶⁶ no encontro “[...] com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo.”²⁶⁷ É transcendência, realidade absoluta, presente e invisível, livre e independente, que se constrói na dinâmica de um “eu que é nós e nós que é eu”²⁶⁸, direcionando-se a um Tu que se completa no totalmente outro como profundo símbolo de “retorno à interioridade”.²⁶⁹

A consciência moral apresenta-se como centro da subjetividade da pessoa que segue a Jesus Cristo. “É uma lei de nosso espírito... É a mensageira daquele que, no mundo da natureza bem como no mundo da graça, nos fala através de um véu, nos instrui e nos governa... é o primeiro de todos os vigários de Cristo.”²⁷⁰ É a sua marca espiritual de interioridade, por meio da qual pode apresentar-se como ser religioso e encontrar a capacidade para o discernimento ético, observando o juízo do valor moral das ações pelas condenações e absolvições, impetradas pelo invisível tribunal onde ressoa uma lei moral, na qual há profunda integração e interação entre a consciência, a lei e o assentimento da vontade humana, que vai do desejo à obediência. “É um julgamento da razão.”²⁷¹ Por isso a ela não se deve contrariar, pois “[...] ela aparece como acusação pela unidade perdida e como advertência contra um determinado ser.”²⁷²

Para tornar-se livre do peso das cargas e conflitos de decisão sobre o bem e o mal, e para que a decisão ofereça o mais alto grau de liberdade, no aspecto cristão, para não carregar o sentimento de culpa, que se cumpra a lei, a lei do amor,

²⁶² VAZ, Henrique C. de Lima. Crise e verdade da Consciência moral. *Síntese Nova Fase*: revista de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, v. 25, n. 83, p. 461-476, 1998. p. 475.

²⁶³ VAZ, 1998, p. 462.

²⁶⁴ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética, direito e Democracia*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 329.

²⁶⁵ CATECISMO..., 1999, p. 480 [n. 1777].

²⁶⁶ CATECISMO..., 1999, p. 480 [n. 1777].

²⁶⁷ BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.

²⁶⁸ TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Tradução Róbson Ramos Reis et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 275-276.

²⁶⁹ LÉVINAS, 2005, p. 177.

²⁷⁰ NEUMAN apud CATECISMO..., 1999, p. 481 [n. 1778].

²⁷¹ CATECISMO..., 1999, p. 481 [n. 1778].

²⁷² BONHOEFFER, 2015, p. 154.

que mais se aproxima do que significa uma ação consciente, quando qualquer lei lhe for indicada como dever.²⁷³ Pois a não obediência à voz da consciência acarreta sérias conseqüências para o ser humano, como a “destruição” e o “desmoronamento” do seu ser pessoa, o vazio existencial de si mesmo; sendo que realizar uma ação contra a consciência é “[...] ação suicida contra a própria vida.”²⁷⁴

É pelo cumprimento livre da lei que se demonstra resistência e progresso, desde que não destrua a dignidade da pessoa que deve ter como centro o “gênio do coração”²⁷⁵, da consciência de Cuidado, o Cristo. Dessa forma, a dimensão do amor a si, ao outro e ao que foi abraçado como seguimento adquire amplitude e capacidade de expansão no amor, o próprio Cristo. Ele é, para o Cristão, a fonte donde emanam a ética e o princípio para o desenvolvimento e sustento de uma consciência moral.²⁷⁶

O Concílio Vaticano II apresenta, em sua visão sobre a questão da consciência, um conteúdo que observa a inteira dignidade humana. Assim, faz-se necessário e fundamental reproduzir, em sua inteireza, o profundo conteúdo existente no número 16 da *Gaudium et Spes*, que revela o que é e que tipo de consciência deve ter uma pessoa cristã. Eis o conteúdo:

Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei, que não dá a si mesmo, mas à qual deve obedecer; e essa voz, que sempre o chama a amar e praticar o bem e evitar o mal, no momento oportuno, soa-lhes aos ouvidos do coração: fazei isso, evita aquilo. De fato, o homem tem uma lei inscrita por Deus em seu coração; obedecer-lhe é sua própria dignidade e de acordo com ela será julgado (Rm 2, 14-16). A Consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem, no qual ele está sozinho com Deus, cuja voz ressoa em seu íntimo. Pela consciência, descobre-se de modo admirável aquela lei, que se cumpre no amor a Deus e do próximo (Mt 22, 37-40; Gl 5,14). Pela fidelidade à consciência, os cristãos se unem aos homens na busca da verdade e na solução de muitos problemas morais que surgem tanto na vida individual quanto na social. Portanto, quanto mais prevalecer a consciência reta, tanto mais as pessoas e os grupos se afastam de um arbítrio cego e se esforçam por conformar-se a normas objetivas de moralidade. Contudo, não raro acontece que, por ignorância invencível, a consciência erra, embora sem perder a sua dignidade. Isso, porém, não se pode dizer quando o homem pouco se preocupa em procurar a verdade e o bem e, pelo hábito do pecado, pouco a pouco a consciência se torna quase cega.²⁷⁷

²⁷³ TRANSFERETTI, 2015, p. 80.

²⁷⁴ BONHOEFFER, 2015, p. 154.

²⁷⁵ WOJTYLA, 1993, p. 31.

²⁷⁶ WOJTYLA, 1993, p. 37.

²⁷⁷ GAUDIUM et Spes. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos*. N. 16. Tradução Monsenhor Antonio Luiz Catelan Ferreira et al. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 217.

O ser humano é um ser que carrega em si uma dignidade. Ela “[...] implica e exige a retidão da consciência moral”²⁷⁸, sinal de imagem e semelhança do seu criador, que molda a interioridade e, mesmo sem a esperada e devida nitidez, deformada pela concupiscência, não perde sua “sacralidade”, cuja razão não é o esforço humano pessoal, mas o dom, Graça do Criador.

Pela consciência, o humano se relaciona com o seu Criador enquanto criatura, recebendo dele os sinais de unidade, comunicação e presença, abrindo-se à realização com o outro. Pela sua presença transcendental, promove uma espiritualidade de agradecimento e seguimento quando obedece, na liberdade, ao seu Criador. Pois a lei já está inscrita em seu íntimo, e, por isso, decide-se pelo seguimento, na confiança, na obediência justa. Pois, “[...] para ficar verdadeiramente parecido com o Mestre, é necessário assumir a centralidade do mandamento do amor”²⁷⁹, e, por conseguinte, alcançar uma vida bem vivida que obedece e realiza o imperativo do amor e do perdão pelo ecoar no íntimo do coração, o que deve realizar ou evitar pela lei, que é o próprio Cristo.²⁸⁰

Quem acolhe a lei, Cristo, é aquele ou aquela que se abandona no Seu seguimento e encontra o ápice no amor, na entrega, na renúncia, na doação de si, assentindo o seu coração na obediência da liberdade pela fé para a salvação, bem como a libertação de seus males e culpas. Em Cristo, o “libertador da consciência”, a pessoa torna-se corajosa e não tem compromisso unicamente com a lei, está “[...] amplamente aberta para o próximo e suas necessidades concretas.”²⁸¹

A consciência de quem decidiu seguir a Jesus não é egoísta, intimista, mas íntima, sendo chamada a viver “[...] o mesmo destino do Senhor, inclusive até a cruz.”²⁸² Não é algo formado pelos contextos sociais ou determinado só pelas realidades biológicas e psíquicas, ou determinado pelos contextos de vivências, mas formado pela lei maior, a lei do Amor²⁸³, abandonando toda a base que se fundamenta no poder, na obrigação ou no sentimento do fazer, apenas por dever.

²⁷⁸ CATECISMO..., 1999, p. 481 [n. 1780].

²⁷⁹ CELAM [Conselho Episcopal Latino-Americano]. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*; 13-31 de maio de 2007. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007. p. 74. [n. 138].

²⁸⁰ Não foi uma Lei que o próprio ser humano “inventou”, como afirma Bonhoeffer (2015, p. 154). O seu compromisso é com o seguimento de Cristo. Com o Próprio Cristo, com a lei que é Cristo.

²⁸¹ BONHOEFFER, 2015, p. 155.

²⁸² CLEAM, 2007, p. 74, [n. 140].

²⁸³ Jó 15, 12.

Consciência é atuação livre no amor de si e do outro, direcionado a Deus, cujo testemunho é o se conhecer e viver em Deus²⁸⁴, fundamento do ser indiviso e completo.²⁸⁵ Aos que decidem seguir a Cristo, têm sua consciência “natural” substituída pela “consciência libertada”, ou seja, “[...] já não sou eu quem vivo, é Cristo que vive em mim.”²⁸⁶ Portanto, “na comunhão”, Cristo torna-se a Consciência para quem crê.²⁸⁷

A consciência Cristã é seguidora e disponível. Esse seguimento dá-se a partir do encontro com o outro, no rosto que o outro manifesta, necessitado de Cuidado. A lei do amor posta no coração humano é a que torna, pelo sentimento, a capacidade de abraçar o outro como sendo o si mesmo e de gravar em seu coração a necessidade de realizar o bem. Além do seguimento, a consciência é aquela que dialoga com outras esferas do mundo em busca do bem e da afinação correta e completa com o realizar e realizar-se, amar e ser amado.²⁸⁸

A consciência Cristã é fonte e essência para o “bem moral”. É testemunha do nível ético no qual a pessoa se encontra e pelo qual busca entender as possibilidades de reestruturação do ser como profundidade de expressão em seu ato de comportamento.²⁸⁹ A consciência é instância apelativa interpelada pelos ensinamentos de Cristo no reconhecimento de si como lugar místico, secreto e sagrado, no qual o homem e a mulher preservam, perseveram e alimentam a sua conexão espiritual com o seu ser divino.

Uma consciência cristã não se deixa formar por técnicas externas ou mecanismos psicológicos, sociais, teóricos, mas pela fé, em que Cristo é centro total, “forma e conteúdo”²⁹⁰, essência e natureza. Se a pessoa em sua individualidade não revelar, em suas ações, os princípios do Cristo, revela-se apenas possuidora de hábito. Assim, o centro e o modelo de discernimento é ser o próprio Cristo em seus princípios, Lei e único método para o qual se dirigem todas as ações e decisões conscientes.

²⁸⁴ I JOÃO, 4, 8. 16. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁸⁵ 1Jo 4, 19-21.

²⁸⁶ GÁLATAS, 2, 20. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

²⁸⁷ BONHOEFFER, 2015, p. 155.

²⁸⁸ TRANSFERETTI, 2015, p. 80-87.

²⁸⁹ HARING, Bernhard. *A Lei de Cristo*. Teologia Moral par Sacerdotes e Leigos. Tomo I. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Herder, 1960. p. 197.

²⁹⁰ HARING, 1960, p. 197.

Contudo, na consciência, mesmo aquela que se decidiu por Cristo, há, na forma de senso comum, princípios universais de culturas e espaços, uma “[...] voz que [...] clama pela unidade da existência humana consigo mesma”²⁹¹, sentida e atribuída à divindade ou ao bem guardado no mais íntimo do coração humano: a voz da transcendência.²⁹²

É conhecimento da verdade do puro bem e de si, “instinto” que quer conservar a pureza pessoal e espiritual como “força ordenadora”, harmonia “cósmica” e “divina” em sua impessoalidade. Ligada às leis eternas, manifesta-se como “participação”, por ser lugar e forma de espírito que aponta para a verdade do bem “viver segundo a natureza”²⁹³ em Deus.

A consciência permite a “responsabilidade dos atos praticados”²⁹⁴ projetados pelo “núcleo de princípios”, enquanto dispensadora das “expressões da ação moral” e “sede da moralidade”.²⁹⁵ Embora portadora de princípios pertencentes à escala de valores universais, a consciência cria a sua “categoria subjetiva do universo moral”²⁹⁶, interpretando e redirecionando os valores nos quais vive. Ela é “expressão da pessoa” e, mesmo que permeada de uma estrutura ético-religiosa, “[...] não se deixa fixar apenas em raciocínios e abstrações combinadas por uma lógica dominante, pois é “atitude espiritual”²⁹⁷, derivada do desenvolvimento gerado por sequenciais conexões de encontros espirituais, quedas e retrocessos, sustentados pela mística que forma e reforma, na graça, a realidade da pessoa. Ela revitaliza-se e reaviva-se em uma sempre nova visão de valores pelo Espírito Santo, “[...] o mestre interior que conduz ao conhecimento da verdade total.”²⁹⁸

A consciência tem por missão manifestar a vontade de Deus para a pessoa através do seu senso interior de erro: “faça isso, evita aquilo”²⁹⁹, na esperança de uma decisão pela qual responde a Deus quando Ihe fala.³⁰⁰ A *Syneidesis* é elástica, móvel, “[...] contrai-se, recebe, reflete, embaralha (certeira ou caprichosamente) os

²⁹¹ BONHOEFFER, 2015, p. 154.

²⁹² HARING, 1960, p. 198.

²⁹³ HARING, 1960, p. 198.

²⁹⁴ CATECISMO..., 1999, p. 482 [n. 1781].

²⁹⁵ VIDAL, 1986, p. 347.

²⁹⁶ VIDAL, 1986, p. 348.

²⁹⁷ VIDAL, 1999, p. 295.

²⁹⁸ CLEAM, 2007, p. 78 [n. 152].

²⁹⁹ SANTA SÉ, 2018.

³⁰⁰ VIDAL, 1999, p. 295-296.

conteúdos.”³⁰¹ É por ela que se percebe a pessoa em sua totalidade e unidade³⁰² com Deus.

Destarte, “[...] perante os outros, a necessidade justifica o homem da livre responsabilidade. Perante si mesmo, é a consciência que o diz inocente, mas, diante de Deus, ele só espera por misericórdia.”³⁰³ Nessa perspectiva, “[...] o veredicto do juízo de consciência continua sendo penhor de esperança e misericórdia.”³⁰⁴ Ela é o lugar onde ressoa a voz da própria Misericórdia.³⁰⁵ Logo, a partir do seu encontro com Cristo, “[...] uma consciência verdadeiramente cristã é marcada pela liberdade e fidelidade criativas que brotam da fé em Cristo.”³⁰⁶

A consciência expõe-se enquanto “reciprocidade”³⁰⁷, aberta à integração irrestrita e conexão abstrata de energias da emoção e transcendências vinculantes no espaço e para além do espaço. É um Tu que responde ao Outro e sai do isolamento paralisante. Identifica e gera valores pelo sentimento.³⁰⁸ Por isso, em alguns aspectos, coloca o sentimento para além dos valores.³⁰⁹ Capaz de manifestar a “essência axiológica” da consciência³¹⁰, sendo o coração o que busca alinhar-se ao bem que é o “próprio valor”.³¹¹ A consciência conecta-se ao sentimento, atribuindo valor emocional às realidades objetivas, por se originarem no amor.

3.5 Consciência das Ações Morais

As ações morais não devem ser determinadas enquanto morais ou imorais se estas se encontram apenas na subconsciência do amor. Contudo, a inconsciência deste deve tornar-se consciente, pelo Cuidado, a quem lança mão da libertação do consciente no inconsciente por uma fé segura da sua realidade e do saber em quem acreditou. Há que se saber que o subconsciente não é predominante centro da consciência. É, apenas, estágio de evolução na imperfeição

³⁰¹ VIDAL, 1986, p. 360.

³⁰² VIDAL, 1986, p. 360.

³⁰³ BONHOEFFER, 2015, p. 155.

³⁰⁴ CATECISMO..., 1999, p. 282 [n. 1781].

³⁰⁵ KASPER, 2015, p. 30.

³⁰⁶ HÁERING, 1979, p. 232.

³⁰⁷ VIDAL, 1999, p. 309.

³⁰⁸ DAMÁSIO, António Rosa. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁰⁹ WOJTYLA, 1993, p. 20.

³¹⁰ WOJTYLA, 1993, p. 23.

³¹¹ WOJTYLA, 1993, p. 24.

que se revela nos atos de “imaturidades ou de retrocessos”³¹², formado pelo “eco da sociedade”.

Na consciência, os valores não são desenvolvidos sem referências, ainda que haja purificação, filtros nas realidades. Não há liberdade em plenitude a ponto de uma escolha do tipo de consciência que se desenvolve ou a condição de existência e condicionamentos a exercerem influência na “consciência individual”. Todo o processo de vir a ser consciente dá-se via “consciência coletiva”, derivada de uma história, sociedade e povo. Contudo, “[...] a consciência, por sua própria natureza, não é conformista; deve poder dizer não, quando tudo o mais diga sim; e para poder dizer esse ‘não’ tem de estar certa da correção do juízo no qual se baseia o não.”³¹³

Por conseguinte, a consciência verdadeira, capaz de autonomia e autenticidade, para empenhar-se na continuidade do seu desenvolvimento, há mais de quatro milênios³¹⁴, é aquela que se encontra no equilíbrio entre o assumir a realidade sócio-histórica e a responsabilidade na sociedade, inserida em um determinado tipo de cultura, providencialmente oferecida enquanto espaço para crescer e para um desenvolver espiritual e, por isso mesmo, ético. Portanto, ao se expor às dinâmicas da condução ao desenvolvimento moral, há, como possibilidade imediata, dois caminhos paralelos ou simultâneos para a consciência: a despersonalização em massa ou as revoluções apenas por rebeldia.³¹⁵

A subconsciência é capaz de suplantar a consciência, gerando falsa consciência moral quando a sua atuação dá-se na forma de falseabilidade da “voz” da verdade, derivada de uma sequencial camuflagem, gerada pela repressão dos desejos que potencializam mecanismos de “projeção” e “racionalização”. Essa “voz” não poderá ser ouvida, e a pessoa não será capaz de realizar sua ação a partir dela, entregando-se ao conformismo³¹⁶, pois a consciência em sua existência e autonomia dá-se quando o ser humano “[...] sente a si mesmo como tal, não como uma coisa, como uma mercadoria.”³¹⁷

A subconsciência, mesmo gerando dupla motivação consciente e inconsciente, deve ser integrada à consciência, não determinando a sua

³¹² VIDAL, 1986, p. 362.

³¹³ FROMM, 1974, p. 172.

³¹⁴ FROMM, 1974, p. 173.

³¹⁵ VIDAL, 1986, p. 363.

³¹⁶ FROMM, 1974, p. 172.

³¹⁷ FROMM, 1974, p. 172.

predominância.³¹⁸ Contudo, pela fé, acredita-se que, quando o evangelho é pregado “[...] acertadamente e a educação é baseada nele, o superego não é reforçado, e a pessoa vai gradualmente libertando-se de sua dominação. Ele pode tornar-se um aliado do mecanismo de conscientização social.”³¹⁹

Há que, de certa forma, pensar e buscar questionar se estão falando de uma consciência inconsciente ou de um consciente manifesto, pois, dentro das diversas estruturas, observa-se que há um determinismo no “desenvolvimento”, bem como há condicionamentos que se impõe de forma inconsciente, gerando mecanismos de defesa sem a devida compreensão por parte da pessoa, produzindo uma consciência “intermediária” nas relações eu-mundo.³²⁰

A corrente Behaviorista, de forma radical, não se preocupa em refletir sobre a consciência, por entendê-la como realidade de estímulo e resposta, o que a exclui da sua reflexão. Assim, não lhe é oferecido um lugar para a palavra consciência, por entender o humano como aquele regido pelas leis da recompensa e por um castigo educado por reforços. Desse modo, viver é entendido como treinamento para que o ser humano possa vir a desenvolver um comportamento aceitável.³²¹

Háering observa que, para alguns teóricos da psicologia ou sociólogos, falar de consciência em nada acrescenta ao ser humano. O que importa, para eles, é o que a escola, enquanto instituição, pode fazer para que a pessoa se ajuste à sociedade. Assim, a consciência é guiada pela instituição, o que leva a uma manipulação, de obrigação institucional, sem a preocupação com a construção da felicidade da pessoa em si mesma e do bem comum. Consequentemente, a formação da consciência apresenta-se com função de ajustamento e não de libertação do ser humano ou de entendê-lo como sujeito de amor e Cuidado.³²²

A consciência moral não é fenômeno que se apresenta de modo limitado no tempo e espaço nos quais o ser humano se encontra, pois ela, “[...] como produto histórico-social, está sujeita a um processo e desenvolvimento e mudança.”³²³ Não é possível verificá-la nos moldes materiais ou científicos. Contudo, é possível sentir uma consciência escatológica³²⁴ quando a pessoa crente é capaz de perceber-se

³¹⁸ VIDAL, 1986, p. 368.

³¹⁹ HÁERING, 1979, p. 219.

³²⁰ PIGHIN, 2005, p. 186.

³²¹ HÁERING, 1979, p. 216.

³²² HÁERING, 1979, p. 217.

³²³ VÁSQUEZ, 2017, p. 187.

³²⁴ MOLTMANN, 1971, p. 23, 121.

toda mergulhada e apoiada³²⁵ na gratuidade³²⁶ da graça. Por conseguinte, de forma personalizada, ela diz respeito a uma pessoa, sua história, traumas, sonhos, realidades contornadas, contudo não totalmente superadas. Compreende-se no mais íntimo do ser, onde realiza e reconhece-se como imagem de Deus, tendo em conta a pessoa humana em sua complexidade existencial.³²⁷

A consciência é o “núcleo mais secreto e o sacrário”³²⁸, realidade de inclinação personalista³²⁹, em que se encontra o profundo “valor da pessoa”.³³⁰ Destarte, a pessoa é a sua consciência e a consciência é a pessoa, pois ambas sofrem mutações e se desenvolvem no decorrer do tempo, sendo que, nessa comunhão, a realidade de transcendência não se desliga da matéria e não cria dicotomia, mas une-se a ela, gerando novo conteúdo existencial.

Pessoa e consciência são nomes que designam o mesmo conteúdo de ser imagem e semelhança do Criador, capaz de infinito. A consciência moral é a pessoa inteira, “a própria pessoa”³³¹, suas ilusórias culpas, alegrias, a certeza de ter realizado algo de forma correta, alívio por praticar o bem e assim transbordar a certeza do bem em si mesmo, e que realiza, já aqui, o desejo do ser eterno.

A dimensão moral da consciência não está presa às realidades produzidas racionalmente ou provadas por argumentos de escolas e doutrinas, que determinam as formas de decisão. Uma consciência moral transcendental e espiritual, se podemos assim dizer, é dom. Cabe ao ser desenvolver a sensibilidade de, ao mais agudo possível, auscultar essa voz que não lhe é por si mesma produzida, que pede sempre para “fazer o bem e evitar o mal”,³³² por ter e deixar-se “socorrer”³³³ pela graça, verdadeiro motor para seu desenvolvimento.³³⁴

Para o crente, é uma “superconsciência”, “[...] a palavra propriamente dita de Deus, sua palavra revelada, a voz de Deus dirigida pessoalmente a nós de um modo sobrenatural.”³³⁵ Está “aberta ao que vem. É “memória” prometida na qual esperamos, uma vez que é “esperança” segura que compromete “[...] de um modo

³²⁵ AGOSTINHO, Santo. *A Graça II*. Tradução Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999. p. 37.

³²⁶ AGOSTINHO, Santo. *A Graça I*. Tradução Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. p. 115.

³²⁷ VIDAL, 1986, p. 230.

³²⁸ SANTA SÉ, 2018, p. 216.

³²⁹ VIDAL, 1986, p. 372.

³³⁰ VIDAL, 1986, p. 373.

³³¹ VIDAL, 1986, p. 374.

³³² SANTA SÉ, 2018, p. 216.

³³³ AGOSTINHO, 1999, p. 106.

³³⁴ PIGHIN, 2005, p. 188.

³³⁵ VIDAL, 1986, p. 375.

mais sério no compromisso intra-mundano, sabendo que é o lugar da ‘eleição’ e da ‘salvação’ de Deus.”³³⁶ É disposição inata mais profunda, primeiro hábito, da inteligência prática”.³³⁷ É lugar da correção dos erros e da mudança de vida que assegura decisões purificadas.³³⁸

3.6 Bases de Origem Prática sobre a Consciência

A consciência revela-se como capaz de adaptação, de produzir-se e moldar-se de acordo com a estrutura que o meio exige. Nessa linha de reflexão, não é a consciência que gera o vir a ser, mas um vir a ser que forma a consciência. De acordo com a estrutura biológica, ela é “forjada” e inclina-se variando em seu meio os comportamentos. Portanto, nessa lógica, o estilo moral das ações decorre das inclinações do gene da imoralidade de “base genética”³³⁹, pois o meio é quem dá a codificação e predetermina os impulsos de decisão. Dessa forma, não se diz que tais ações podem ser boas ou más se produzidas pela própria natureza, sendo que esta não oportuniza a liberdade plena de ação do indivíduo.

A consciência, também, é entendida como reflexo do meio no qual a pessoa vive.³⁴⁰ Não havendo consciência pura ou querida, desejada por vontade, mas apenas fruto de sínteses que aquele humano específico realizou devido ao meio no qual foi inserido. Em suas realidades e atos de moralidade, há uma repetição oscilante e continuada dos conteúdos sociais que expressam valores nos quais está mergulhado a partir de seus grupos de convivência. Assim, não é possível traçar a compreensão sobre a liberdade de consciência, sendo que esta não tem prioridade de manifestação independente do outro. Aqui, ela é escrava, oprimida e dominada em sua forma de decidir.

Assim, as respostas a determinados dilemas em suas variações são reais implantações comportamentais e reações de acordo com o grupo ao qual pertence. Nesse nível, a consciência é lugar de sobrevivência e impulso para adaptação ao tecido social correspondente às expectativas de aceitabilidade. É ajuste da pessoa ao seu contexto, pelo qual se direcionam as suas escolhas de acordo com os

³³⁶ VIDAL, 1986, p. 377.

³³⁷ AQUINO, 1980, I II [Quest. 79, Art. 13].

³³⁸ AQUINO, 1980, I II [Quest. 19, Art. 5-6].

³³⁹ RAINE, Adrian. *A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade*. Tradução Maiza Ritomy Ite. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 35-38.

³⁴⁰ DURKHEIM, Emile. *Ética e sociologia da moral*. Tradução Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Martin Claret, 2016. p. 45-78.

padrões do “*SitzimLeben*”. Cada grupo oferece a possibilidade de visões divergentes dos valores que se impõem pelas elites e pelo poder, reconhecendo-se como donos da verdade, uma única verdade que acreditam possuir.

A educação da consciência moral, a nível social, não é autônoma, mas derivada do meio. Há, portanto, necessidade de equilíbrio do eu com a sociedade e o outro. É nesse limiar pluralista que nascem e moldam-se diversas compreensões sobre o bem, que, na diversidade de hermenêuticas, chocam-se, gerando, inclusive, o mal.

A consciência é associação do eu com o grupo pertencente pela subjugação da liberdade àquele grupo. Um eu maior que o meu eu, pelo qual há plena entrega em obediência às leis ali determinadas na vontade de realizar um bem por base subconsciente no desejo de agradar alguma representação da realidade materna ou paterna³⁴¹, manifesta no desejo de relação com a divindade que se cultua.

A consciência, a partir de um sistema de valor, é hermeneuta das leis sociais e biológicas, criadora de costumes para um bem viver no desenvolvimento da competência para decidir e orientar.³⁴² A “voz” interior que expressa a moralidade e releva a realidade de unidade e de integração, na medida em que a percebe na “[...] transição de uma ética material para uma ética formal na qual o modo e a intenção prevalecem sobre o conteúdo do ato e sua configuração externa.”³⁴³

A consciência é móvel em sua forma de decidir, seus padrões e concepções. Desde que ela os compreenda como anacrônicos, os redireciona para o novo que ela mesma sintetiza. Não há, assim, possibilidade de que uma consciência acumule substrato a ser aplicado de forma única e imutável em todo tempo e lugar. Contudo, ela pode ter direções e linhas regulatórias, possibilitando retorno ao centro de equilíbrio do seu eu escolhido; sendo ela, também, “mediadora”³⁴⁴ entre as realidades religiosas, transcendentais, espirituais e culturais sempre a cada tempo, avançando e refazendo as compreensões.

³⁴¹ HARING, 1960, p. 199.

³⁴² VIDAL, 1999, p. 304.

³⁴³ VIDAL, 1999, p. 306.

³⁴⁴ VIDAL, 1999, p. 307.

3.7 Consciência e sua Compreensão Bíblica

Na visão Bíblica encontramos a palavra “*syneidesis*”, que indica a consciência como “inquieta ou má”³⁴⁵, consciência que pressiona³⁴⁶, que não aprova o pecado e, bem formada, impede que seja realizado qualquer sinal de pecado. Na Bíblia, ela é o “ser íntimo”, o “espírito”³⁴⁷ que há dentro de uma pessoa. Ela é a que indica a imagem e semelhança da criatura com o seu criador.³⁴⁸

No Novo Testamento, a consciência é compreendida como uma estrutura que revela à pessoa uma vida renovada “no coração e no Espírito”³⁴⁹, por meio da qual pessoa, por si mesma, deve ser capaz de escolher ter esse coração e corresponder ao que lhe foi dado, sendo que a experiência religiosa dá-se dentro da consciência. O texto de Romanos diz:

Quando então os gentios, não tendo lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela lei, eles, para si mesmos são Lei; eles mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus pensamentos que alternadamente se acusam ou defendem.³⁵⁰

Encontra-se a “*syneidesis*” para indicar a criatividade que o coração humano tem, em entender e aprender sobre o que é bom. Assim, para Paulo, a consciência é expressão de totalidade, indicando que o centro de tudo está no que o Espírito é capaz de fazer: renovar o coração humano, ajudar a renascer. Pois ela revela o que é a própria pessoa e manifesta aquilo que existe nela mesma, uma vez que, “[...] para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro: tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.”³⁵¹

Na doutrina da redenção, ela se realiza na pessoa completa e atinge a sua consciência: “Há de purificar a nossa consciência das obras mortas para que prestemos culto ao Deus vivo.”³⁵² A consciência é sinal de que a pessoa é nova, transformada, e que encontrou novo sentido na vida. Portanto, se continua a realizar

³⁴⁵ HÁERING, 1979, p. 209.

³⁴⁶ SABEDORIA, 17, 11. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁴⁷ HÁERING, 1979, p. 209.

³⁴⁸ COMPARATO, 2006, p. 463.

³⁴⁹ HÁERING, 1979, p. 211.

³⁵⁰ ROMANOS, 2, 14-15. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁵¹ TITO, 1, 15. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁵² HEBREUS, 9, 14. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

ações antigas, más, derivadas de quem não conhece a Cristo, ainda é antiga. É por essa estrutura moral da pessoa que sabemos se ela segue o bem em consciência ou não; se escolhe amar ou odiar. E em sua ação se sabe de que forma ela segue o Cristo ou a si mesma; as leis do mundo ou as leis eternas. Logo, o que destoar de uma renovação de vida e de um ser nova criatura torna-se falsa consciência transcendental de Cristo.

Assim, para Paulo, a pessoa que se encontra com o Senhor é capaz de julgar a sua consciência de forma que perceba-se em relação ao outro, cuidando do outro e observando o outro, aceitando que “[...] tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica”³⁵³, regulando em sua vida o que deve ou não ser feito. É estrutura de formação da pessoa, é quem vai indicar a sua possível ação ou negação desta. Por conseguinte, é possível substituir a palavra “lei”, ou “moralidade”, por “consciência”, sem que lhe seja alterado o verdadeiro sentido.³⁵⁴

Paulo ressalta as diversas consciências e a necessidade de diferenciar qual tipo de “voz interior” tem alguém que crê em Cristo. Portanto, o coração de quem crê é diferente dos que não creem em seu conteúdo e configurações, mesmo tendo a possibilidade de mutações e corrosões. Assim, as crenças e a fé conectam-se aos sentimentos que se encontram na consciência humana. Dessa forma, faz-se importante observar a Carta a Corinto, sentir e absorver a indicação de não misturar os conteúdos da “minha” consciência com a do outro:

Tudo o que se vende no mercado, comi-o sem levantar dúvidas por motivo de consciência, pois a terra e tudo o que ela contém pertencem ao Senhor. Se algum gentio vos convidar e aceitardes o convite, comi tudo o que vos for oferecido, sem suscitar questões de consciência. Mas se alguém vos disse: ‘isto foi imolado ao ídolos’ não comais, em atenção a quem vos chamou a atenção e por respeito à consciência. Digo: a consciência dele, não a vossa. Por que a minha consciência haveria de ser julgada por outra consciência?³⁵⁵

A verdadeira consciência sabe respeitar a outra. Não se impõe como absoluta verdade. Assim, quem é cristão e cristã segue ou se entrega a uma realidade de consciência, indicada por Cristo, em respeito a todos os outros que não a têm na mesma esfera, mas que em suas diversas consciências seguem, com

³⁵³ I CORÍNTIOS, 10, 23. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

³⁵⁴ HÄERING, 1979, p. 232.

³⁵⁵ 1Cor 10, 25-29.

serena tranquilidade, a realidade de sua fé, crenças, e realizam, por estas, suas decisões. Entende-se que essa realidade “[...] está de acordo com a insistência de Paulo sobre o fato de que a lei do amor mútuo está inscrita em nossos ‘corações’ (consciência).”³⁵⁶

A sagrada escritura é basilar para o que se compreende sobre consciência, pois ela reflete a desejada realidade de uma antropologia revelada e chama a não cair apenas em repetições, mas dar novo significado no aqui e agora, em que o eu só sustenta a sua identidade no encontro com o outro, que gera nova síntese no eu pessoal e em nada altera o Tu – entendido como Totalmente Outro, Deus.

Em suma, a consciência é “[...] centelha de amor acesa pelo amor divino”³⁵⁷, “experiência de totalidade”³⁵⁸, é “Vida Psíquica e espiritual”³⁵⁹ que identifica a pessoa toda em suas ações. Reconhece-se como dom de Deus, fruto do espírito, e, dessa forma, pela opaca lucidez, busca por suas ações implantar o bem. Contudo, para isso, esforça-se no caro exercício de prudência e da atenta vigilância em vista de ser recíproca e fiel ao plano de amor³⁶⁰, para que a fé auxilie o testemunho de vida de seguimento de Cristo, através de atitudes³⁶¹, possibilitando o seu desenvolvimento pleno e total, que se dá pela fé.

³⁵⁶ HÁERING, 1979, p. 213.

³⁵⁷ HÁERING, 1979, p. 216.

³⁵⁸ HÁERING, 1979, p. 218.

³⁵⁹ HÁERING, 1979, p. 219.

³⁶⁰ HÁERING, 1979, p. 222.

³⁶¹ HÁERING, 1979, p. 323.

4 O DESENVOLVIMENTO MORAL

O desenvolvimento da consciência moral não se sustenta por estratégias de “doutrinação” ou adequação de caráter, pois cada situação evoca nova adaptação de argumentação, não hipotética, mas no desejo de decisão que gera ação transformadora sem julgar apenas o agir, mas observante da intenção na ação.

Encontra-se no esquema dos níveis e estágios morais bases para análise dos contextos sociais, religiosos, políticos, de realidades humanas, seus códigos de ética³⁶² e sua aplicação ao “[...] processo que exige uma transformação das estruturas cognitivas”³⁶³ em conexão às realidades espirituais e essenciais. Assim, encontram-se diversas concepções teóricas sobre o desenvolvimento moral que acentuam sua específica preocupação com o indivíduo ao alcance de sua maturidade, percorrendo aspectos afetivos, cognitivos e morais.³⁶⁴

4.1 Bases Teóricas para o Desenvolvimento Moral

Na teoria psicanalítica, encontram-se escassas pesquisas sobre o desenvolvimento moral. Porém, ele é compreendido como resultado do “complexo de Édipo”³⁶⁵, relacionado à estruturação do superego³⁶⁶ pela representação de valores culturais, por normas e ideais de poder, manifestos nas figuras de autoridade que impulsionam o indivíduo a desejar a perfeição de forma tal que punição e recompensa se apresentam como caminhos que revelam aceitação ou reprovação de determinadas transgressões às leis estabelecidas, e geram sentimento de culpa,

³⁶² DUSKA, Ronald; WHELAN, Mariellen. *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 17-18.

³⁶³ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 19.

³⁶⁴ DESSEN, Maria Auxiliadora da Silva Campos; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 250.

³⁶⁵ NUTTIN, Joseph. *Psicanálise e personalidade*. Tradução Regina Maria Leme Lopes. Rio de Janeiro: Agir, 1955. p. 59-63.

³⁶⁶ NUTTIN, 1955, p. 30-38.

inferioridade ou potência e superioridade. Para a psicanálise, “[...] o processo de formação de um indivíduo é contínuo, se estende por toda a vida e recebe influências de pais, professores e das demais autoridades que se envolvem nesse processo”³⁶⁷ por uma moral punitiva e repressora de desejos.

Para a teoria comportamental, o desenvolvimento moral origina-se das respostas acumuladas pelo indivíduo no decorrer da existência, advindas da disciplinada aprendizagem e dos hábitos de ações pelo instinto de fuga das punições e busca pelas recompensas, em resposta ao estímulo por intimidação. Assim, são oferecidas às atitudes consideradas boas um reforço positivo e, às consideradas más, pela ameaça punitiva, desestímulo.³⁶⁸ Portanto, o desenvolvimento moral está em cada ação e, por ela, especificamente, modifica, de forma mútua, ação e ser agente.

As teorias cognitivistas dão ênfase à pessoa enquanto protagonista da evolução moral ao assumir papéis³⁶⁹ que influenciam significativamente seus julgamentos. Nesse aspecto, a interação é o meio pelo qual o indivíduo manifesta conflitos e por eles desenvolve novos raciocínios, que geram nova concepção de moralidade, cuja dinâmica é similar ao círculo hermenêutico por uma dialética de tese, antítese e síntese.³⁷⁰

Antes de Kohlberg, Piaget³⁷¹ estudou algumas etapas do julgamento moral. Para este, “[...] a moralidade é concebida como um sistema de regras.”³⁷² Centralizou suas pesquisas na análise da forma pela qual se adquire obediência e respeito das crianças às normas estabelecidas. Entendeu “heteronomia” ou “realismo moral” como a observação das leis e normas em si mesmas enquanto realidade estabelecida na concepção de valores, independente da consciência individual, aplicados de forma única e imutável a qualquer pessoa e contexto, centrando sua avaliação apenas na consequência material e literal da lei. Dessa

³⁶⁷ DESSEN; COSTA JÚNIOR, 2005, p. 251.

³⁶⁸ DESSEN; COSTA JÚNIOR, 2005, p. 252.

³⁶⁹ MORENO, J. L. *Psicodrama*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2014. p. 206-213.

³⁷⁰ REALE, G. *História da filosofia 5: do romantismo ao empiriocriticismo*. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. p. 106.

³⁷¹ PIAGET, Jean et al. *In: MACEDO, Lino de. (Org.). Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 42-54.

³⁷² BIAGGIO, Angela M. Brasil. *Psicologia do desenvolvimento*. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 216.

forma, para o “realismo moral”, a obediência a qualquer regra, enquanto lei, é desejável, importando-se com o que se encontra escrito.³⁷³

Na conceituação da moral como “autônoma”, ou da reciprocidade, entende-a como estrutura que julga intenções e motivações das ações por ela avaliadas, admitindo a mutabilidade das regras. A partir das concepções acima, Piaget estabeleceu as noções de justiça punitiva e distributiva³⁷⁴ e identificou alguns estágios, os quais, brevemente, serão apresentados a seguir.

No “pré-estágio”, situado entre 2 a 3 anos, a criança não tem noção do que acontece à sua volta e age pela imitação de forma motora, inata. No segundo estágio, o estágio egocêntrico, a criança toma consciência de que há outras pessoas ao seu redor e exerce sua atividade na compreensão das regras como imutáveis, sagradas e derivadas da autoridade, e por isso as respeita. No terceiro estágio, entre 8 a 9 anos, aprecia o consenso e o respeito às normas e regras que derivam da interação. No estágio final, 11 aos 14 anos, as regras são passíveis de mudança através de acordos com as pessoas envolvidas.³⁷⁵

4.2 O Desenvolvimento Moral em Kohlberg

Kohlberg “[...] não publicou nenhum livro que apresente o essencial da sua teoria.”³⁷⁶ Realizou sua pesquisa inicial com um grupo de 50 homens, na faixa de 18 a 28 anos, estudando-os por 18 anos, utilizando como método a realização de entrevistas a cada três meses. Fundou a “Comunidade Justa”³⁷⁷, lugar de pesquisa e vivência técnica, que lhe trouxe profundo conhecimento para o enriquecimento e aplicação de sua teoria sobre os juízos morais, tendo como foco a busca por equilíbrio entre justiça e comunidade, e visando “[...] introduzirel poderoso atractivo de lo coletivo y al mismotiempo proteger losderechosindividuales de cada estudiante y promover sucrescimiento moral.”³⁷⁸

³⁷³ BIAGGIO, 2015, p. 219.

³⁷⁴ DESSEN; COSTA JÚNIOR, 2005, p. 253-254.

³⁷⁵ BIAGGIO, 2015, p. 216-217.

³⁷⁶ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 15.

³⁷⁷ KOHLBERG, Lawrence; POWER, F. Clark; HIGGINS, Ann. *La educación moral según Lawrence Kohlberg*. Traducción Antonio Bonanno. Barcelona, España: Gedisa, 2008. p. 49-79.

³⁷⁸ “[...] introducir um poderoso atrativo à coletividade e ao mesmo tempo proteger os direitos individuais de cada estudante e promover seu crescimento moral.” (KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 70, tradução do autor da dissertação).

A comunidade justa proporcionou a Kohlberg revisão e ampliação de sua reflexão, deixando um legado das suas análises e conclusões de cada dilema.³⁷⁹ O sonho de Kohlberg era criar um clima escolar nessa comunidade de vida, em acordo aos mais altos níveis de equidade e de justiça.³⁸⁰ Em sua observação, entendeu que todos passavam pelos mesmos estágios, e estes se davam de forma sequencial e por variações pessoais para alcançar a justiça.

Para Kohlberg, a moral deriva de um sistema que não se reduz a esquemas contingentes, mas está aberto à pessoa e à atualização de sua potência.³⁸¹ Por isso, deu continuidade a pesquisas, na linha de Piaget, sobre a razão moral³⁸² com “posição radicalmente diferente”³⁸³, por crer na universalidade dos princípios. Realizou pesquisas com indivíduos de culturas diversas, comprovando a veracidade de suas hipóteses por entrevistas baseadas na apresentação de dilemas morais, cujas respostas obtidas eram classificadas em seu devido nível e estágio, na observação especial das razões do sujeito em sua justificativa.³⁸⁴

O interesse de Kohlberg não estava no comportamento, mas na busca por entender a pessoa, seu julgamento e sua maturidade pelas razões oferecidas a partir de justificativas. Não se trata de ações corretas ou incorretas, mas do julgamento da consciência no ato em direção ao seu objeto – a análise e o julgamento pelas razões oferecidas para justificar um ato pela sua intenção.

Cada pessoa produz um juízo diverso em determinadas ações, bem como percepções e emoções diferentes por razões plurais, e, por estas, encaminha o seu “dar-se conta” de suas motivações.³⁸⁵ Por conseguinte, doutrinas éticas não oferecem ou concluem com igual raciocínio. Em cada doutrina ética encontra-se uma razão específica. Por causa disso, são necessárias múltiplas doutrinas que contemplem os vários níveis e estágios.³⁸⁶ Observa-se que para um mesmo dilema, diferentes pessoas, em suas razões específicas, oferecem justificativas que divergem uma da outra, sem, necessariamente, negar-se ao sentido interno de busca pelo Bem.

³⁷⁹ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 81-116.

³⁸⁰ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 54.

³⁸¹ BIAGGIO, 2015, p. 222.

³⁸² KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 21.

³⁸³ BIAGGIO, 2015, p. 221.

³⁸⁴ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 53.

³⁸⁵ SPANGENBERG, 1996, p. 104-109.

³⁸⁶ TORRES, João Carlos Brum. *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 225-404.

4.2.1 O Método de Kohlberg

Kohlberg formulou “estórias” como método de análise para a compreensão e comparação das consciências em discernimento.³⁸⁷ Pelo “dilema de Heinz”,³⁸⁸ é possível entender como se realizaram os estudos e seu método de classificação em níveis e estágios morais. Segue uma das histórias:

Na Europa, uma mulher estava para morrer por causa de um tipo especial de câncer. Segundo os médicos, havia um remédio que poderia salvá-la. Era uma fórmula de radium descoberta recentemente por um farmacêutico da mesma cidade. O remédio era caro devido à sua preparação, mas o farmacêutico o vendia dez vezes mais caro que o preço de custo. Para prepará-lo, ele havia gasto duzentos dólares e vendia por dois mil dólares a dose. Heinz, esposo dessa senhora doente, pediu dinheiro emprestado, mas só conseguiu mil dólares, a metade do preço do remédio. Perguntou, então, se, por estar sua mulher morrendo, poderia o farmacêutico vender-lhe um pouco mais barato ou então permitir que lhe pagasse mais tarde. Mas o negociante lhe disse: ‘não, eu descobri o remédio e quero ganhar dinheiro com ele’. Então Heinz ficou furioso, entrou na farmácia do homem à noite, e roubou o remédio para a sua esposa.³⁸⁹

Por essa “estória” se levantam várias questões interessantes e oportunas de serem transcritas:

Deveria Heinz roubar o remédio? Por quê? O que é pior: deixar morrer ou roubar? O que significa para você o valor da vida? O esposo tem razão em roubar se não ama sua mulher? Roubar para um estranho desconhecido ou para a própria esposa seria a mesma coisa? Por quê? Se Heinz fosse pego e processado, o juiz deveria condená-lo? Por quê? Neste caso, qual é a responsabilidade do Juiz perante a sociedade?³⁹⁰

Observou-se que, a cada pergunta, foram oferecidas respostas diversas, que inseriam-se em níveis e estágios diferentes e até interrelacionados, até então observados, possibilitando o entendimento estrutural da condição de evolução humana sobre o dilema. Tendo por base a “estória”, a evolução e a demonstração dos níveis de desenvolvimento moral e suas possíveis respostas, observou-se a existência de três níveis e seis estágios.

³⁸⁷ Os Evangelhos oferecem, em suas parábolas, ricos conteúdos para um estudo sobre o desenvolvimento da moralidade, oferecendo reflexões fundamentais de discernimento pelos quais se compreende os estágios nos quais a pessoa se situa e sua necessidade de evolução, bem como a sua direção. O cristão busca nas parábolas a medida para avaliar o seu desenvolvimento moral.

³⁸⁸ “As mulheres baseiam suas respostas na forma de manutenção de relacionamentos. Por isso, elas acharão sempre errado roubar; unicamente porque esse ato pode quebrar uma sequência de interações e impedir que se mantenhas as conexões.” (GILLIGAN, 1982, p. 39).

³⁸⁹ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 55.

³⁹⁰ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 55.

Os principais pontos de vista observados na teoria de Kohlberg são o cognitivismo, o universalismo e o formalismo. O cognitivismo entende que as questões morais práticas podem ser resolvidas com base na razão e não se limitam à afetividade ou às escolhas da pessoa. As questões morais têm por base indicar a capacidade humana de decidir entre o que é certo e o que é errado.³⁹¹

O universalismo entende que todos podem chegar ao mesmo discernimento de juízo, independentemente de seu tempo e lugar, encontrando em cada cultura os mesmos conteúdos essenciais de verdade. Dessa forma, uma ética fundamentada no universalismo abrange a possibilidade de adentrar nos conteúdos humanos de forma a elevá-los à sua correspondência e verdade universal. Portanto, na ideia de universalismo, tanto quem mora na China quanto quem mora no Brasil, desenvolvendo-se moralmente, chegam aos mesmos juízos nos seus níveis e estágios.³⁹²

O formalismo dá-se na medida em que se retêm as regras, tendo-as como indicativo de procedimentos, baseadas na justiça enquanto normativa, o que elimina as interpretações por valores que não se inclinam à via legal. Desse modo, o correto não está vinculado ao conteúdo prático, mas à lei sancionada.³⁹³

4.2.2 Níveis e Estágios Morais em Kohlberg

Observaremos e refletiremos sobre os níveis e os estágios em Kohlberg. O Nível Pré-Convencional e seus Estágios 1 e 2 orientam para a punição e obediência e como realidade de orientação a relatividade que pode ser instrumentalizada. No Nível Convencional encontramos o Estágio 3, que se orienta pela necessidade de um bom comportamento, e o Estágio 4, que tem seu discernimento de consciência baseando-se na lei e na ordem estabelecida. No Nível Pós-Convencional, o nível de princípios e de autonomia, encontramos os Estágios 5, que tem características de utilidade e inclinações ao contrato, e 6, que tem a orientação para as realidades de princípios éticos.

³⁹¹ HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir comunicativo*. Tradução Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 146-147.

³⁹² HABERMAS, 2003, p. 147-148.

³⁹³ HABERMAS, 2003, p. 148.

a) O Nível Pré-Convencional

O Nível Pré-Convencional caracteriza-se pela atenção às normas oferecidas pela cultura em sua correspondência ao que é bom e mau, tendo em seu juízo uma observação cuidadosa para desviar-se de sofrimentos, sanções ou punições, com devida atenção aos possíveis efeitos de prazer ou dor, gerados por uma ação. As pessoas que se encontram nesse nível não conseguem aplicar, por conta própria, na liberdade, as regras morais encontradas socialmente, por serem externas a seu ser.³⁹⁴

No Estágio 1, “orientação para a punição e obediência”³⁹⁵, o valor da norma está em evitar a punição³⁹⁶ física, psíquica ou moral. Ser obediente está em função de evitar a dor e o castigo³⁹⁷ como possíveis consequências.³⁹⁸ Em consequência disso, o discernimento realiza-se observando as diferenças em seus aspectos de valor vital, físicos ou sociais³⁹⁹, em obediência ao poder pela não punição.⁴⁰⁰ Assim, a decisão é: “Obediência literal às regras e à autoridade, evitar o castigo e não fazer mal físico.”⁴⁰¹

No Estágio 2, “objetivo instrumental e individual e da troca”⁴⁰², a razão se satisfaz ao realizar uma ação, produzindo em si uma alta carga de expectativa pelo efeito de algum tipo de prazer para si,⁴⁰³ satisfatório e, portanto, entendido como correto. Porque hedonista⁴⁰⁴ é benéfico⁴⁰⁵, se corresponder a interesses particulares.⁴⁰⁶

Nesse estágio, as ações e as relações estabelecidas tornam-se empreendimento em vista de retorno, por uma lógica comercial mercadológica.⁴⁰⁷

³⁹⁴ GRIFFA, Maria Cristina. *Chaves para a psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 322.

³⁹⁵ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 56.

³⁹⁶ BIAGGIO, 2015, p. 228.

³⁹⁷ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 50.

³⁹⁸ BIAGGIO, 2015, p. 223.

³⁹⁹ BIAGGIO, 2015, p. 226.

⁴⁰⁰ VIDAL, 2008, p. 61.

⁴⁰¹ HABERMAS, 2003, p. 152.

⁴⁰² HABERMAS, 2003, p. 152.

⁴⁰³ Vemos aqui o que Aristóteles indicava sobre as ações dos seres humanos, que todas tendem ao Bem. Isso sem sua ética a Nicômaco.

⁴⁰⁴ BIAGGIO, 2015, p. 224.

⁴⁰⁵ BIAGGIO, 2015, p. 228.

⁴⁰⁶ HABERMAS, 2003, p. 152.

⁴⁰⁷ VIDAL, 2008, p. 62.

Conseqüentemente, é pela retribuição que se sabe sobre a honestidade e a reciprocidade, “instrumental à satisfação de necessidades da própria pessoa.”⁴⁰⁸

No Nível Pré-Convencional, manifesta-se atenção ao que a cultura marcou como regra, interpretando-a pelas bases de prazer físico da ação ou do poder da autoridade que o exige.⁴⁰⁹ Assim, a pessoa não confronta figuras de autoridade por concebê-las como símbolos de poder, “divinas”, sendo as regras uma espécie de controle. Mas submetem-se à dominação, comparando o valor das normas no parâmetro “prazer-dor”. Observa-se que a vida humana é uma corrida ao prazer e as estruturas externas que se equiparam às dores ou sofrimentos serão analisadas na forma de exclusão, pois humanos, para evitar a dor, são capazes de abandonar a sua liberdade pública.

A não correspondência entre desejo e pensamento leva o ser pessoa a reprimir a verdadeira face do seu caráter. Ainda assim, a pessoa, em ação nesse estágio, busca satisfação, mesmo no engano de si em seu meio ou por uma ação que a julga externamente hipócrita-inconsciente, na qual estabelece a crença pública de integração e colaboração observante das normas.

Nesta fase de “egoísmo”, a pertença ao grupo identifica a pessoa para além da ação, integrando-a como parte do sistema, na medida em que a mesma entende ter realizado o que lhe era de direito e “[...] que as regras têm um objetivo e não são meras obrigações arbitrárias e impostas.”⁴¹⁰ Dessa forma, qualquer ação por medo, e os supostos valores gerados por ele, bem como a aparência de doçura, inclina-se à alienação de consciência por representar estruturas forjadas na base de dominações por hábitos.⁴¹¹

Há, nas culturas e religiões, máximas, práticas e histórias que, de forma inocente ou planejada, fomentam a estagnação de indivíduos nos baixos estágios de moralidade: estórias de punições, ritos de sacrifícios pelas promessas de eternidade de forma alienante e desintegrada na dualidade de céu e inferno, cuja base fundamental está na obediência ou desobediência. Essas visões geram uma consciência moral estagnada na “avareza”, em nome da prosperidade, baseada no

⁴⁰⁸ BIAGGIO, 2015, p. 226.

⁴⁰⁹ KOHLBERG apud DUSKA; WHELAN, 1994, p. 61-62.

⁴¹⁰ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 63.

⁴¹¹ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 64.

capitalismo⁴¹² – “faço para ganhar”, encontrando na religião práticas que aprisionam e amedrontam por uma visão de um Deus que apenas vigia para punir. Tais entendimentos “[...] servem para reforçar o estágio 1, reiterando a norma e indicando as conseqüências [sic] danosas quando transgredidas.”⁴¹³

No segundo Estágio encontram-se orientações relativistas instrumentais pela ideia de recompensa. A ação do bem é realizada porque se deseja recompensa e benefício, cuja ação boa “[...] satisfaz de modo instrumental as suas necessidades pessoais e, ocasionalmente, as necessidades dos outros”⁴¹⁴, não gerando no agente de tal ato um estado de perda. A pergunta base dá-se na seguinte forma: “O que ganho com isso?” É uma espécie de escambo moral, “olho por olho”. Não atinge a gratidão, mas a obrigação da reciprocidade pela máxima “uma mão lava a outra”.

No Estágio 2 inicia-se o processo de desmistificação das figuras de autoridade. Na percepção de que são frágeis e sujeitas a erros, colocam-nas no mesmo nível por sabê-las iguais a si. Outro fenômeno é a projeção ao grupo das necessidades especificamente pessoais, por entender que o desejo pessoal é o desejo de todos e o seu querer é o querer da comunidade da qual faz parte.⁴¹⁵ Por um raciocínio pragmático⁴¹⁶, valoriza ações que possibilitam o aumento nos níveis de prazer para a plena satisfação.

b) O Nível Convencional

O Nível Convencional caracteriza-se pela correspondência às expectativas da sociedade na qual a pessoa está envolvida. Valoriza a lei e a ordem, em busca da aceitação ou identificação com determinado grupo e sua ideologia. O valor moral está em realizar o bom papel⁴¹⁷ e viver de acordo ao aprovado socialmente, identificando-se com os modelos de autoridade demonstrados pelas normas cumpridas na expectativa de que o outro, a representação de autoridade, o perceba enquanto membro de tal grupo.⁴¹⁸

⁴¹² WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do Capitalismo*. Tradução M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 27.

⁴¹³ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 65.

⁴¹⁴ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 65.

⁴¹⁵ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 67.

⁴¹⁶ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 69.

⁴¹⁷ Enquanto pessoas, somos “insubstituíveis”, mas, em relação aos papéis desempenhados socialmente, não somos insubstituíveis. (BAUMAN, 1997, p. 26).

⁴¹⁸ GRIFFA, 2001, p. 323.

No Estágio 3, “interpessoal”, busca-se um comportar-se de forma agradável, apresentando uma boa autoimagem. Deseja-se atenção e valorização em suas ações de forma tal que estas correspondam ao que o outro espera, para que seja visto como simpático, gentil e credível de “aprovação”.⁴¹⁹ Esforça-se por agradar.⁴²⁰ Nessa etapa manifesta-se o desejo de ser amado, querido, estimado, valorizado. Tem por base, em sua decisão, a “empatia e afeição dos membros da família”⁴²¹ e o julgamento pela intenção.⁴²² Aparenta ser uma pessoa solícita, que sabe conviver, confiável, leal, respeitosa e grata.⁴²³

No Estágio 4, “lei e ordem constituída”, o juízo moral inclina-se à “autoridade” e à institucionalização do poder, que estabelece regras para uma ação de “dever”⁴²⁴, “respeito”, ordem e sua manutenção.⁴²⁵ Há certa autonomia em relação à autoridade. Consequentemente, as decisões, por corresponder à filosofia do grupo, não geram sentimento de culpa porque recebem respaldo na lei⁴²⁶, evocando-a quando estabelecida⁴²⁷, pois a entendem como “sagrada”⁴²⁸, cuja “[...] ênfase é no dever e na lealdade a um grupo ou à ordem sócio moral vigente.”⁴²⁹ Em suma, os indivíduos situados nesse estágio respeitam a autoridade e buscam colaborar para manter a ordem.⁴³⁰

c) O Nível Pós-Convencional

No Nível Pós-Convencional, os julgamentos se orientam tendo por base princípios⁴³¹ universais, transcendentais, cujo “[...] valor moral reside na conformidade de um mesmo critério com direitos e deveres que são compartilhados”⁴³², derivados de direitos, valores e acordos que beneficiam o todo.⁴³³

⁴¹⁹ BIAGGIO, 2015, p. 229.

⁴²⁰ BIAGGIO, 2015, p. 224.

⁴²¹ BIAGGIO, 2015, p. 226.

⁴²² VIDAL, 2008, p. 63.

⁴²³ HABERMAS, 2003, p. 153.

⁴²⁴ Neste estágio, insere-se a ideia do “devo porque devo”.

⁴²⁵ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 57.

⁴²⁶ HABERMAS, 2003, p. 153.

⁴²⁷ BIAGGIO, 2015, p. 224.

⁴²⁸ BIAGGIO, 2015, p. 226.

⁴²⁹ BIAGGIO, 2015, p. 229.

⁴³⁰ VIDAL, 2008, p. 63.

⁴³¹ GRIFFA, 2001, p. 325.

⁴³² VIDAL, 2008, p. 64.

⁴³³ HABERMAS, 2003, p. 153.

No Estágio 5 revela-se um “legalismo”⁴³⁴ utilitarista⁴³⁵, no qual o bom é o que gera benefícios visíveis e intercambiáveis, objetivos, possíveis de serem apreendidos. Um justo o é na medida em que a maioria dos envolvidos decide-o como sendo na forma de valor em consenso, sustentando-o de forma imparcial.⁴³⁶

O moralmente correto não se dá por estruturas impositivas de discurso que reformulam compreensões firmadas, a partir da interrelação de razões, tendo por efeito um “acordo livre e do contrato”⁴³⁷ em relação ao bem comum, seus direitos e valorização da pessoa enquanto fim, mas no “[...] respeito da comunidade e no respeito a si próprio e não mais a preocupação com a punição institucionalizada.”⁴³⁸ O valor da existência “[...] é primário e autônomo, independente de outros valores.”⁴³⁹

No Estágio 6, a pessoa se orienta em direção aos princípios universais, em que a consciência decide de acordo com os princípios éticos escolhidos de “universalidade” e “coerência”, baseada na abstração. Em suma, busca-se “[...] princípios universais de justiça, de reciprocidade, de igualdade de direitos, de respeito pela dignidade dos seres humanos⁴⁴⁰ enquanto indivíduos.”⁴⁴¹

Por essa visão sacral, a estrutura de valor e a moralidade humana diferem “[...] de um reconhecimento formal de seus direitos”⁴⁴², elevando a preocupação para com a autonomia e a dignidade humana, cujos “[...] princípios de justiça e amor são normativos para todas as relações.”⁴⁴³ Como resultado, correto e justo são definidos pela decisão de consciência, pela lógica universal de observação, e guarda os direitos em suas compreensões de justiça, reciprocidade, igualdade e respeito para com cada pessoa.⁴⁴⁴

Tais estágios são caminhos pelos quais se percorre de forma interdependente e transversal em seus níveis. Cada estágio é base para alcançar o próximo nível.⁴⁴⁵ Cada razão que se encontra em um nível mais alto torna-se

⁴³⁴ BIAGGIO, 2015, p. 225.

⁴³⁵ VIDAL, 2008, p. 64.

⁴³⁶ HABERMAS, 2003, p. 154.

⁴³⁷ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 58.

⁴³⁸ BIAGGIO, 2015, p. 229.

⁴³⁹ BIAGGIO, 2015, p. 227.

⁴⁴⁰ HABERMAS, 2003, p. 154.

⁴⁴¹ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 58.

⁴⁴² BIAGGIO, 2015, p. 227.

⁴⁴³ BIAGGIO, 2015, p. 230.

⁴⁴⁴ VIDAL, 2008, p. 64.

⁴⁴⁵ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 58.

incompreensível para as pessoas que se encontram em níveis mais baixos, sendo possível conflitos de decisão, quando em situações de dilemas.⁴⁴⁶

Cada pessoa, em sua própria etapa, responde a esta no seu determinado nível, possibilitando avanços no diálogo e acordo nos conflitos. A reflexão, em vista do estágio próximo a ser alcançado, terá relativa ou total relação com o estágio anterior, cujo predomínio é o nível no qual a pessoa se encontra, sendo ela atraída para níveis mais elevados. Em síntese, quanto mais alto for o nível, mais atraente ele é e maior a capacidade de resolver “dilemas” de forma satisfatória, mesmo com níveis de dificuldades elevadas.⁴⁴⁷ Contudo, faz-se necessário observar que os estágios não são determinantes, definitivos, mas, predominante, pontuais e históricos.⁴⁴⁸ Supõe que em cada nível há presença dos seis estágios, que, em seu completo percurso, encaminha a pessoa a níveis subsequentes.

A ascensão de um estágio a outro, na linha de Kohlberg, dá-se pelo “desequilíbrio cognitivo”, um “conflito base”⁴⁴⁹, manifesto por uma crise que gera uma sequência de crises e que reformulam os sistemas fragmentados no humano, de fundamental importância para alcançar novos níveis em estágios pelos dilemas e suas dificuldades enfrentadas por uma espécie de sacrifício⁴⁵⁰. A evolução dos estágios oferece contornos decisivos que elevam a consciência desestabilizada pela inadequação de suas concepções, motivando-a a estágios mais adequados.⁴⁵¹

No Estágio 6 não foram gerados dados suficientes. É o estágio no qual se encontram pessoas que foram capazes de dar a sua vida para a transformação da humanidade.⁴⁵² Nesse estágio uma lei é entendida como necessária de obediência se for justa. Vejamos as considerações abaixo:

⁴⁴⁶ PIAGET, 1996, p. 54-60.

⁴⁴⁷ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 59.

⁴⁴⁸ BIAGGIO, 2015, p. 225.

⁴⁴⁹ BIAGGIO, 2015, p. 232.

⁴⁵⁰ ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*: publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2001.

⁴⁵¹ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 60.

⁴⁵² Nesse estágio, numa visão espiritual, encontram-se grandes líderes religiosos. Para os Cristãos, é Cristo, pois Ele se encarnou e revelou o seu altruísmo em sua morte de cruz. Enquanto humanos, só se consegue alcançar o Estágio 6 pela Graça, e por aquilo que mais pode se identificar a pessoa de Cristo, que perpassa na entrega total e na dinâmica da verdade na existência: o tornar-se semelhante a Cristo dá-se pelo seu seguimento, garantindo a possibilidade de, por uma atitude livre, adquirir impulso para atingir o Estágio 6 da moralidade. Esse desenvolvimento dá-se quando for compreendido enquanto princípio, valor ético apontado para a misericórdia e para a compaixão. Esse é o estágio da empatia, que se alinha ao possível e ainda não estudado Estágio 7, perfeito em seu número, não descrito, mas existente, que une as duas naturezas de Cristo,

Qualquer um poderia me perguntar com que direito eu me permito transgredir algumas leis e obedecer a outras [...] há dois tipos de leis – as justas e as injustas; a pessoa tem uma responsabilidade legal não somente legal, mas também moral, de obedecer às leis justas e desobedecer às injustas. Uma lei injusta é um código que um grupo mais numeroso ou mais potente impõe a um grupo menor, mas que não é considerado válido por si mesmo. Essa é a diferença legalizada.⁴⁵³

A consciência no Estágio 6, princípio ético universal⁴⁵⁴, decide a partir de princípios de escolhas que lhe dê plena autonomia, observando a dignidade em cada pessoa.⁴⁵⁵ Nessa etapa, a razão compreende conceitos universais de responsabilidade, justiça, amor, Cuidado, como fundamento das decisões. Observe-se que “[...] o julgamento moral amadurecido é necessário, mas não suficiente para garantir o comportamento moral.”⁴⁵⁶

O raciocínio nesse estágio busca realizar, para a pessoa, o que gostaria que a mesma realizasse: agindo com misericórdia se deseja misericórdia.⁴⁵⁷ Assim, deve-se, no sentido ontológico de moralidade, agir de forma tal que as leis sejam aplicadas universalmente, e em toda ação tratar a pessoa como fim em si mesma, respeitando-a em sua dignidade, não a concebendo como meio.⁴⁵⁸

4.3 Reflexão sobre os Níveis e Estágios

Na visão da fé cristã, a lei de Cristo é o amor, e o Cuidado é novo nome do amor, que, em sua prática, identifica a elevação dos espíritos que se interessam pelo outro em si mesmo, com suas mazelas e misérias em sua capacidade de “[...] ir contra as convenções estabelecidas não por egoísmo, mas, ao contrário, pela preocupação e ocupação⁴⁵⁹ com a dignidade do outro. Esse é o estágio dos heróis morais.”⁴⁶⁰

Uma comunidade é espaço de motivação para o desenvolvimento moral, lugar de aprendizagem de limites de si e do outro, sobre o respeitar e estabelecer limites. Dessa forma, quanto mais fundamentado e consistente for o argumento, maior a eficácia da ação; e quanto mais se tomar consciência dos valores, e sua

revelando a pessoa a propria pessoa, apontando-lhe seu sublime chamado a ser sempre mais na descoberta da sua natureza. (SANTA SÉ, 2018, p. 224 [n. 22]).

⁴⁵³ KING apud DUSKA; WHELAN, 1994, p. 85.

⁴⁵⁴ HABERMAS, 2003, p. 154.

⁴⁵⁵ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 86.

⁴⁵⁶ BIAGGIO, 2015, p. 231.

⁴⁵⁷ Mt 18, 21-35.

⁴⁵⁸ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 87.

⁴⁵⁹ HEIDEGGER, 2014, p. 261.

⁴⁶⁰ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 88.

reflexão em comunidade, maior será capacidade de agir conforme conclusões obtidas e assumidas pela consciência.⁴⁶¹ Portanto, uma moral oriunda de estratégias de doutrinação bloqueia o juízo de valor e a responsabilidade, dando por efeito imoral toda ação dela derivada⁴⁶², pois, para a evolução humana, tudo deve realizar-se dialogicamente entre pessoa e comunidade.⁴⁶³ Para alguns humanos, a preocupação sobre o sentido moral não está no certo ou errado, mas em ser apanhado em flagrante, descoberto publicamente, o que revela comportamento inculcado, ajuste plástico e não consciência autônoma, convicta, mas de “dever” em corresponder a ideais visíveis.⁴⁶⁴

Em suma, o desenvolvimento moral não se reduz a uma sequência de três níveis e seis estágios que se realizam mediante as diferenças.⁴⁶⁵ Contudo, em uma síntese, acolhemos os seguintes pontos:

O julgamento moral pré-convencional denota uma incapacidade de elaborar um ponto de vista compartilhado ou societal, o julgamento pós-convencional transcende essa visão. O julgamento pré-convencional é egocêntrico e extrai constructos morais de necessidades individuais; o julgamento convencional baseia-se em normas e valores compartilhados que sustentam relacionamentos, grupos, comunidades e sociedades; o julgamento pós-convencional adota uma perspectiva reflexiva sobre valores societais e constrói princípios morais que são de aplicação universal.⁴⁶⁶

A teoria do desenvolvimento moral é útil em nível de diagnóstico⁴⁶⁷ da realidade e da pessoa, o que torna possível o seu acompanhamento pelas mais diversas áreas e “[...] pode proporcionar uma estrutura para o trabalho de desenvolvimento moral na poimênica, em grupos de crescimento e em experiências educacionais.”⁴⁶⁸

Kohlberg entende o julgamento moral como expressão de fatores cognitivos nos padrões de decisão⁴⁶⁹ na “[...] construção e coordenação dos pontos de vista do

⁴⁶¹ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 74-75.

⁴⁶² KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 76-77.

⁴⁶³ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 115.

⁴⁶⁴ BIAGGIO, 2015, p. 236.

⁴⁶⁵ VIDAL, 2008, p. 61.

⁴⁶⁶ GILLIGAN, Carol. *Uma voz Diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982. p. 84.

⁴⁶⁷ UHL, Siegfried. *Los médios de edicación moral y su eficácia*. Barcelona: Herder. 1997. p. 10-112.

⁴⁶⁸ CLINEBEL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e Crescimento*. Tradução Walter O. Schlupp; Luis Marcos Sander. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 159.

⁴⁶⁹ FOWLER, James W. *Estágios da Fé. A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido*. Tradução Julio Paulo Tavares Zavatierno. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 49.

eu e dos outros. Implica contrabalançar os interesses próprios com os interesses, direitos e necessidades, do outro.”⁴⁷⁰

4.4 O Desenvolvimento Moral e sua Ampliação Reflexiva

Se a moralidade não for desenvolvida e educada, as ações humanas serão pseudoéticas, moral de escravos, contrárias à dignidade de consciência. Indivíduos ateus convictos questionam pessoas religiosas sobre o fato de elas realizarem o bem apenas pelo temor da punição divina. Nesse contexto, eles acusam a religião de escola de estagnação moral por entender que não favorecem o desenvolvimento da autonomia quando incentivam ações baseadas no medo de uma punição eterna. Entendem ainda que a presença da religião oferece pressão, e a sua ausência libera a pessoa a agir com libertinagem.⁴⁷¹ Então, “[...] assim como a linguagem, os princípios que compõem nossa gramática moral voam abaixo do radar de nossa consciência.”⁴⁷²

Há em cada pessoa a predisposição para manifestar atitudes como as de Caim em sua relação com Abel.⁴⁷³ O desenvolvimento moral é lugar de exercício que visa evoluir a natureza imanente do humano inclinado ao pecado original, geneticamente codificado para a prática do mal. Na medida em que se decifra a realidade última do humano será possível ajudá-lo a ultrapassar os limites naturalmente impostos.

É possível, na linha genética, um criminoso gerar uma sucessão de criminosos, pois o ser humano é pré-disposto por sua genética base, o que implica a necessidade de uma educação moral que o ajude a tomar consciência de ser pessoa.⁴⁷⁴ Observou-se que 50% da variação comportamental antissocial de crianças encontra-se controlada por sua genética. O seu gene comanda⁴⁷⁵, e 96 % do comportamento antissocial é hereditário, e, nesse cenário, o ambiente não influencia de forma a mudar o comportamento da pessoa, contribuindo com apenas 4%. Estudos realizados com gêmeos lembram que a agressão e a violência são

⁴⁷⁰ FOWLER, 1992, p. 57.

⁴⁷¹ DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução Fernanda Ravagnani. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 290-304.

⁴⁷² DAWKINS, 2007, p. 291.

⁴⁷³ Gn 4, 1-16.

⁴⁷⁴ RAINE, 2015, p. 35-38.

⁴⁷⁵ SINNER, Rudolf von. Quem está no comando? Neurociência, Ressonância e Desafios para a teologia. *Perspectiva Teológica*: publicação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, v. 49, n. 3, p. 611-630, set./dez. 2017. p. 611-630.

hereditárias.⁴⁷⁶ Faz-se necessário, portanto, o desenvolvimento de pesquisas mais específicas sobre a realidade transcendente, para evoluir os genes codificados da violência ou da desordem moral.

Para ampliar a visão das descobertas de Kohlberg, observa-se a necessidade de uma visão de Cuidado que eleva os níveis de serotonina ou, no mínimo, se torna um bloqueador de dopamina pela via da empatia⁴⁷⁷ e da responsabilidade⁴⁷⁸, proporcionando autocontrole, ternura, prazer e equilíbrio da emoção, não abandonando o humano a uma racionalidade fria e estagnada⁴⁷⁹, que preserva contextos autoritários de atrofia moral.⁴⁸⁰ Urge entender a cooperação como um fator que favorece o desenvolvimento.⁴⁸¹

4.5 O Desenvolvimento da Consciência Moral de Cuidado na Visão de Carol Gilligan

Carol Gilligan, com uma visão teórica “narrativista”, amplia a discussão sobre o desenvolvimento moral e oferece base para o seu entendimento, a partir do sentimento, pelas vias do Cuidado, como condutor universal de comportamento.

As suas reflexões de são prelúdio à “ética do cuidado”, pois valorizam o relacionamento, o amor, a compreensão, o respeito pelos sentimentos, a integração, o não prejudicar o outro, tendo em conta desejos e necessidades. O Cuidado de si e do outro é ponto central de profunda colaboração para o discernimento. Nessa linha, observam-se experiências da pessoa em sua realidade, considerando conflitos e escolhas que favoreçam o dinamismo e a variação de respostas, cujo conteúdo moral é exposto em situações sempre novas, tendo como centro a linguagem narrativa da experiência.⁴⁸²

Em seu estudo, Gilligan observa o desenvolvimento moral feminino como “uma voz diferente”⁴⁸³ que não se adapta às estruturas formais e concepções tradicionais patriarcais, nos modelos propostos por Piaget e Kohlberg, que pesquisaram principalmente o universo masculino. O autor entende o feminino como

⁴⁷⁶ RAINE, 2015, p. 39.

⁴⁷⁷ KRZYNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 31-63.

⁴⁷⁸ RAINE, 2015, p. 55.

⁴⁷⁹ RAINE, 2015, p. 56.

⁴⁸⁰ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 47.

⁴⁸¹ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 46.

⁴⁸² DESSEN; COSTA JÚNIOR, 2005, p. 256-257.

⁴⁸³ GILLIGAN, 1982, p. 26.

construtor de identidade na interação de sua “[...] convergência em épocas de crise e mudança”⁴⁸⁴, e assim resolve os dilemas pelo acúmulo de vivências.

Gilligan tem como objetivo ampliar a compreensão do desenvolvimento humano, utilizando o grupo feminino omitido na elaboração da teoria de Kohlberg⁴⁸⁵, e chamar a atenção ao feminino e sua representação de enfoque faltante, apontando-o como o lado humano esquecido, sua feminilidade, manifesta nas perspectivas divergentes da visão masculina de “julgamentos”, “noções”, “imaginação”⁴⁸⁶, libertando os discernimentos, dilemas e as noções de desenvolvimento moral do condicionamento restrito ao masculino, acusador do feminino de “desviante”, porta do pecado⁴⁸⁷, quando esta é prenhe de salvação.⁴⁸⁸

O julgamento feminino é conectado ao todo e aberto às dinâmicas circunstanciais da existência⁴⁸⁹, cujas ações são realizadas na positividade permeadas de responsabilidade e Cuidado, e seus níveis de desenvolvimento são identificados na possibilidade de flexível relatividade da lei em situações que exigem “exceções”, gerindo alta carga de “tolerância” em sua abertura criativa e inovadora.

O feminino julga através da lente do Cuidado útil, sem a visão de lucro ou algum benefício, derivado de uma instintiva competição “indireta”. Contudo, entende o instinto masculino enquanto competitivo. O feminino é motivado à competição pelo Cuidado que o predispõem ao respeito, atenção e perspicácia na observação das regras, sem a alucinação pela pressão da vitória. Pode servir, também, como uma espécie de defesa contra o mais forte.⁴⁹⁰

A consciência feminina, no surgimento de um conflito, encontra nele suficiente motivação para finalizar suas ações. Diferente da visão masculina, que busca acordo por vias de negociação. A consciência moral feminina, em conflito e pressão emocional, tende a silenciar-se, esconder-se, afastar-se, proteger-se do enfrentamento. Subordinada às dinâmicas dos relacionamentos, não elabora sistemas para resolver conflitos, mas os encaminha pela via da conexão pelo afeto,

⁴⁸⁴ GILLIGAN, 1982, p. 12.

⁴⁸⁵ Aqui diz respeito às teorias de Kohlberg, para as quais foram escolhidos apenas meninos, para que fossem aplicados os questionários. Esse estudo teve por base e foco a justiça, o que indica que, nas pesquisas, “as mulheres simplesmente não existem”, por basear-se apenas em meninos, isto é, “[...] empiricamente num estudo de oitenta e quatro meninos.” (GILLIGAN, 1982, p. 28).

⁴⁸⁶ GILLIGAN, 1982, p. 13-15.

⁴⁸⁷ Gn 3, 1-24.

⁴⁸⁸ Lc 1, 26-80.

⁴⁸⁹ GILLIGAN, 1982, p. 16-17.

⁴⁹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 75.

na compreensão da existência como extensão de si, recebendo influência externa ao manifestar compaixão.⁴⁹¹

Conforme podemos observar nos contos de fadas, o despertar das heroínas é diferente do despertar dos heróis. Estes são aqueles que se levantam para a luta, não desistem, não recuam, não cedem, são capazes de dar a vida para fazer valer a justiça, agem tendo em vista a destruição do mal e a conquista do mundo, são guerreiros em busca da vitória. O lado feminino tende a despertar para o relacionamento, o amor, o casamento, e não despertam por si mesmas, mas pela força da presença masculina representada no príncipe.

A dinâmica “sócio inconsciente” define a identidade feminina, induzindo-a ao seu dever ser, lugar, papel social, desejo e projeto de vida. Ser herói, na perspectiva da consciência feminina, está ligado à docilidade e à meiguice. A exclusão do sentido de Cuidado, enquanto força motriz e essencial do humano, bloqueia a integração com o todo na pessoa, isolando-a no viver em uma parcela do seu eu.⁴⁹²

Se a consciência masculina revela-se como norma, o correto, ela atribui à feminina o estigma de desviante.⁴⁹³ Dessa forma, o grito pela voz de Cuidado, princípio basilar do humano, direciona-se a sustentar o feminino no ser pela resistência e confirmação, fortalecendo a “normalidade dos seus sentimentos”⁴⁹⁴ para inserir-se com a mesma dignidade na vida social.

Na racionalidade masculina, as normas apresentam-se com função de formalização de consenso mínimo para salvar-se a si mesmo e aos outros. Assim, entende que cumprir a lei é uma combinação, é ser ético e agir de acordo ao bem comum, não ao relativo consenso comum, mas direcionado ao bom senso, o que gera múltiplas e perigosas normas.⁴⁹⁵

Em ambientes cuja razão masculina domina desqualifica-se uma argumentação lançando sobre ela a acusação de sentimental, e por isso desviante, no entendimento de que a razão que se alinha à justiça é mais importante e

⁴⁹¹ GILLIGAN, 1982, p. 18-21.

⁴⁹² GILLIGAN, 1982, p. 30.

⁴⁹³ GILLIGAN, 1982, p. 23-24.

⁴⁹⁴ GILLIGAN, 1982, p. 26-27.

⁴⁹⁵ KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar*. Deus e o homem na história. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2015. p. 9-42.

verdadeira. Tal argumentação domina e bloqueia a compaixão⁴⁹⁶ e o amor em sua esfera prática de Cuidado.⁴⁹⁷

A lógica da existência não é fictícia, abstrata. Ela não só tem por caminho a razão e a justiça, mas o Cuidado como novo nome do amor. Justiça pelo conceito de Cuidado alcança profundos pilares para um desenvolvimento maduro e de alto nível. Negligenciar o sentimento de Cuidado é burlar um nível de inteligência com “[...] capacidade de afeto empático, de colocar-se no lugar de outra pessoa, leva pessoas a seguir certos princípios morais”⁴⁹⁸ que fortalecem seus princípios.

4.6 As Perspectivas do Desenvolvimento da Consciência de Cuidado em Carol Gilligan

As perspectivas do desenvolvimento de uma consciência de Cuidado para o discernimento de dilemas e conflitos em Carol Gilligan apresentam-se nas formas de: o “cuidado de si mesmo”, o “cuidado do outro” e o “cuidado de si e do outro”.⁴⁹⁹ Observa-se que a completude do Cuidado pode ser entendida quando manifesto na dinâmica do Cuidado de si e do outro, contemplando o que se pode, ousadamente, nominar “Cuidado complexo”, pois é o ponto máximo de autonomia que se manifesta por princípios, compondo o eu e o outro.

4.6.1 Perspectiva do “Cuidado de Si Mesmo”

Esta representação tem por característica a manifestação da realidade instintiva por continuidade da vida, que se alinha ao conteúdo e se encaminha à salvaguarda da sobrevivência pessoal. Dessa forma, é caracterizada como egoísta, por ser dimensão individualizada, que não observa a si como ser de relações, decidindo como que por uma espécie de distúrbio narcísico no qual a pessoa só reconhece como fonte de valor a si mesma, por encontrar-se ensimesmada em isoladas e particulares concepções ilusórias de hedonismos, medos ou interesses⁵⁰⁰,

⁴⁹⁶ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 115-129.

⁴⁹⁷ GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 118-131.

⁴⁹⁸ GOLEMAN, 2012, p. 127.

⁴⁹⁹ LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia – um caminho para o estudo das virtudes. *Psicologia Ciência e Profissão: revista do Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 12-23, set. 2004. p. 19-20.

⁵⁰⁰ Essa perspectiva pode ser inserida no Nível Pré-Convencional de Kohlberg, como se observa na sua descrição em DUSKA; WHELAN, 1994, p. 56.

preocupando-se apenas em sua individual sobrevivência, sem acolher a participação do outro.⁵⁰¹

A origem de tal consciência dá-se pela ausência de conexão, o que só é ampliada mediante o “cuidado do outro”, que marca a objetivação por alcançar decisões via princípios. É, então, pela geração interna de conflitos cognitivos, confrontados por dilemas existenciais de sofrimento em vias de decisão, que a consciência produz uma alternância do desejo de decisão pelo seu eu isolado ou em observação à sua responsabilidade.⁵⁰² No “Cuidado de si”, as decisões são, também, direcionadas mediante a aceitação irrefletida de proibições arbitrariamente impostas por uma representação de autoridade, comunidade, cultura, religião ou sociedade.⁵⁰³

4.6.2 A Perspectiva do “Cuidado dos Outros”

Nesta dimensão extrínseca, o conceito de “bondade” adquire o sentido de ser pessoa que busca em sua ação corresponder ao desejo e pensamento da outra.⁵⁰⁴ É um realizar apenas “para”, entregar-se “unicamente para”, cuidar sem buscar ser cuidado, mas fazer a vontade da outra, ser reconhecida, entendida e amada pela outra. Nessa fase apresenta-se o desejo compulsivo de correspondência às expectativas externas em cumprir as suas determinações, entendendo essa atitude como “responsabilidade”. Contudo, por essa ação se direcionar apenas ao outro, revela uma expressão “incompleta” de Cuidado.

A mudança da perspectiva egoísta, si mesmo, para uma perspectiva responsável, o outro, se dá quando a consciência da pessoa acolhe a ideia de “participação”, pela qual visa o bem comum, através de “normas e expectativas compartilhadas”⁵⁰⁵ por uma realidade de combinação e aceitação de “valores guias” de conduta, como um rito que torna a pessoa inserida na sua desejada comunidade, na qual entende-se necessitada de estímulo e reconhecimento, quando realiza determinada vontade necessária e desejada da outra.

Aceitar a decisão pelo Cuidado da outra é manifestação de acolhida a uma realidade externa de “sacrifício” do seu ser pessoa, pelo qual observa apenas as

⁵⁰¹ GILLIGAN, 1982, p. 100.

⁵⁰² GILLIGAN, 1982, p. 88.

⁵⁰³ GILLIGAN, 1982, p. 90.

⁵⁰⁴ Essa perspectiva se insere no nível Convencional de Kohlberg, que pode ser verificada em DUSKA; WHELAN, 1994, p. 57.

⁵⁰⁵ GILLIGAN, 1982, p. 90.

necessidades e vontade externa, negando as suas, o que gera em si emoções de inferioridade e sentimento de “ódio”, que fragmentam e corrompem o relacionamento que se pensou fortalecer.⁵⁰⁶ Agir para com a outra por uma moral de “autossacrifício”⁵⁰⁷ não contempla a estrutura fundamental e complexa do Cuidado, por representar um agir que nega o ser da pessoa em sua responsabilidade, que é assumir, em sua liberdade, as decisões nos diversos dilemas da vida.

4.6.3 A Perspectiva do “Cuidado de Si e do Outro” – “Cuidado Complexo”

É o sentido de que a consciência se desenvolve para um discernimento pelo qual a conexão se equilibra entre a decisão egoísta e da responsabilidade “para”, manifesta por uma decisão pelo “Cuidado complexo”, de si e do outro. Nessa fase, encontra-se centralizada uma expressiva necessidade de “interconexão”, que se fundamenta no contato do “eu” com o “outro” e no reconhecimento e aceitação de uma “interdependência”, cujo efeito é o discernimento gerador de serena tranquilidade de consciência, na medida em que entende o Cuidado como realidade que se fortalece e se desenvolve na intercambialidade do ser.⁵⁰⁸

Uma consciência moral desenvolvida age na autoverdade, observando seus sentimentos de bondade, sem a necessidade de correspondência aos aspectos exteriores, mas considerando a relação de integralidade entre o “eu e o outro”, tendo por meta “não magoar”⁵⁰⁹, mas assumir o seu ser como é em meio a desejos e repulsas. Assim, uma decisão é válida pelo princípio do Cuidado⁵¹⁰ quando observa o bem para o si mesmo e para o outro, refletindo de forma sinótica e analítica a “responsabilidade” e a “honestidade” aplicadas às suas decisões⁵¹¹, na medida em que se dispõe a “[...] aceitar a responsabilidade pela escolha”⁵¹², observando que a “[...] falta de opção evita responsabilidade”,⁵¹³ o que gera imoralidade na decisão e o sentimento de ódio e culpa, pois

[...] a moralidade, que desculpa a autodestruição em nome do cuidado responsável [...] [não pode ser] repudiada como imprópria, mas é, isto sim, abandonada diante de sua ameaça à sobrevivência [...] na falta de

⁵⁰⁶ GILLIGAN, 1982, p. 92.

⁵⁰⁷ GILLIGAN, 1982, p. 93.

⁵⁰⁸ GILLIGAN, 1982, p. 85.

⁵⁰⁹ GILLIGAN, 1982, p. 93.

⁵¹⁰ KOHLBERG; POWER; HIGGINS, 2008, p. 23.

⁵¹¹ GILLIGAN, 1982, p. 95.

⁵¹² GILLIGAN, 1982, p. 96.

⁵¹³ GILLIGAN, 1982, p. 97.

moralidade, a sobrevivência, embora ‘egoísta’ ou ‘imoral’, volta como a preocupação mais importante.⁵¹⁴

Encontra-se nas pesquisas de Carol Gilligan uma dimensão binária da consciência quando percebida na necessidade de decisão frente a um conflito e dilema, pelo qual se lança na busca por decidir entre o “egoísmo” e a “responsabilidade”, e que se equilibra na aplicação do Cuidado Complexo que reside no “si” e no “outro”, como constituinte essencial/fundamental de uma decisão humana de “não-violência”, por meio da qual revela-se explícita e decidida rejeição a qualquer decisão que se inclina a “prejudicar”.

O outro e o eu são dimensões intrínsecas do Cuidado.⁵¹⁵ Nesse aspecto, vale ressaltar o destaque oferecido à realidade da pessoa em seu “valor próprio”⁵¹⁶, pelo qual não entende o bom pela correspondência externa, mas pelo ser que inclina-se ao dever ser pessoa de Cuidado em si mesmo, por uma decisão em sentido ontológico-utilitária de mútua realização. Ou seja, é um bem em si mesmo que é útil para o eu e o outro, e traz felicidade ao eu e ao outro.

Assim, um bom discernimento pelo Cuidado é realizado na inclusão, que alinha uma visão de responsabilidade e personalidade em que ser boa e agir bem é não gerar culpas ou feridas no eu e/ou no outro;⁵¹⁷ é “não causar dano”.⁵¹⁸ Logo, “[...] a consideração do que é bom passa a ser uma escolha entre males”⁵¹⁹, pelo qual o Cuidado se insere na perspectiva de um princípio que não gera degeneração da dignidade.⁵²⁰

Revela-se, então, pelo “Cuidado Complexo” (eu e o outro, uma realidade mais adequada e uma ética universalizável e de princípio⁵²¹, que soluciona dilemas e conflitos. Ademais, o bem se situa na complexa realidade e dirige-se a ordená-la de forma sistêmica e dialógica, na exposição e escuta empática⁵²² do que há em cada ser, prezando por uma dialética personalizada que favoreça a vida e a dignidade comum.⁵²³

⁵¹⁴ GILLIGAN, 1982, p. 98.

⁵¹⁵ GILLIGAN, 1982, p. 101.

⁵¹⁶ GILLIGAN, 1982, p. 104.

⁵¹⁷ GILLIGAN, 1982, p. 105.

⁵¹⁸ GILLIGAN, 1982, p. 106.

⁵¹⁹ GILLIGAN, 1982, p. 111.

⁵²⁰ GILLIGAN, 1982, p. 13.

⁵²¹ Essa perspectiva se insere no Nível Pós-Convencional de Kohlberg, o qual pode ser verificado em DUSKA; WHELAN, 1994, p. 58.

⁵²² KRZYNARIC, 2015, p. 138.

⁵²³ GILLIGAN, 1982, p. 15.

Em síntese, não é por uma perspectiva de autossacrifício ou de puro benefício que uma ação é moralmente válida. Uma decisão de consciência adquire fundamento de moralidade quando observada na perspectiva do “Cuidado Complexo”, amparado pela subjetividade e alteridade que não fere nem agride, e decide ao fim pelo não benefício ou sacrifício pessoal, mas por um sentido que plenifica a consciência para uma visão do todo que inclui, de forma simbiótica, o eu e o outro⁵²⁴ aí, existencial e circunstancial no seu eu “presença”, por ações realizadas por um princípio.

4.7 O Julgamento Moral pela Consciência de Cuidado

O julgamento moral pelo Cuidado coloca-se no lugar do outro, sente-se responsável, não observa o perigo, é abertura total à solidariedade. Uma narrativa ajuda a observar de que forma essa realidade se insere no cotidiano. Observemos esta narrativa: certa feita, em direção à Faculdade com uma colega de turma, observamos homens que, de dentro de um carro, por um agitado movimento, empurravam ligeiro e grosseiramente uma mulher, e com rápida ignorância jogavam seu celular pela janela. Ela, machucada interna e externamente, colocou-se ao largo da rua, derramando-se em prantos. Imediatamente, uma amiga, psicóloga, em segundos, lançou-se prontamente a ajudá-la. Seu testemunho, considerado pelas razões masculinas imprudente, motivou o dever de cuidar. A lógica masculina rejeitava e questionava tal ação, enquanto a razão feminina, “boa samaritana” em sua prática, não se negava a abraçar e cuidar daquela pessoa “ferida”. A “boa samaritana” buscou ajuda nos postos de combustíveis mais próximos, deu-lhe dinheiro para voltar para casa e lhe deixou um grande tesouro: sua atenção e Cuidado, sem restrições. Com qual medida se entende um ser moralmente desenvolvido? Quem aplica friamente a justiça e lava as mãos, passando ao largo do problema do outro ou quem oferece um pouco de si, um pouco de Cuidado? Essa realidade conjuga com a profundidade do relato, modelo moral dos estágios e do desenvolvimento humano, apresentado no texto do Bom Samaritano, cuja lógica é de Cuidado.⁵²⁵

⁵²⁴ GILLIGAN, 1982, p. 116.

⁵²⁵ Lc 10, 25-37.

Hoje, necessita-se desenvolver uma consciência de Cuidado enquanto sentimento equilibrante, impulsionador da sensibilidade do abraço sem julgamento, do interesse pelo outro unicamente por ser pessoa.

Portanto, a escala de evolução da justiça de Kohlberg pode se completar com um devido estudo sobre os níveis de Cuidado essencial na evolução humana, para o discernimento equilibrado da Justiça, pois⁵²⁶

[...] a moralidade envolvida com a atitude de cuidado centra o desenvolvimento moral em torno da compreensão da responsabilidade e dos relacionamentos, assim como a concepção da responsabilidade e dos relacionamentos.⁵²⁷

Gilligan oferece reflexões às teorias que não observam a totalidade do humano em sua complexidade e lança um alerta às falhas metodológicas que sustentam padrões patriarcais. Destarte, para que haja “teorias férteis”, os homens necessitam estabelecer relações saudáveis com as mulheres, na forma e no contexto das mesmas, pelo modelo de reciprocidade, observando e entendendo a simbiose das dinâmicas do masculino e do feminino que correspondem às necessidades da humanidade em vias de desenvolvimento ao maduro julgamento moral.⁵²⁸

É característica do feminino, em seu discernimento e argumento moral, a percepção da realidade a partir de conexões e relacionamentos, excluindo o isolamento, abrindo-se a “[...] compreensões decisivas para uma ética do cuidado”⁵²⁹, cuja dinâmica envolvida é de ajuda ao outro de forma concreta e não na correspondência de um ideal de perfeição distante sem incidência prática, mas por uma conexão perfeita, em vias de ajuda compassiva, ao outro necessitado de um olhar de responsabilidade, proteção e amor⁵³⁰, na doação, entrega e gratuidade.

O discernimento feminino se manifesta na relativização das regras formais a determinados contextos, entendendo a imoralidade não como uma injustiça, mas como falta de cuidado e traição.⁵³¹ Em consequência disso, as respostas

⁵²⁶ GILLIGAN, 1982, p. 27-32.

⁵²⁷ GILLIGAN, 1982, p. 29.

⁵²⁸ GILLIGAN, 1982, p. 33.

⁵²⁹ GILLIGAN, 1982, p. 41.

⁵³⁰ GILLIGAN, 1982, p. 46.

⁵³¹ GILLIGAN, 1982, p. 56-61.

manifestam-se no Cuidado enquanto “[...] atividade de relacionamento [...] de modo que ninguém seja deixado sozinho.”⁵³²

Na consciência de Cuidado, a pessoa é capaz de concluir abstratamente sobre o bem ético e praticá-lo. Em resumo, ajuda, faz o bem, serve, observa o que lhe cabe enquanto obrigações, é responsável para consigo e para com os outros, doa a sua vida⁵³³, vinculando os julgamentos “[...] a sentimentos de empatia e compaixão e [...] [preocupa-se] com a resolução de dilemas reais e não hipotéticos”⁵³⁴, exigindo uma ordem sempre mais elevada de maturidade interrelacional.

4.8 O Discernimento Moral pelo Cuidado

O desenvolvimento moral gerado pelo Cuidado é transparente na responsável forma de relação, não no direito⁵³⁵ ou normas. Sem o princípio de Cuidado, o enfoque no direito é faltante e não atinge seu objetivo, tornando imoral a realidade que em desequilíbrio frio “causa dano” pela irresponsabilidade, descaso e indiferença. Oferecer cuidado é manifestação de alto grau de maturidade e comunhão justa, autônoma e responsável.⁵³⁶

Observa-se que não é só pelo conflito que se produz um estado de alerta propício à evolução moral, mas pela colaboração mútua, livre e saudável, que auxilia e atualiza, por redirecionamentos de fórmulas sociais, tornando central a opção da livre responsabilidade na qual a alteridade se assume responsável por evitar qualquer dano.⁵³⁷

Apresenta-se, então, um novo imperativo categórico – “deves cuidar” – equilibrado com o direito, a proteção e a responsabilidade, para que se mantenha o estado de felicidade e bem-estar. Por conseguinte, no nível de maturidade, a resolução dar-se-á pela criatividade de re-elaboração da justificativa pela via de Cuidado.

⁵³² GILLIGAN, 1982, p. 73.

⁵³³ GILLIGAN, 1982, p. 76-78.

⁵³⁴ GILLIGAN, 1982, p. 80.

⁵³⁵ PANIKKAR, Raimundo. Seria a noção de direitos humanos uma concepção ocidental? Tradução de Roberto Cataldo. In: BALDI, César Augusto. (Org.). *Direitos humanos na sociedade cosmopolita*. Rio de Janeiro: Renovar, 2004. p. 1-19.

⁵³⁶ GILLIGAN, 1982, p. 84.

⁵³⁷ GILLIGAN, 1982, p. 85-106.

Pessoas são concretas e transcendentais. Conseqüentemente, uma ética etérea, alienante da consideração de contexto e da consciência individual em conflito, afoga o ser pessoa numa moral de “sacrifício” sem atualização do potencial do Cuidado, desligada da prática dos sentimentos e dilemas reais.⁵³⁸

4.9 A Consciência de Cuidado e sua Visão de Integralidade Humana

A Consciência de cuidado integra o feminino e o masculino⁵³⁹ enquanto “[...] guia mais adequado para solução de conflitos nas relações humanas.”⁵⁴⁰ Essa “voz feminina” é de fundamental importância para ampliar a visão sobre o que é ser desenvolvido moralmente, isto é, a maturidade, a moralidade capaz de empreender, tendo por pilares a Justiça e o Cuidado. Se o sentimento estiver negligenciado, apenas lhe são oferecidas realizações mercadológicas de frieza e domínio, petrificando ao status vigente que corrobora a corrosão do caráter pelo apego a uma vida congelada no direito estático.⁵⁴¹

A consciência de Cuidado é baliza para escolhas e decisões na vida, pois sua estrutura nega-se a causar dano e revela-se pensamento da mais alta abstração, desapegada dos males, tendo como foco o dever de cuidar até mesmo de quem lhe dirigiu o mal.⁵⁴² Logo, o ápice do desenvolvimento moral “[...] não é cooperação ou interdependência, mas, ao invés, o cumprimento de uma obrigação, o resgate de uma dívida, ao dar a outros sem receber nada para si.”⁵⁴³ É o perdão imerecido “[...] indicador do auge do desenvolvimento moral”⁵⁴⁴, cujo fim é um novo outro ser em si mesmo.

Cada ser pessoa, desde a sua infância, “deve”, no sentido moral Kantiano⁵⁴⁵, ser exercitada ao senso de justiça e ao senso de Cuidado, simbioticamente, em vista da complexidade da existência.⁵⁴⁶ Assim, justiça⁵⁴⁷ e sentimento de Cuidado são duas asas que conduzem o humano aos mais elevados níveis de desenvolvimento.

⁵³⁸ GILLIGAN, 1982, p. 110-113.

⁵³⁹ JUNG, Carl. G. *Psicologia do inconsciente*. Tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p. 81, 98.

⁵⁴⁰ GILLIGAN, 1982, p. 115.

⁵⁴¹ GILLIGAN, 1982, p. 116.

⁵⁴² GILLIGAN, 1982, p. 143, 145-149.

⁵⁴³ GILLIGAN, 1982, p. 150.

⁵⁴⁴ GRIFFA, 2001, p. 326.

⁵⁴⁵ KANT, 2008, p. 223-230.

⁵⁴⁶ TIBA, Içami. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integrare, 2007. p. 276-279.

⁵⁴⁷ Pode-se observar uma apresentação lúcida e envolvente sobre esse conceito no livro de SANDEL, Michael J. *Justiça – o que é fazer a coisa certa*. Tradução Heloisa Marias; Maria Alice Máximo. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Pela linha da justiça se encontram as dimensões das normas para um fim específico, mas pela linha do Cuidado essas normas são elevadas a um alto grau de misericórdia⁵⁴⁸ e humanidade, estabelecendo-se como princípio universal.⁵⁴⁹

O desenvolvimento moral encaminha-se a significar o Cuidado do outro e de si, colocando a fé no que há de transcendência em sua essência potencial a desenvolver.⁵⁵⁰ O discernimento moral é perfeito na medida em que a justiça evolui de forma paralela ao cuidado, “[...] temperando misericórdia com justiça, capacitando as mulheres a considerar moral cuidar não só de outros mas de si mesmas.”⁵⁵¹

O “retorno” à essencial consciência de Cuidado é capaz de manifestar a dinâmica da maturidade por uma existência que aquieta o coração e não aceita a voz masculina como única. Assim, cultivar “[...] o silêncio das mulheres na narrativa do desenvolvimento humano distorce a concepção dos seus estágios e de sua seqüência [sic].”⁵⁵²

O desenvolvimento moral da consciência moral é realidade de conciliação, silêncio, exílio, destreza e observação de si e do outro, é conexão em benefício de ambos os sexos, que desde o início sabem-se, pela sua dimensão essencial, seres de Cuidado e, em seu percurso de autoconsciência, descobrem-se, na sua manifestação, instigados pelas experiências realizadas.⁵⁵³

Na busca por Cuidado e “integridade”, observa-se a geração de oposição de verdades, cuja conexão se dá pelo relacionamento, desligamentos e rupturas, pela força da justiça, no sentido de direito, que oferece renovadas compreensões sobre a aplicação do Cuidado em suas dimensões.⁵⁵⁴ Dessa forma, as aplicações de resoluções de dilemas não se dão apenas por julgamentos pré-formalizados no direito, devido à relatividade na qual se encontram as normas, exigindo em sua aplicação observância simbiótica de Cuidado, o que significa justo.⁵⁵⁵

A argumentação em determinados conflitos éticos é sempre mais perfeita no equilíbrio da justiça cuidadosa. Para um julgamento moral eficaz, humano, que contempla o todo do indivíduo, deve haver a fundamental convergência⁵⁵⁶ da justiça

⁵⁴⁸ COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 131-144.

⁵⁴⁹ GILLIGAN, 1982, p. 151-152.

⁵⁵⁰ HARARI, 2016, p. 227-281.

⁵⁵¹ GILLIGAN, 1982, p. 160.

⁵⁵² GILLIGAN, 1982, p. 168.

⁵⁵³ GILLIGAN, 1982, p. 169-170.

⁵⁵⁴ GILLIGAN, 1982, p. 172-178.

⁵⁵⁵ COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 49-79.

⁵⁵⁶ GILLIGAN, 1982, p. 179.

pelo cuidado, o que amplia as possibilidades de interpretação de qualquer contexto no qual se exija um juízo moral maduro, transpondo sua base do rigor para uma análise de “interconexão”⁵⁵⁷ na misericórdia.

Observa-se que não há método unilateral para conceber a interpretação do desenvolvimento da consciência moral. As duas faces apresentadas são necessárias e imprescindíveis para uma eficaz felicidade e liberdade da consciência, unindo a razão ao sentimento, para que se obtenha equidade⁵⁵⁸, e pelo Cuidado a superação da violência. Tal simbiose encaminha sociedade e pessoa “[...] a uma visão mais criativa da vida humana.”⁵⁵⁹

4.10 O Desenvolvimento Moral e sua Pluralidade Complexa

Cada pessoa humana carrega em si limites a serem administrados, entendidos e integrados, bem como um conjunto de hábitos e liturgias estruturais “internalizadas”⁵⁶⁰ que formatam o cérebro, inclinando-o ao agir e julgar, gerando sequências comportamentais que auxiliam na resolução de dilemas por respostas que atingem a estatura de valores para além do tempo e do espaço, adequando-se ou rebelando-se conforme ou apesar destes.⁵⁶¹

A vida é “ressignificação”. Portanto, ações morais não são “atos desconexos”⁵⁶², pertencem ao despertar da vida histórica permeada de influências de relações resultantes de complexas conexões, forjadas pelas estruturas de poder e de consciência, tendo por objeto a resolução de conflitos, exigindo elevados estágios de desenvolvimento⁵⁶³, pelos quais a moral evolui⁵⁶⁴ na abertura de si ao transcendental, que muda o seu interior.⁵⁶⁵

Pessoas se desenvolvem e carregam em sua estrutura a possibilidade de renovação na direção da busca pelo universal de valor, capaz de colaborar para com a interpessoalidade que as inserem em processos universais, pela relatividade

⁵⁵⁷ GILLIGAN, 1982, p. 185.

⁵⁵⁸ TOURAINE, Alain. *Igualdade e Diversidade*. O sujeito democrático. Tradução Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998. p. 93-109.

⁵⁵⁹ GILLIGAN, 1982, p. 186.

⁵⁶⁰ BIAGGIO, 2015, p. 214.

⁵⁶¹ DAMÁSIO, António Rosa. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 197-361.

⁵⁶² DUSKA; WHELAN, 1994, p. 7.

⁵⁶³ BIAGGIO, 2015, p. 222.

⁵⁶⁴ VIDAL, 2008, p. 51.

⁵⁶⁵ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 16.

pontual e expansiva das manifestações de seu estado de ser. Dessa forma, não há indivíduos por si mesmos, no seu contexto cultural; e o princípio do Cuidado tende à profunda correspondência ao universal.⁵⁶⁶

Para um efetivo desenvolvimento moral, observa-se a “qualidade de interações”⁵⁶⁷ da estrutura de consciência para a compreensão de estágios e estruturas básicas, diagnosticáveis, que favoreçam evolução ao discernimento justocuidadoso, excludente de dinâmicas de medo e punição⁵⁶⁸, impedientes de uma decisão madura e consciente.

O desenvolvimento moral é multidisciplinar e “transcultural”. Em cada etapa da existência brotam respostas com a maturidade daquele período de tensão, em que determinados raciocínios, em diferentes momentos, indicam o conteúdo de uma consciência e o estágio no qual se encontra, favorecendo a intervenção para a positivação ou correção da vida moral, na qual a pessoa vive e pela qual deve ser respeitada e motivada a desenvolver-se ao mais alto possível dos níveis considerados de valor.

Para o alcance da “maturidade moral”, deve-se empreender a correlação “entre juízo e ação moral”⁵⁶⁹ por uma razão de cuidado, firmada na liberdade e responsabilidade, de forma personalizada, a conduzir cada pessoa ao nível de respostas correspondentes a seu momento.⁵⁷⁰ “Espiralmente”, em tais processos, o humano desenvolve a força de adaptar-se nas frestas temporais da cultura.⁵⁷¹

A maturidade moral não é uma escolha consciente por sistemas de valores que sustentam o fundamento para discernimento de ações, mas um alcance que dribla o desequilíbrio da unilateralidade, preservando-a da corrosão moral, valorizando “[...] aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável.”⁵⁷² Em resumo,

⁵⁶⁶ ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*: revista do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, 2009.

⁵⁶⁷ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 8.

⁵⁶⁸ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 8.

⁵⁶⁹ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 10.

⁵⁷⁰ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 11.

⁵⁷¹ GABATZ, Celso. As Representações das Identidades e Culturas diante da Globalização na Contemporaneidade. In: MARCELINO, Bruno César Alves. (Org.). *Dossiê Cultura em Foco: Integração Cultural Latino-Americana*. Foz do Iguaçu: CLAE, 2017. p. 187-199.

⁵⁷² SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Tradução Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 27.

o mero cumprimento medroso de uma regra pelo temor, e a obsessão do rigor desta, revela condições imaturas de julgamento.⁵⁷³

⁵⁷³ DUSKA; WHELAN, 1994, p. 13.

5 CONCLUSÃO

Depois de observar as realidades do cuidado, sondar o vulto reflexo da ponta do iceberg, que se apresenta na consciência, e pesquisar sobre a estrutura do desenvolvimento moral, surgem mais questionamentos do que conclusões. Contudo, ao realizar esta pesquisa, acabamos por desvendar realidades sociais e estruturas de pensamentos escondidas e reveladoras dos conteúdos comportamentais do ser humano.

Entendemos o Cuidado como uma doutrina ética que deve ser observada não como uma teoria evasiva, mas como condição de ser presença, realidade prática de comportamento do ser ao manifestar fenomenicamente o que ele é. O Cuidado é a doutrina ética que se adéqua a qualquer tempo e espaço, e capta todas as dimensões da existência, humanizando os contextos e, por si mesma, provocando a sua evolução.

A estrutura do desenvolvimento moral não é dinâmica fria, calculada e estática. Está em constante reconstrução a partir da pessoa e do problema, com o qual ela se defronta. É permeada de emoções que se revelam complexas em sua

existência. Por isso, o Cuidado é o componente essencial e necessário a ser desenvolvido no humano para que ele venha a ser o que é sem distorcer o seu eu em meio às diversidades existentes.

O Cuidado é princípio que pode se aplicar em vários setores e contextos de exigências éticas e observações nas quais estão inseridas pessoas. Em empresas, gestão de pessoas, gestão de conflitos, nos contextos de bioética principalmente, bem como em todas as estruturas que lidam com o discernimento da pessoa, sejam elas psíquicos, espirituais ou existenciais.⁵⁷⁴ O Cuidado, em sua compreensão de desenvolvimento e dimensão, presente em toda pessoa humana, é forma de compreender o ser mais relacional que sistemático e racionalista. É conteúdo integrador e não excludente, que se estrutura naturalmente. Na medida em que se aceita a consciência de Cuidado, por ser expressão comportamental prática, retoma-se a sua dinâmica original de humanidade e relação, renunciando ao instinto de violência.

A consciência de Cuidado não é uma realidade do sexo feminino, mas é presença e condição de toda a estrutura e condição de ser. Assim, observa-se que a justiça não cumpre a sua forma quando firma-se apenas na esfera da punição ou aplicação direta e fria de um termo, por não favorecer bases para a evolução humana. A justa justiça se manifesta dentro da ampla visão de Cuidado em seus aspectos internos e externos. Logo, a busca por justiça deve estar sustentada no fundamento do Cuidado de si e do outro.

O caminho de discernimento não se dá pela via única de formular uma ética de convivência. Porque o Cuidado, além de um caminho que auxilia na complexa realidade humana, revela-se princípio que desenvolve plenamente a consciência humana e observa a pessoa enquanto potencial vir a ser. Seu desenvolvimento não passa por técnicas, pois ela não insere e não molda a sua condição. Mas o Cuidado é ativado na medida do cuidar, enquanto realidade prática que desenvolve a consciência humana na medida do fazer, do estar e no mover-se para as necessidades do outro.

As estruturas de desenvolvimento moral são de fundamental importância para diagnosticar pessoas, culturas e sociedades, inserindo a análise sob a

⁵⁷⁴ Para a compreensão do processo prático de discernimento a partir do Cuidado, disponibilizamos em anexo uma narrativa de experiência que ilustra a aplicabilidade, em sua complexidade, do discernimento ético, tendo por base o Cuidado de si e do outro como verdadeira Justiça. Cf. Apêndice – Relato de Experiência sobre a Prática do Discernimento Baseada no Cuidado.

perspectiva do Cuidado. Portanto: em qual estágio estaria a nossa comunidade e sociedade na dinâmica do cuidar? Em qual nível ou estágio se encontram as nossas comunidades religiosas ou empresas no aspecto humano de Cuidado? Assim, a partir da sua classificação, é possível colaborar para que cada pessoa venha a ser o que é em sua natureza, eliminando ou amenizando as situações limitantes.

A medida do desenvolvimento não está dentro da medida de interesse político, mas de uma visão íntima de Cuidado de si, que se manifesta na autonomia, e essa autonomia tem como baliza o ser de Cuidado na presença e não na ausência da presença.

A consciência humana é capaz de se desenvolver para em si mesma ser o que ela é, não para os outros, na liberdade de sua intervenção e satisfação, no respeito e na aceitação do limite do outro. Há várias formas de consciência. Elas devem ser observadas previamente para que se possa encaminhar, em sua condição, ao mais alto nível de desenvolvimento. Os níveis de desenvolvimento são sequenciais e evolutivos. Assim, os níveis e estágios de desenvolvimento moral se comportam como um ciclo em constante evolução, pois o número da perfeição não é alcançado em sua completude, o que indica que cada ser é chamado a evoluir a partir do estágio no qual se encontra.

A determinação dos níveis e estágios do desenvolvimento moral não terá sentido se formar-se de determinações expostas a partir das concepções e convenções sociais. Dessa forma, só os níveis de Cuidado tornam-se garantia de salvaguarda da interioridade do ser pessoa e sua liberdade perante a liberdade do outro em desenvolvimento com o outro.

Observar os níveis e estágios ajuda a organizar o que se deve dizer especificamente àquela pessoa e como conduzi-la. Haverá pessoas que não podemos tratá-las, em determinado momento, como autônomas, pois elas não conseguirão responder. Por isso, entender onde a pessoa está é ao mesmo tempo poder de libertá-la ou aprisioná-la, pois é possível o uso dessa importante descoberta dos níveis e estágios morais para dominar as consciências para fins políticos e múltiplas imposições, nas esferas religiosas e sociais.

Os estágios dizem respeito ao ser da pessoa e seus sentimentos. Se os sentimentos são bloqueados, a pessoa age conforme as normas e leis impostas sem cuidar de si e observar o Cuidado no outro. Quem se desenvolve é a pessoa dentro de contextos e relações que podem ser satisfatoriamente desenvolvidas.

Há tendência inconsciente e coletiva em algumas linhas religiosas em estagnar os seus “clientes” em estágios baixos, cujo fim é mantê-los por uma ordem de obediência, sem questionar as “verdades” impostas ou incentivá-los a buscar conhecer as origens da sua crença. Da mesma forma, instâncias políticas e sociais desejam manter os seus “associados” por padrões nos quais possam seguir guiados pelo medo da autoridade que se expressa por diversas formas. Portanto, ao mesmo tempo, o estudo dos níveis e estágios de desenvolvimento moral é libertador e esclarecedor, mas, também, pode tornar-se perigoso quando usado por mentes ultra-narcisistas.

O Cuidado é princípio para desenvolver o humano e gerar a felicidade. Todas as ações do ser estão direcionadas a um desejo de felicidade. Esta se manifesta na autonomia que não se reduz a um padrão estabelecido de justiça quando vista em relação ao outro.

O princípio de Cuidado, aplicado ao discernimento, é base fundamental para quem lida com gestão de pessoas, acompanhamento espiritual, terapeutas, empresárias e empresários e lideranças religiosas que necessitam entender onde e em qual escala as pessoas, que lhes foram confiadas e que lhes confiaram o caminho, pensam. Há momentos em que as pessoas necessitam de intervenções e outros nos quais elas devem, no sentido ético, ser respeitadas em seus, considerados, limites. A pessoa que orienta deve manter a sua mão sempre estendida como símbolo de que ajuda na jornada evolutiva daquela pessoa. O discernimento pelo Cuidado não observa as estruturas éticas históricas em suas doutrinas consagradas, mas torna-se ele mesmo a doutrina que vai se ajustando e vai ajustando na medida do diálogo, que revela a interioridade e manifesta a direção das atitudes de liberdade em relação a si e ao outro.

O desenvolvimento de uma consciência moral de Cuidado necessita encontrar espaços que favoreçam os conflitos cognitivos e abordem a necessidade de cuidar e cuidar-se. Assim, de que forma a religião pode fomentar o desenvolvimento de consciência moral que favoreça o Cuidado de si e do outro? Como a religião pode auxiliar no desenvolvimento do Cuidado? Como a doutrina do Cuidado pode se tornar base universal da convivência humana e como a encontramos entendida nas diversas religiões? Se o Cuidado é essência do ser humano e, sendo uma espécie de linha libertadora, por que ele foi sufocado pelas pressões de apenas trabalho e dever? Dessa forma, como libertar o Cuidado para

que se possa ser o que em si mesmo é e assim gerar cura aos corações humanos e às sociedades? Pelo Cuidado não obtêm-se várias éticas, mas ele se torna ética que reúne todas as expressões e compreensão como fio condutor ao respeito e à necessidade de resolução em uma unidade do presente. A consciência moral de Cuidado é universal e não está permeada de tendência ideológica. Ela reúne das ideias éticas o que há de essencialmente necessário ao convívio humano.

Pela pesquisa do Cuidado surge a necessidade de voltarmos o olhar para o que há no humano, revelando a ele o que lhe parece oculto. Por conseguinte, observa-se que há no ser humano muitas emoções e estas são a razão das pessoas se ligarem às religiões, esquemas sociais e grupos políticos. O desenvolvimento de uma consciência de Cuidado inaugura uma nova concepção da ética teológica que se pode chamar teologia das emoções.

Na medida em que fomos criados pelo Cuidado somos seres de Cuidado, e esse Cuidado, em sua origem, é o próprio Deus. Portanto, o sentimento puro e necessário é o de Cuidado. Buscar entender as emoções religiosas é de fundamental importância para compreender as estruturas de Cuidado asseguradas nos corações das pessoas que as sentem, e a sua compreensão em relação a Deus.

Observa-se que cada consciência se desenvolveu ou para uma realidade mais estática de cumprimento de leis ou para uma realidade de relacionamento e conexões. Assim, há em cada pessoa a potência de encaminhar-se para o que é, ser de Cuidado, aceitando o sentimento como uma condição da vida. O que vem fora desse pode ser plástico, uma realidade movida pelas esferas coercitivas e de ajuste societário.

O Cuidado é conteúdo base para o relacionamento com a natureza devastada e explorada. É pelo Cuidado que se pode recomeçar o respeito por todos os bens da criação. Também ele é base ética para o respeito a toda a diversidade pessoal, racial e cultural.

Observa-se que muito se fala da empatia dentro do contexto citado acima. Contudo, ela é só mais uma expressão do Cuidado. Ela é uma moral do cuidado, pois todos os sentimentos éticos se manifestam na sua dimensão macro de universalidade.

Deus é Cuidado. Falar do Cuidado é falar de Deus. E buscar ser pessoa de Cuidado é buscar atualizar cada vez mais a imagem e semelhança do Criador, que

se releva na mesma atitude de criação e Cuidado ali realizado. Ao falar de Deus falamos da origem do cuidado. Essa é a ética deixada pelo Criador e que se tomou por vários nomes: amor, solidariedade, responsabilidade, empatia; mas já estava no coração de Deus. Assim, ao voltarmos para a dinâmica do Cuidado voltamos para o lugar de onde saímos, Deus.

As instituições religiosas, políticas e sociais tem a missão de ativar no humano o gene do Cuidado que foi adormecido pela serpente do ódio, pelo pecado da dominação e violência que agride e mata a percepção consciente de transcendência. Dessa forma, o desenvolvimento da consciência de Cuidado é solução para os diversos problemas na atual sociedade: intolerância, incapacidade de diálogo, violência, corrupção. São sinais de que o humano tem se afastado do seu centro viral, Deus que é Cuidado (amor).⁵⁷⁵

Pelo Cuidado se desenvolve e fortalece uma nova antropologia, uma visão profunda e essencial do ser humano. Este, antes de vir a ser pessoa religiosa, é ser de Cuidado. Antes de tornar-se estruturalmente pertencente a qualquer realidade de grupo, é ser de Cuidado. Antes de ter noção sensitiva de estar presente já é potencialmente ser de Cuidado. Assim, observa-se que o que temos não é só a manifestação de níveis e estágios de moralidade descobertos no tecido social, mas está no humano, que já o tem consigo, como por uma espécie de dom. Por conseguinte, uma antropologia verdadeira descobre-se mergulhada na verdade da pessoa quando a entende sobre o prisma do Cuidado e descobre a sua moral não como um adereço, mas manifestação do desejo de cuidar de si e do outro. A antropologia moral tem um nome e este nome está determinado e conceituado pelo Cuidado.

A orientação baseada no Cuidado não tem indicativos exatos, mas roteiros necessários de adaptação. As pessoas apresentam-se em suas fases e expressões específicas e próprias do cuidar. Dessa forma, torna-se realidade de crítica, pelo Cuidado, uma orientação que se estrutura por concepções que fecham o ser humano em visões unilaterais, tomando como por certo o já estabelecido, nos caminhos do certo e do errado previamente traçados. Isso não é ética nem orientação, mas dominação e, por efeito, imoralidade. Uma consciência moral de

⁵⁷⁵ 1Jo 4.

Cuidado não se limita ao observável, mas conecta-se ao que o humano é em si mesmo, não pelo desejo, mas pela realidade e por seu ser presença.

Só será possível uma verdadeira justiça se ela for baseada nos princípios de Cuidado. Se a análise do comportamento humano é feita apenas na linha de lógicas consagradas, linguísticas e substituíveis terá como fim a imoralidade, mesmo dentro da legalidade.

Descobrir-se ser de Cuidado liberta a pessoa da culpa de sentir o que sente, e ser o que é a faz viver com o seu ser na vida que lhe cabe e na existência que lhe foi oferecida. Ser pessoa de Cuidado é ser presente e aceitar o seu ser presença no exato momento. Contudo, todos evoluem. Mas a estrutura da evolução não é para a correspondência do que hegemonicamente foi planejado, mas para a liberdade e autotranscendência.

O Cuidado pode se relacionar ao desenvolvimento moral de forma essencial e intrínseca. Ele é o *ethos* fundamental da pessoa. Dessa forma, quando se fala em desenvolvimento da consciência moral deve-se ter em mente o desenvolvimento do Cuidado, que, em sua dinâmica de sentimento, tem sua origem na liberdade de ser, e, em sua adesão livre, não realiza-se essencialmente e não evolui por imposição ou técnicas de condução. E, portanto, por consequência, o desenvolvimento moral pelo Cuidado não “suporta” plasticidade ou estratégias de condução. É livre naquilo que é em si mesmo, liberdade e autonomia.

O Cuidado é um poderoso despertar teológico, social, psicológico, filosófico e espiritual. Constitui-se a revolução por reunir tudo e todos que equilibra e cura, e pela cura evolui o seu sentido e consciência quando a pessoa, para ser o que é, descobre-se e aceita-se ser de Cuidado, observando nesse caminho o sentido de viver.

REFERÊNCIAS

I CORÍNTIOS. *In*: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1993-2016.

I JOÃO. *In*: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 2124-2134.

ABDALLA, Maurício. *O princípio da Cooperação*: em busca de uma nova racionalidade: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. *A Graça I*. Tradução Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO. *A Graça II*. Tradução Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999.

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. Tradução Frei Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. v. II. Tradução Alexandre Correia. 2. ed. Porto Alegre, RS: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BALLARINI, Teodorico. *Pentateuco*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética Pós-Moderna*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2004.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. São Paulo: Loyola, 2006.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BIAGGIO, Angela M. Brasil. *Psicologia do desenvolvimento*. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999a.

BOFF. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b.

BOFF. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF. *Ética e Moral: A busca dos fundamentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOFF. *Homem: satã ou anjo bom*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF. *Princípio de Compaixão e Cuidado: encontro entre ocidente e oriente*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. Tradução Helberto Michel. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CLINEBEL, Howard J. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e Crescimento*. Tradução Walter O. Schlupp; Luis Marcos Sander. 6. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética, direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CELAM [Conselho Episcopal Latino-Americano]. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe; 13-31 de maio de 2007*. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.

DAMÁSIO, António Rosa. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO. *O mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Tradução Fernanda Ravagnani. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Tradução José Marino Luz; Johan Konings. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora da Silva Campos; COSTA JUNIOR, Áderson Luiz. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUHIGG, Charles. *O poder do hábito. Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios*. Tradução Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DURKHEIM, Emile. *Ética e sociologia da moral*. Tradução Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Martin Claret, 2016.

DUSKA, Ronald; WHELAN, Mariellen. *O desenvolvimento moral na idade evolutiva: um guia a Piaget e Kohlberg*. São Paulo: Loyola, 1994.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ÊXODO. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 103-161.

FILIPENSES. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 248-253.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade. Tradução Howison Lectures. *Revista de Comunicação e linguagem*: publicação da área das Ciências da Comunicação, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edições Cosmos, n. 19, p. 203-223, 1993.

FOUCAULT. *Segurança, território, população*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT. *O governo de si e dos outros*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT. *História da Sexualidade: O Cuidado de Si*. Vol. 3. Tradução Maria Tereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz na Terra, 2014.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. A Psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. Tradução Julio Paulo Tavares Zavatiero. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

FROMM. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Tradução L. A. Bahia; Giasone Rebuá. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FURROW, Dwight. *Ética*: conceitos-chave em filosofia. Tradução Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GABATZ, Celso. As Representações das Identidades e Culturas diante da Globalização na Contemporaneidade. *In: MARCELINO, Bruno César Alves. (Org.). Dossiê Cultura em Foco: Integração Cultural Latino-Americana*. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2017. p. 187-199.

GÁLATAS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 2031-2038.

GASS, Ildo Bohn. Espiritualidade e ecologia. *Estudos Bíblicos*: revista do Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis, Vozes, v. 28, n. 110, p. 121-134, abr./jun. 2011.

GASSET, J. O. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Ibero-Americano, 1967.

GAUDIUM et Spes. In: SANTA SÉ. *Compêndio do Vaticano II*. N. 22. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GAUDIUM et Spes. In: SANTA SÉ. *Concílio Ecumênico Vaticano II – Documentos*. N. 16. Tradução Monsenhor Antonio Luiz Catelan Ferreira et al. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 200-329.

GÊNESIS. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 32-102.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz Diferente*: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GRIFFA, Maria Cristina. *Chaves para a psicologia do Desenvolvimento*. São Paulo: Paulinas, 2001.

GROS, Frédéric. O Cuidado de Si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. p. 127- 138.

GRÜN, Anselm. *Caminhos para a liberdade*: vida espiritual como exercício para a liberdade interior. Tradução Ilson Kayser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GRÜN. *A arte de ser mestre de si mesmo para ser líder de pessoas*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2012.

GRÜN. *Jesus como terapeuta*: o poder curador das palavras. Tradução Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social crítica*: como prática de libertação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GUIJARRO, Santiago; GARCIA, Miguel Salvador. *Comentário ao Antigo Testamento I*. São Paulo: Ave Maria, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir comunicativo*. Tradução Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HÁERING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo*: teologia moral para sacerdotes e leigos. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

- HARARI, Yuval Noah. *Homem Deus: Uma breve história do amanhã*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo Companhia das Letras, 2016.
- HARING, Bernhard. *A Lei de Cristo*. Teologia Moral par Sacerdotes e Leigos. Tomo I. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Herder, 1960.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova/Paulus/Loyola, 2008.
- HEBREUS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 2085-2110.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução Paulo Meneses. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução Marcia Sá Cavalcante Schuback. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- JÓ. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1842-1895.
- JUNG, Carl. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Tradução Frei Valdemar do Amaral. São Paulo: Círculo do Livro, 1972.
- JUNG. *Psicologia do inconsciente*. Tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.
- KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. Tradução Edson Bini. 2. ed. Bauru: Edipro, 2008.
- KARNAL, Leandro. *Pecar e perdoar*. Deus e o homem na história. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2015.
- KASPER, Walter. *A misericórdia: Condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã*. Tradução Beatriz Luiz Gomes. São Paulo: Loyola, 2015.
- KOHLBERG, Lawrence; POWER, F. Clark; HIGGINS, Ann. *La educación moral según Lawrence Kohlberg*. Traducción Antonio Bonanno. Barcelona, España: Gedisa, 2008.
- KRZNARIC, Roman. *O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LELOUP, Jean-Yves. *Uma arte de cuidar: estilo alexandrino*. Tradução Martha Gouveia da Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: Ensaio sobre a alteridade*. Tradução Pergentino Stefano Pivatto. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LIMA, Vanessa Aparecida Alves de. De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia – um caminho para o estudo das virtudes. *Psicologia Ciência e Profissão*: revista do Conselho Federal de Psicologia, Brasília, v. 24, n. 3, p. 12-23, set. 2004.

LUCAS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1786-1834.

MARCOS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1759-1785.

MATEUS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1703- 1758.

MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética Cristã*. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Alvaro Cunha et al. São Paulo: Paulinas, 1983.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: Estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã*. Tradução Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Herder, 1971.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2014.

NAVONE, John J. *Em Busca de uma teologia da beleza*. Tradução Elizabeth Leal F. Barbosa. São Paulo: Paulus, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2007.

NISSA, Santo Gregório de. *A criação do homem: A alma e a ressurreição; A grande catequese*. Tradução Bento Silva Santos. São Paulo: Paulus, 2011.

NODDINGS, Nel. *O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. Tradução Magda Lopes. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

NUTTIN, Joseph. *Psicanálise e personalidade*. Tradução Regina Maria Leme Lopes. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética, direito e Democracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*: publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2001.

ORTIZ. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*: revista do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, 2009.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus*: aproximação histórica. Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PANIKKAR, Raimundo. Seria a noção de direitos humanos uma concepção ocidental? Tradução de Roberto Cataldo. In: BALDI, César Augusto. (Org.). *Direitos humanos na sociedade cosmopolita*. Rio de Janeiro: Renovar, 2004. p. 205-238.

PELIZZOLI, M. L. *Correntes da ética ambiental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PEÑA, Juan Luis Ruiz de la. *Criação, graça, salvação*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

PIAGET, Jean et al. In: MACEDO, Lino de. (Org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIGHIN, Bruno Fabio. *Os fundamentos da moral cristã*: manual de ética teológica. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução Jean Melville. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971.

PONTIFÍCIO Conselho “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PRIMAVESI, Anne. *Do Apocalipse ao Gênesis*: ecologia, feminismo e cristianismo. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1996.

RABUSKE, A. Edivino. *Antropologia Filosófica*: Um estudo Sistemico. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Aste, 2006.

RAINE, Adrian. *A anatomia da violência*: as raízes biológicas da criminalidade. Tradução Maiza Ritomy Ite. Porto Alegre: Artmed, 2015.

RAND, Ayn. *A revolta de Atlas*. Tradução Paulo Britto. São Paulo: Arqueiro, 2012.

REALE, G. *História da filosofia 5*: do romantismo ao empiriocriticismo. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005.

- ROMANOS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1965- 1992.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2005.
- SABEDORIA. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1105-1104.
- SALMOS. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 858-1019.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução Dom Marcos Barbosa. 20. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1979.
- SALVIFICI Doloris. *Carta Apostólica de João Paulo II aos Bispos, aos Sacerdotes, às famílias religiosas e aos fiéis da Igreja Católica sobre o sentido Cristão do sofrimento humano*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- SANDEL, Michael J. *Justiça – o que é fazer a coisa certa*. Tradução Heloisa Marias; Maria Alice Máximo. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Tradução Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SILVA, Maria Ferreira da. *Trindade, Criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SIMON, Robert. *Homens maus fazem o que homens bons sonham: um psiquiatra forense ilumina o lado obscuro do comportamento humano*. Tradução Laís Andrade; Rafael Rodrigues Torres. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SINNER, Rudolf von. Quem está no comando? Neurociência, Ressonância e Desafios para a teologia. *Perspectiva Teológica*: publicação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, v. 49, n. 3, p. 611-630, set./dez. 2017.
- SPANGENBERG, Alejandro. *Terapia gestaltística e a inversão da queda*. Tradução Magda Furtado de Queiroz. São Paulo: Paulinas, 1996.
- TAMAYO-ACOSTA, Juan Jose. A Ética como Teologia Primeira. *In*. SIDEKUM, Antonio. (Org.). *Interpelação Ética*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003. p. 11-54.
- TAVARES, Sinivaldo S. *Teologia da criação: outro olhar, novas relações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TIBA, Içami. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integrare, 2007.

TITO. *In: BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004. p. 2079-2081.

TORRES, João Carlos Brum. *Manual de ética: questões de ética teórica e aplicada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOURAINE, Alain. *Igualdade e Diversidade*. O sujeito democrático. Tradução Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998.

TRANSFERETTI, José Antonio. *Introdução à ética teológica*. São Paulo: Paulus, 2015.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Tradução Róbson Ramos Reis et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

UHL, Siegfried. *Los médios de edicación moral y su eficácia*. Barcelona: Herder, 1997.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell' Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

VAZ, Henrique C. de Lima. Crise e verdade da Consciência moral. *Síntese Nova Fase: revista de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia*, Belo Horizonte, v. 25, n. 83, p. 461-476, 1998.

VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. Tradução Pe. Ivo Montanhese. 3. ed. São Paulo: Santuário, 1986.

VIDAL. *Ética Teológica: Conceitos fundamentais*. Tradução Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alvez. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VIDAL. *Psicologia do sentido moral*. Tradução Marcelo C. Araújo. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do Capitalismo*. Tradução M. Irene de Q F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

WOJTYLA, Karol. *Max Sheler e a ética Cristã*. Tradução Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.

APÊNDICE – RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DO DISCERNIMENTO BASEADA NO CUIDADO

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DO DISCERNIMENTO BASEADA NO CUIDADO

A título de orientação, tendo por base este roteiro, é necessário ressaltar que recomendamos que se leia toda a dissertação. Portanto, a pessoa será, naturalmente, capaz de descortinar e acrescentar novas compreensões a essa nova perspectiva; porém, nunca satisfatórias ou completa por si mesmas ou aplicáveis de forma unívoca e totalizante. O que se tem por base na narrativa é o contexto de orientação e discernimento, apresentando-o de forma ilustrativa.

Há pessoas que buscam orientações de padres, pastores, visando cura para os seus sentimentos emocionais ou orientação psicológica, e conselho de múltiplos profissionais de saúde, no desejo de conseguir decidir a sua vida em várias áreas. Esses orientadores tendem a direcionar as pessoas de acordo com suas teorias, filosofias e concepções de mundo, sem observar se elas favorecem ou não uma vida livre, feliz e sem culpas. Isso porque são conduzidos pelas suas concepções de

ordem, certo e errado. Dessa forma, uma orientação exige pessoalidade, atenção presente e contextual na vida da orientanda. Observa-se que, no fim, muitas decisões derivadas de aconselhamentos acabam por indicar não curas emocionais ou psíquicas, e estas não eram a real necessidade, mas decisões pelas dimensões morais, às vezes, indicadas e elaboradas conforme uma razão abstrata conduzida de forma externa e inclinada ao campo da ética.

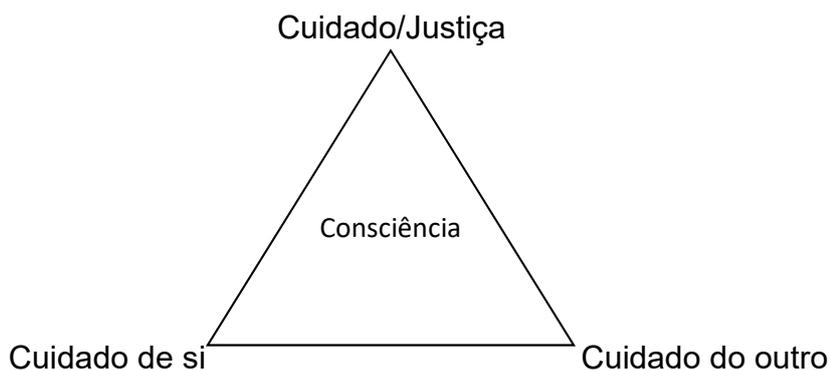
Muitas decisões geram, posteriormente, frustrações ou aprofundam culpas e sentimentos por trilhar caminhos polarizados de decisões que favorecem unicamente o outro. Esse outro manifesta-se por vários nomes e rostos. Diante de dilemas e conflitos, muitos não conhecem o mínimo da doutrina ética do Cuidado aplicada e orientam sem uma visão de efeito na vida da pessoa, e, portanto, não as direciona observando seus estágios, mas considerando-as autônomas e capazes de concluir com plena liberdade de consciência, refletido pelos caminhos da meta-ética. Para um bom discernimento é necessário sondar a consciência com a qual se relaciona e conhecer a sua estrutura atual de discernimento, para poder ajudá-la a realizar conclusões que não produzam mal-estar.

Assim, observado a linha teórica do que foi apresentado nesta dissertação, apresentamos um roteiro de discernimento e intervenção em conflitos pessoais.

Nomeamos “roteiro” porque não existem nem existirão teorias satisfatórias sobre conflitos ou regras prontas e determinadas para discernimento em meio aos conflitos. Cada conflito evoca renovadas perspectivas. Aqui, a orientação tem por base o cuidado considerado ponto exato de equilíbrio, justa-medida, justiça.

A concepção de justiça pelo Cuidado dá-se da seguinte forma: Quando a pessoa expõe seu problema e conflitos em relação a suas possíveis decisões, deve-se ter por base a ideia do justo para o seu eu mediante o Cuidado, a fim de ajudá-la a trilhar esse caminho. E qual é o conceito de justo? Extraído da leitura da dissertação e contextualizado, em linhas gerais, o Justo é composto, na dinâmica essencial da consciência humana do Cuidado de si e do Cuidado ao outro. É observando essa composição total que se pode determinar algo como sendo justo ou injusto. Se algo é indicado como justo, mas não oferece Cuidado a si ou ao outro este não o é essencialmente, mas apenas exterioridade e normatização. Se a consciência entende algo como justo, mas não cuida de si e do outro essa compreensão é apenas egocêntrica e não atinge a dimensão dos valores universalizados. Da mesma forma, justo para o outro e não para si é erro e

descuido. Se é justo só para si, destrói o outro e também o conceito de justiça/Cuidado. Dessa forma, é no composto, mesmo oscilante, entre Cuidado e consciência, que se encontram determinações do que é Cuidado na dimensão de presença e contexto necessário. Observemos a composição ilustrativa essencial nessa linha de aconselhamento. Ei-la:



Observa-se que o conteúdo que liberta a consciência é a justiça do Cuidado. E uma consciência que realiza um discernimento saudável está fundamentada no Cuidado e encaminha-se para a justiça, cujo fundamento sustenta-se no Cuidado de si e do outro.

Roteiro Narrativo

Ouvir e perceber

Nesta etapa objetiva-se ouvir e entender o problema. Perceber o que a pessoa crê, sondar as origens da sua realidade de conflito, práticas religiosas ou espirituais, filosofias de vida, ideias morais, suas espécies de rituais, manifestações de fé em alguma divindade, sentimento de culpa. Se não manifesta nenhuma relação com os citados, deve-se identificar qual espécie de transcendência manifesta. Essa realidade deve ser observada a partir do que o outro entende como sendo espiritual, sem impor o que se pensa sobre, mas descobrindo o lugar onde a pessoa sente leveza sobrenatural, o que a tira de si mesma, o que a faz encontrar-se consigo mesma.

Questionar e gerar conflitos de consciência

Através de questionamentos, deve-se observar as marcas existentes na consciência. Importante exercitar-se na sutileza e perspicácia para que a escuta atenta e acolhedora seja capaz de encaminhar a pessoa para dentro de si. Em um primeiro momento, tudo deve ser discurso livre, sem julgar a história e a realidade nas quais a pessoa vive ou inferir juízos de moralidade pelo “deve” ou “não deve”. É preciso dar atenção às pessoas que buscam respostas prontas e não mergulham em seus problemas, negando-se a dialogar com eles. Muitas pessoas desesperadas e em crise desejam e aceitam o que dizem que é o certo, e o que elas devem fazer, sem reflexão e consciência de decisão, o que se constitui em imoralidade da parte de quem orienta, uma vez que lesa-se a consciência ao implantar nela uma vontade que não vem dela.

Respeito às manifestações e dimensões do outro

É necessário o exercício do respeito às atitudes indicadas como sendo realizadas, mesmo que as consideremos prejudiciais. Nesta fase, precisa-se entender de que forma a pessoa se comporta no mundo, como ela se entende, como os efeitos se manifestam em seu conflito através de perguntas para aprofundar a sua história. As questões devem ser elaboradas a partir do próprio conteúdo que a pessoa apresenta e nunca a partir do que se pensa ser certo ou errado. A questão não deve ser desconexa, de interesse ou curiosidade do orientador sobre a história de vida do outro. O caminho de moralidade se manifesta a partir da palavra que mais se repete, seja ela positiva ou negativa. As questões devem derivar das palavras que, de forma positiva, levam à saída dos problemas. E as repetições negativas possibilitam o entendimento e o redirecionamento a uma realidade de posituação ao seu comportamento moral de Cuidado de si e do outro.

Aplicação pela Narrativa

Observaremos, nas narrativas de histórias de vidas de pessoas que buscaram orientação para seus problemas existenciais, de forma sintética, como se aplicou o discernimento a partir do Cuidado. São histórias reais, contudo, modificados os nomes, seu tempo e espaço.

História 1

Dona Joana sentia-se angustiada entre sua família, em seu emprego, em sua vida. Entendia que todos a tratavam com muita grosseria, desprezo. Sentia-se machucada com facilidade e envergonhada. Pensava que ninguém sentia compaixão de suas dores. Por isso, sentia-se mal fisicamente todos os dias antes de ir ao seu trabalho. Eram crises agudas de ansiedade. Não se sentia amada pelos seus colegas de trabalho. Começou a ter ideação suicida. Buscou ajuda na psicoterapia, medicina natural, mas não conseguia livrar-se dos sentimentos de baixa autoestima, o que a levava a ter sentimentos de angústia. Todas as vezes em que se aproximava a hora de ir ao trabalho apareceriam os sintomas da ansiedade: tontura, enjoo, tremores. Somatizava toda essa realidade, o que lhe gerava febre, dores de cabeça, dores no estômago. Toda essa manifestação em curto espaço de tempo. Mas lhe diziam apenas: você pode! Você é capaz. Porém ela não sentia isso. Outros lhe diziam: tenha fé em Deus! Outros ainda: o trabalho lhe espera. Outros, de uma forma ainda mais contundente, lhe diziam: você tem muito o que fazer por aquelas pessoas em seu trabalho, em sua casa, em sua vida. Dessa forma, ela se sentia pressionada e cobrada a cuidar de tudo e de todos. Queria abraçar o mundo e ser amada por todos. Isso acabou gerando uma sensação de impotência, pois ela percebia que não dava conta de si e nem das inúmeras tarefas que, por sua boa vontade, acabava assumindo na organização em que servia. Não percebia mais sentido na vida, nem sentir gosto em viver. Contudo, em seu emprego, todos a viam como a salvadora, a dinâmica, e ela gostava, entretanto queria mais reconhecimento.

Assim, quanto mais trabalhava e cumpria suas metas, mais serviços lhe eram dados. Buscou na terapia um alívio, mas continuava indecisa sem saber a forma correta de decidir por algo sem que se arrependesse depois. Queria ser amada e não entendia por que sentia que algumas colegas não gostavam dela. Procurou ajuda em grupos, onde lhe diziam para jogar tudo para o alto. Ela não sabia se continuava no emprego ou saía.

Observa-se que, na história de dona Joana, encontramos um conflito de decisão, de ordem moral, originado das concepções estabelecidas em sua consciência. Com o tempo, tudo foi se agravando, e dona Joana buscou ajuda psiquiátrica, por meio da qual recebeu como solução a prescrição de 5 gotas diárias

de Rivotril. Viciou no Rivotril para aliviar a ansiedade. Chegava a desmaiar quando pensava em dirigir-se ao trabalho ou sair de casa. Mas, quando chegava lá, agia com muita dinamicidade. Sentia-se justa pelo seu fazer, mas incomodada por viver o dilema de deixar ou não o trabalho.

Não encontrando saída nos meios até então buscados, pensou, também, ser algo espiritual. E, na sua limitação de conhecimento, pensou ser alguma arte de satanás. Buscou aconselhamento espiritual. Observando a sua história e buscando testar as dimensões da sua consciência, a conselheira buscou ouvir e entender em qual estágio ela estava. Levantou questões ordenadas, após identificar que ela era uma pessoa religiosa. Para descobrir o seu nível e estágio, propôs a leitura do texto de Mt 20, 1-16, cuja intenção é a descoberta de seu nível de consciência. Esta parábola ajuda a pensar no fazer para si ou para o outro, e sobre os desejos de recompensa que o humano carrega naturalmente dentro de si, bem como sua capacidade de descuidar-se para receber mais. Contudo, no fim, sempre se frustra, pois não recebe o que deseja.

Um pai de família saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados e disse-lhes: 'ide também vós para a vinha, e eu vos darei o que for juto.' Ele foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa. Saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: por que ficais ai o dia inteiro sem trabalhar? Responderam: porque ninguém nos contratou. Disse-lhe: 'ide, também vós, para a vinha.' Chagada a tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: chama os trabalhadores e paga-lhes o salário começando pelos últimos até os primeiros. Vindo os da hora undécima, receberam um denário cada um. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam um denário cada um também eles. Ao receber, murmuraram contra o pai de família, dizendo: estes últimos fizeram uma hora só e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e do calor do sol. Ele, então, disse a um deles: 'amigo, não fui injusto contigo. Não combinamos um denário? Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti. Não tenho o direito de fazer o que quero com o que é meu? Ou estás com ciúme porque sou bom?' Eis como os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.⁵⁷⁶

Ao meditar sobre o texto, dona Joana chorou, entendendo que essa parábola se parecia muito com sua vida. Ela queria ser alguém reconhecida, amada, querida, valorizada. E isso não estava acontecendo ali. Ela queria cuidar de todos, ajudar a todos, mas não tinha quem se importasse com ela. Só recebia cobranças e achava que o que recebia era insuficiente. Trabalhava mais do que todos e ganhava

⁵⁷⁶ Mt 20, 1-15. *In*: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

a mesma coisa. Seu trabalho era cansativo e estressante, e recebia a mesma coisa em reconhecimento salarial. Não se sentia feliz, pois estava cuidando do outro e não cuidava de si, mas não se dava conta. Queria desistir do trabalho porque não percebia se os outros a valorizam de fato.

Observa-se que dona Joana não se dava conta do real problema. Assim, o orientador observou na tabela dos estágios morais, sempre fixada em sua mesa com acréscimos e variações, em qual estágio ela se encontrava. Observou que em seu desejo de ação ela se encontrava no Nível 2, Estágio 3. Mas em sua atitude no Nível 1, Estágio 1. Suas ações eram carregadas de medo. Observa-se, portanto, que há variações e extensões de níveis e estágios que se percebem pela disparidade entre pensamento e ações. Os níveis, nos momentos de conflito, se entrelaçam com alguns outros estágios.

Oportunamente, observemos a Tabela⁵⁷⁷ de diagnóstico. Esta tabela deve ser aplicada de forma personalizada, tendo em vista a condição da pessoa e o que precisa ser analisado em vias de desenvolvimento.

Tabela – Diagnóstico: Níveis e Etapas

NÍVEL E ETAPA	Pensamento sobre o que é correto	Razões para fazer o que é correto	Ponto de vista social da etapa
Nível Pré-Convencional			
Etapa 1	Evita violar as regras; Obedece por obedecer; Evita o dano físico a pessoas e bens	Quer evitar o castigo que vem do poder da representação das autoridades	Egocêntrico. Não considera o interesse dos outros; Não relaciona os pontos de vista; Confusão de autoridade com a sua própria autoridade
Etapa 2	Segue as regras por interesse; Satisfaz os próprios interesses e	Servir aos próprios interesses sabendo que o outro também tem seus interesses	Perspectiva individualista; Todos perseguem seus objetivos;

⁵⁷⁷ KOHLBERG, Lawrence; POWER, F. Clark; HIGGINS, Ann. *La educación moral según Lawrence Kohlberg*. Traducción Antonio Bonanno. Barcelona, España: Gedisa, 2008. p. 22-23.

	necessidades e faz com que outros façam o mesmo; O correto é o que é justo, justo é o que é um intercâmbio, um acordo, uma troca		O correto é relativo
Nível II – Convencional			
Etapa 3 <i>Relações, expectativas interpessoais mútuas e conformação interpessoal</i>	Estar à altura do que esperam da gente; Ser bom; Demonstrar preocupação com os outros; Manter relações mútuas com confiança, respeito e gratuidade	Necessidade de ser boa pessoa aos próprios olhos e aos olhos dos demais; Preocupar-se com os outros; A regra de ouro	Perspectiva do indivíduo em relação aos outros indivíduos; Consciência de acordos, expectativas e sentimentos compartilhados; Tem primazia sobre o individual
Etapa 4 <i>Sistema social e consciência</i>	Cumprir os deveres; Sustentar as leis, salvo em casos extremos em que entram em conflito com outras obrigações sociais; O correto é contribuir com a sociedade	Manter a instituição em funcionamento em seu conjunto; Cumprir as obrigações definidas	Diferencia os pontos de vista sociais dos acordos dos motivos pessoais; Toma o ponto de vista do sistema que define normas
Nível III – Pós-Convencional ou de Princípios			
Etapa 5 <i>Contrato de utilidade social e direitos individuais</i>	Consciência de uma variedade de valores; Maioria dos valores relativos ao grupo; Essas regras devem ser sustentadas no interesse da imparcialidade porque são fruto de um contrato social; Direitos como vida e liberdade devem ser sustentados em toda sociedade, com independência da opinião da maioria	Sentimento de obrigação à lei devido ao contrato social de fazer e respeitar as leis para o bem-estar de todos – e para a proteção do direito de todos; Sentimento de compromisso contratual – feito na liberdade; Preocupação de que leis e deveres se baseiam em cálculos racionais de utilidade geral – “o maior bem para o maior número”	Perspectiva prévia da sociedade – indivíduo racional e consciente dos valores e direitos prévios a vinculações e contratos sociais; Mecanismos forais de acordo, contrato imparcial; Considera o ponto de vista moral e ilegal; Reconhece os conflitos e entende que às vezes não pode integrá-los
Etapa 6 <i>Princípios éticos universais</i>	Segue princípios ativos escolhidos por um; As leis e os acordos têm valor quando são regidos por estes princípios; Princípios universais de Cuidado: igualdade dos direitos humanos e os seres humanos como pessoas individuais; É uma visão básica de justiça	Acredita na validade dos princípios morais universais; Tem um sentimento de compromisso com eles	Perspectiva de um ponto de vista amoral – Daí derivam as relações e conteúdo social; As pessoas são fim em si mesmas e devem ser tratadas como tal

Nível⁵⁷⁸ Basilar Essencial	Cuida de si	Quer ser cuidado	Cuidado ao outro
--	-------------	------------------	------------------

Dona Joana chegou a expressar que sua vida não possuía valor e que ela poderia não mais existir. Isso resultou em tentativas de suicídio, apresentando como motivo o seu desgosto para com a vida e por não sentir-se capaz de realizar o que os outros esperavam.

Observa-se, então, um momento oportuno para direcionar a sua consciência e analisar todos os fatos à luz do cuidado. O orientador entregou-lhe uma folha de papel e pediu-lhe que descrevesse os seus sofrimentos e os momentos em que cuidou de si e que cuidou do outro, na forma que segue:

Sofrimentos: Trabalho, não se sente valorizada pelo que faz, não tem alegria em viver	
Momentos em que cuidou de mim...	<i>Não sei, não me lembro, não cuidou</i>
Momentos em que cuidou dos outros...	<i>Trabalho, casa, amigos, saúde, cumprir as tarefas, pensar nos sofrimentos do outro, quer ajudar a resolver</i>

Para a surpresa dessa pessoa, ela observou que apenas cuidava dos outros. Estava sempre disposta a agir em favor do outro, fazer, ajudar, mas não sentia em si a plenitude do Cuidado ou o direito de cuidar de si. Suas ações tinham por base o ser amada, elogiada, tentar ganhar uma promoção no trabalho. E nada disso acontecia, gerando frustração. O orientador pediu que, no verso da folha, incluísse a indicação sobre o que seria descuidar de Si e o descuidar do Outro.

Descuidar de mim é.... <i>Pensar só no outro e nas necessidades do outro; o que o outro vai falar ou pensar de mim</i>	Descuidar do outro é.... <i>Observar só a mim e meus interesses de reconhecimento e poder</i>
---	--

⁵⁷⁸ Essa linha e quadros foram acrescentados por nós, devido à leitura e ao fim que tem por base a orientação pelo Cuidado.

A partir das suas descrições, entendeu-se que o problema era complexo, mas possível de resolução satisfatória. A sua pergunta final foi: devo deixar o emprego? A Conselheira questionou: deixar o emprego te ajuda a cuidar mais de si e do outro? Ela não mais necessitou de papel para escrever e foi identificando, em forma de diálogo, os benefícios de estar no emprego e os malefícios.

A Conselheira pediu que os anotasse para que ela, dona Joana, pudesse tomar como peso onde o prato da balança estava mais inclinado, a si ou ao outro. Ela realizou o exercício. Naquele momento observou que era muito mais benéfico “deixar” o emprego. Para ela, estar longe dele iria gerar um profundo cuidado de si, que poderia levar ao cuidado do outro.

Sua consciência ficou sem saber como resolver esse dilema, pois ela se sentia na obrigação de ajudar a todas aquelas pessoas. Enquanto pessoa religiosa, a Conselheira lhe entregou uma outra parábola, a do bom samaritano. Ei-la:

[...] um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo Samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduzindo-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Jesus então lhe disse: “vai, e também tu, faze o mesmo.”⁵⁷⁹

Após a leitura, a Conselheira ofereceu algumas considerações de forma específica à sua necessidade, e mediante questionamentos, esperando dela uma nova percepção. Dona Joana observou que o bom Samaritano cuidou do outro, mas não deixou sua vida parar, continuou a cuidar de si sem descuidar do outro. Ela observou que estava vivendo o que se pode nomear de “ausência da presença”, fragmentando a justiça apenas no Cuidado do outro. Logo, sua atitude acentuava o dilema que se direcionava a uma imoralidade pessoal, mas correspondia às expectativas sociais.

⁵⁷⁹ Lc 10, 29-37. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2004.

Projeção de Vivência na Decisão de Discernimento Moral

A Conselheira moral pediu que ela fechasse os olhos e que lhe apresentasse, em palavras, a primeira imagem que viesse à sua mente sobre o que seria da sua vida com essa decisão. Ela apresentou um caminho. A Conselheira perguntou: como você se vê nesse caminho? Dona Joana: Livre, com muitos desafios, mas na certeza de que é necessário mudar a minha forma de ver a vida. Conselheira: O que mais você vê no seu caminho? Dona Joana: vejo alguém andando comigo. Conselheira: Quem? Dona Joana não conseguia identificar. A Conselheira pediu que ela chegasse mais perto mentalmente. Dona Joana tomou um susto de alegria ao observar que era ela mesma. Conselheira: o que essa sua presença consigo mesma significa? Dona Joana: Que eu me desenvolvi, evolui, estou a caminho, em busca do meu eu, da minha vida, e nesse caminho vou fazer o bem e nesse caminho vou cuidar de mim e cuidar do outro. Essa é a verdade da vida. Conselheira: como é essa verdade da vida? Dona Joana: qualquer polarização é doentia, imoral e excludente. Qualquer atitude que não me faz mais pessoa, me diminui e descuida de mim é imoral e agride a minha consciência ética. Ela entendeu que o que gera uma consciência livre é a não sobreposição do outro ao eu, e nem o meu eu ao outro. A balança do justo discernimento está equilibrada no caminhar da leveza do Cuidado como doutrina moral pela qual a ação do outro não deve impedir ou interferir no Cuidado de si.

A Conselheira pediu-lhe que abrisse os olhos. Ela os abriu e ergueu a cabeça com um suspiro e uma lágrima de libertação. A Conselheira pediu que ela indicasse, com uma palavra, qual o sentimento atual, presente. Ela respondeu: confiança. Conselheira: em quem? Dona Joana: em mim.

Conselheira: Dona Joana, peço que sua decisão seja apenas confirmada no prazo de oito dias a contar da data de nossa conversa. Esse é tempo em que o comportamento e a consciência assimilam, aceitam, rejeitam ou geram nova síntese a partir da proposta de decisão moral entendida hoje. Dona Joana retornou à sua casa pensativa e na busca por confirmar a sua decisão. Seguiu as orientações.

Continuou a trabalhar, mesmo com a leve ideia de deixar o emprego. Contudo, percebeu que durante a semana não mais sentia-se cobrada. Aprendeu a cuidar de si. Entrou na academia de boxe, iniciou caminhadas matinais com amigas, organizou uma alimentação saudável, buscou abrir-se a uma vida social desde o

ambiente de trabalho, passou a não mais importar-se como o que o outro dizia sobre o seu eu, mas apenas cuidava de si. Esforçava-se para manter o equilíbrio entre a leveza da convivência e as necessidades do seu trabalho, sem cobrar-se e sem se deixar cobrar. Como estratégia, levava consigo diariamente uma lista de atitudes que foram tomadas e fazia uma avaliação ao final do dia sobre o quanto cuidava de si ou cuidava do outro. Quando o Cuidado do outro interferia e impedia a sua felicidade ela optava diretamente pelo que se inclinava mais ao Cuidado de si.

Durante esse tempo, não investiu no desejo de reconhecimento. O que realizava era com dedicação e sem pretensões. Começou a afastar-se do que lhe causava insatisfação e a respeitar o que discordava. Essa foi a forma que dona Joana encontrou para viver livre em seu nível de Cuidado.

Quando voltou para mais uma conversa com a Conselheira disse que não queria sair do trabalho, mas já havia saído da ilusão do trabalho, e que havia aprendido que precisava era cuidar de si, e para isso era apenas necessário deixar alguns setores com os quais ela havia se comprometido. Dona Joana disse: Cuidei de mim e não descuidei do outro, e encontrei a justiça e paz pelo Cuidado.

Observemos que a decisão de dona Joana foi baseada na verdadeira justiça: Cuidado de Si e Cuidado do Outro. Esse é o princípio universal humano para guiar uma decisão em qualquer dilema. A história de dona Joana revela que nem sempre precisamos mudar de ambiente, mas mudar a forma com que cuidamos de nós ali no ambiente. O Cuidado de si não se observa na forma de um sentido para, mas na realidade em si mesma. Cuidar com o sentido de cuidar. O Cuidado não precisa ser entendido como algo que deve ser realizado com objetivo utilitário, mas ontológico. Ele o é em si mesmo. Do contrário, gera frustração e aspira apenas a uma perspectiva futura, que pode não se realizar e agravar as situações de conflitos e frustrações.

História 2

Em uma noite de reuniões, o Conselheiro concluía uma de suas palestras, quando então o Senhor Walfer fez uma abordagem desesperada. Walfer: preciso falar com o senhor! Posso? É urgente. Conselheiro: Sim. Pode. Walfer: Olha, não sei o que fazer da minha vida. Estou devendo a muita gente. O total da minha dívida é de 500 mil reais. Estou desempregado. Sou casado, tenho uma filha e não gosto mais da minha esposa. Casei apenas porque a minha família gostava muito dela e a

família dela gosta muito de mim, e, também, porque ela engravidou. Tenho uma outra pessoa em minha vida. Amo outra pessoa. Mas não estou suportando isso e estou planejando me matar. Várias vezes, hoje, fui ao meu apartamento e abri a janela para tentar me jogar de lá. Já tentei me jogar na frente do trem. Mas toda vez ficava indeciso. Já deixei várias cartas escritas dizendo que a vida não tem mais sentido, mas de hoje não passa. Todos vão olhar para mim com olhar de condenação. Eu era um homem rico. Bem sucedido. Agora moro em um apartamento pequeno, tenho um carro financiando pela minha sogra, e com isso fico ainda mais dívida com a minha esposa, com quem convivo há mais de 15 anos, mas a quem não amo. Amo essa outra que encontrei e que tem 21 anos. Minha esposa já tem 42 e eu 49. Não sei o que faço. Penso em destruir a minha vida. Que conflito. Nem consigo dormir e sinto profunda agonia.

Observando sua história, o Conselheiro lançou a seguinte pergunta: que benefício lhe traz o suicídio? Walfer: alívio, acabar logo com todo esse sofrimento. O orientador começou a interrogar a sua consciência para que ele pudesse entender o que estava fazendo. E assim fez mais uma pergunta. Conselheiro: De que forma você está cuidando de você quando você decide acabar com sua vida? Ele olhou surpreso. Sem entender a pergunta naquele momento, e com desequilíbrio e incerteza na fala, respondeu: aliviar meu sofrimento. Conselheiro: mas se você aliviar o sofrimento, qual sentimento terá sobre ele se tua vida vai estar destruída? De que forma você estaria cuidando de você? Ele, perplexo, respondeu direcionando seu olhar para baixo: não estaria cuidando, mas destruindo. Retomando o olhar para o lado como que insistente, mas sem certeza, Walfer insistiu: Mas pelo menos eu acabo com o sofrimento. Conselheiro: qual? Walfer: o meu. Conselheiro: de que forma você está cuidando de teu filho, da tua família, de tua esposa, que te ajudou, dos teus amigos realizando um suicídio? Walfer respondeu sem segurança: Não fazendo eles sofrerem mais? Olha, agora já não sei. Conselheiro: você deseja punir e gerar sofrimento em teus pais, teu filho, tua esposa, essa outra tua namorada, por quê? Você não gosta deles e delas? Walfer respondeu: Não é isso. Gosto. Mas, eu não sei mais o que fazer. Conselheiro: e se você tentar se suicidar e acabar ficando paraplégico, com algumas sequelas, alguma deficiência, gerando uma doença em teus filhos, uma loucura etc., devido à tua perda dessa forma? Você gosta tanto da tua imagem e você gostaria de ser lembrado para sempre como o homem que não aguentou a vida, se matou e foi

fraco? Como você acha que seus filhos, esposa e pessoas que você ama iriam conviver com isso? Walfer: não tinha pensado nisso.

A esta altura, o Conselheiro já havia identificado que ele se encontrava no Nível 1, Estágio 1, que era muito obediente aos pais e queria corresponder às suas expectativas. Por isso, o Conselheiro o questionou, com a intenção de gerar um conflito que o desestimulasse ao suicídio: Você tem alguma fé? Walfer: sim. Acredito muito em Deus. Conselheiro: o Deus que você acredita vai gostar se você não cuidar de sua vida? Walfer: não. Neste momento, o Conselheiro percebe que encontrou uma porta para não permitir que ele pensasse em destruir a sua vida. Conselheiro: Você ama a esse Deus em que você acredita? Walfer: não sei. Ele não me ajuda. Conselheiro: Se você morresse hoje, acha que Deus iria ficar feliz e estar contigo? Walfer: não. Conselheiro: Ele iria te castigar? Walfer: sim. Conselheiro: qual castigo? Walfer: acho que vou para o inferno, não é? Conselheiro: e você, achando que vai para o inferno, quer deixar de viver para ser castigado no inferno eternamente? Walfer: não. O Conselheiro apresentou-lhe, então, produzindo fantasias que se adequassem ao seu nível e estágio, os castigos possíveis, aludidos segundo a sua própria consciência, caso viesse a tirar sua vida. Isso lhe causou espanto e medo do suicídio, pois seria castigado. Esse foi o uso direcionado como fim pedagógico de ajudá-lo a valorizar mais a sua vida. Conselheiro: de que forma você está cuidando de você quando pensa em destruir a sua vida? Walfer: não estaria me cuidando, mas me destruindo e causando vergonha à minha família, além disso não seria mais amado por Deus. Não quero pensar mais nisso. Conselheiro: De que forma está cuidando de si quando decide não pensar mais nisso? Walfer: redirecionando a minha vida e buscando viver feliz aqui, presente, aqui, agora.

Walfer questionou em seguida: mas o que o senhor acha, deixo a minha casa e vou morar com essa outra que encontrei ou não? Conselheiro: de que forma você cuida do seu filho, dos seus pais e de você quando deixa a sua casa e parte definitivamente para um novo relacionamento? E se esse relacionamento novo acabar amanhã? Ele ficou pensativo. E lembrou que tem um filho, que seria um escândalo na cidade. Que os pais iriam sofrer muito e que era melhor continuar infeliz. Retomou, então, todo o sentimento de impotência, baixa autoestima, sentimento de destruição de si, por um breve momento. O Conselheiro entendeu que ele não conseguia se libertar por sentir-se preso unicamente ao Cuidado do outro e às expectativas do outro.

Percebendo sua dificuldade em se libertar, devido à alta carga de emoção, o Conselheiro pediu que criasse imagens, fixando o olhar na parede até que seus olhos se fechassem, deixando-se embalar pela música leve que aparece. Conselheiro: que imagem vem à sua mente quando você pensa em deixar a sua família? Walfer: não sei. Conselheiro: pense neste momento que você está deixando a sua casa, e, ao sair à porta, olha para o céu; o que vê? Walfer: um pássaro. Conselheiro: qual a sensação de ver um pássaro? Walfer: felicidade, liberdade. Conselheiro: esse pássaro se parece contigo em algum aspecto? Walfer: não. Conselheiro: Por quê? Walfer: eu não sou livre. Conselheiro: e o que te impede de voar? W: tenho medo de errar e de cair. Conselheiro: olha por essas imagens que aparecem na tua mente. Tenta voar. Walfer: Não consigo. Conselheiro: E o que te impede de voar – cuidar de ti? Olha aí para todos os aspectos. O que vê que te impede de voar? Walfer: Uma mala. Conselheiro: como assim? Walfer: vejo uma mala em minhas costas, mas não fui eu quem a pegou e nem a colocou. Amarraram em mim e tem uma bomba nela. Ele demonstrava claramente, com essas imagens, que não aguentava mais o peso de ser o que nunca foi e de carregar nas costas realidades que não tinha escolhido. Conselheiro: Vejo que a sua mala está se abrindo. O que você vê saindo dela? Walfer: neste momento estou abrindo a mala e retirando muita coisa de lá. Estou observando que tenho muitas pessoas que eu não escolhi que estivessem aqui. Conselheiro: o que você retira da mala? Walfer: a casa, o trabalho, a esposa, a amante, a própria mala. Só quero ser livre. Só quero poder viver como quero viver, sem ligações e com minha consciência livre. Conselheiro: e seu filho? Eu vou cuidar dele e ele voa comigo. Ele sempre será meu filho. Conselheiro: e sua esposa? Walfer: ela é muito importante para mim, mas não como esposa. Mas minha mãe vai ficar muito chateada com isso. Não vai me perdoar nunca se eu não continuar casado com ela. Tudo vai desabar. Conselheiro: o que você sente com isso e como pensa que vai atingir o teu Cuidado? Walfer: medo. Medo do que os outros vão falar, me apontar na rua. A família da minha esposa vai me chamar de aproveitador. Conselheiro: de que forma você está cuidando de si quando decide ficar com quem não ama, onde não gosta de estar e onde não te permitem ser livre? Walfer: Não estou cuidando de mim, mas me adoecendo. Conselheiro: e quem paga por isso? Walfer: eu mesmo. Cheio de pesos. Mas não sei como decidir. Conselheiro: pode colocar essas malas e essa bomba no chão?

Ele não conseguia mais vê-las. Ele abriu os olhos e apresentou um sentimento de alívio. Mas ainda estava indeciso.

O orientador pediu-lhe que traçasse um paralelo positivo sob o título:

Sair de Casa:

Cuida de si....	Cuida do outro...
-----------------	-------------------

O Conselheiro fez-lhe outra indicação por uma pergunta:

Se você continuar mentindo para a sua família, fingindo que gosta, que é feliz com a vida que leva...

Cuida de si...	Cuida do outro...
----------------	-------------------

Ele percebeu que só vivia para os outros. De aparência. Demonstração externa de algo que nunca viveu. Que sua vida era uma mentira. O Conselheiro pediu que ele pensasse nas atitudes que poderia tomar e que seria benéficas para ele e as pessoas importantes de sua vida. Marcou com ele para um momento posterior.

Passadas algumas semanas, ele voltou. Sentia-se livre sabendo que não deveria ser algo apenas para satisfazer aos outros. Entendeu que nunca deveria ter pensado só na vontade da mãe, que gostava daquela nora, apesar de nunca ter gostado da esposa como mulher. Casou-se para satisfazer a mãe. Agora apresentava-se disposto a assumir uma vida livre e verdadeira. Não mais com a amante ou com a esposa, mas com uma pessoa que ele gostasse. Entendeu que a esposa merecia respeito, e essa era a expressão máxima de Cuidado com ela. Que o filho não merecia um pai que não amava a sua mãe como esposa, gerando infelicidade e sentimentos de ausência. Entendeu que cuidar da mãe era não mais enganá-la. Entendeu que o Cuidado com o outro manifestava-se por sua história como verdade sobre si. E o Cuidado de si era assumir as verdades de que não tinha coragem de ser o que era, e, portanto, era preciso traçar novos rumos. Decidiu morar sozinho.

Passadas mais algumas semanas, retorna muito feliz e bem diferente. Walfer: bom dia. Estou muito feliz. Não estou com a minha esposa. Não estou com minha amante. Não me sinto uma farsa. Sinto-me presente. Sinto-me vivo. Uma

pessoa que cuida do outro e de si pela verdade que tem no momento. Não agredi ninguém e nem prejudiquei ninguém. Apenas fui transparente. Não entendo que foi tarde, mas o momento no qual vivi e me desenvolvi. Entendi que há sempre tempo para cuidar de si e assim se é capaz de cuidar do outro. E nesse caso isso se deu pela verdade e por assumir os meus sentimentos e a minha vida.

O senhor W pesava 110 quilos e tinha 170 centímetros de altura. Hoje, após algumas semanas, já mudou a sua vida. Vai em festas, sente-se livre. Realiza o que pensa que é melhor para si sem gerar malefícios ao outro. Agora com 92 kg, pratica esportes e voltou a estudar. Encontrou um emprego que o está ajudando a pagar as suas dívidas e a manter seus compromissos com o filho.

Muitas pessoas entram em caminhos de infelicidade por não realizar um justo discernimento. Vivem apegadas ao que tem, ao que naquele exato momento não observa enquanto novas possibilidades. Cumprir a justiça e fazer um bom discernimento é entender se realizamos o bem a nós e ao outro. Se o fazer é só para o outro não é justiça, pois desrespeita o eu, e se o eu desrespeita o outro é igualmente injusto. Dessa forma, importa a cada dia um novo diálogo com a vida e com o seu eu para entender mais uma vez qual seu estado atual de felicidade. Esta não é um pacote vendido e permanente, mas sempre atualizada pelo contexto presente. E ser presente e justo é ser pessoa de Cuidado de si e do outro. Por isso se realiza a justiça e o discernimento. A verdadeira justiça está construída sobre os pilares do Cuidado de si e do Cuidado do outro. Se o Cuidado do outro estiver mais pesado desequilibra o Cuidado de si. A justiça do Cuidado exige que haja ou perfeita igualdade ou sempre a tendência ao Cuidado de si.

História 3

Yallo procura o orientador com um grande dilema. Antes, relata a sua história de vida. Com uma visão livre sobre relacionamentos, busca orientação para resolver o seu conflito. Conheceu alguém por quem nutriu, por muito tempo, um profundo afeto. Acabou por estabelecer um relacionamento com essa pessoa. Gostou dessa pessoa e sentiu que poderia ficar com ela de forma livre, sem muitos compromissos, mas com uma espécie de fidelidade moderna. Yallo: eu a amei, a escolhi, demorei muito tempo vivendo com o coração sem me sentir amado. Encontrei alguém que pensei me completar. Após a primeira vez que ficamos ela me disse que não queria nada sério. Quando dei-lhe o primeiro beijo e disse: 'é bom

amar', ela me respondeu que isso passaria e que não era nada daquilo que eu estava pensando, que aquele relacionamento tinha tempo para acabar. Que ficaríamos, mas aos poucos tudo iria acabar. Imaginei que tudo não passava de uma indecisão por eu ser uma pessoa bonita e empresário bem sucedido. Mas, com o tempo, fui me apaixonando cada vez mais por ela. Me sentindo próximo dela. Mas também fui observando que só eu me comunicava com ela, enviava mensagens todos os dias. Decidi investir no relacionamento. Até que um dia ela, que chama-se Makara, diz: olha, acho que realmente não dá certo como você quer. Somos muito diferentes, eu quero uma coisa, você quer outra, a confiança para nós é entendida de forma diferente. Eu não consigo estar presa a uma pessoa. Eu sou livre e não consigo me prender a ninguém. Yallo: vamos conversar. Makara: vamos. Yallo: para a minha surpresa a conversa não foi nada agradável. Ela revelou muitas artes eróticas. Que era uma mulher daquelas capaz de vigiar um homem passando na rua e namorava com ele ali mesmo, onde fosse possível e que gostava de ser assim. Não gostava de abraços, beijos, carinho, só gostava da expressão sexual. Eu fiquei em choque, mas busquei entender e aceitar, pois meu coração estava de certa forma apaixonado e fiel àquele sentimento. O que mais me feriu foi ouvir dela que eu não passava de mais um, por quem não nutria nenhum sentimento. Mas queria continuar se encontrando de forma livre, apenas pelos instintos, assim como com outros. Ele, naquela noite, cedeu a algumas realidades, mas voltou para o seu apartamento pensativo, sofrendo, pois não se sentia pessoa, amada, querida, valorizada. Não se sentia nem um amigo, mas um moleque de rua. Pensava até na liberdade de um relacionamento, mas este, para ele, deveria ter sentido, sentimento, valorização do outro. Buscou a orientação. Conselheiro: boa tarde! O que o traz aqui? Yallo: não me sinto bem. Estou tendo crise de consciência, meu coração está muito angustiado. Estou sofrendo muito. Não me sinto humano, estou em um relacionamento que não me valoriza e não sei se continuo aceitando as condições dele ou se saio dele. A dúvida é porque gosto da pessoa, mas a pessoa diz claramente que não gosta de mim e quer uma curtição livre. Ela quer fazer o que quiser com qualquer pessoa e eu sou mais alguém de seus contatos. Conselheiro: como você se sente ao ser tratado dessa forma? Yallo: um nada, lixo, descartável, um objeto, um animal, pessoa sem valor, ferido, machucado, mas eu faço isso com outras pessoas, mas não digo. Dessa vez alguém me jogou na cara o que faço no silêncio. Conselheiro: valeu a pena essa aventura? Yallo: Acho que sim, mas só por

fazer não. Pois não é um relacionamento que chegou ao fim, mas alguém que não gosta de mim e que apenas me vê como algo usável e descartável. E isso me faz sentir um nada. Conselheiro: mas você não faz isso com outras pessoas? Y: sim. Mas é diferente quando encontramos alguém que faz muito pior com a gente e diz claramente sobre isso. Conselheiro: você está reclamando de um lance líquido que não quer coisa séria quando você também não busca coisa séria? Yallo: mas a minha atitude não machuca ninguém. Eu não digo para as minhas namoradas que elas são apenas mais uma. Tenho por cada pessoa que fico um sentimento. Não as lanço em uma dor. Conselheiro: mas o problema é a verdade? Yallo: talvez seja uma verdade que me lança para dentro de mim mesmo, e não me fez bem encontrar a minha face relevada em outra pessoa. Conselheiro: você quer essa pessoa? Y: acho que ela poderia mudar, penso que ela seria diferente, mas não quero algo eterno, nem casamento, mas cumplicidade por uma espécie de fidelidade, mas cada um em sua casa. Mas viver o presente sabendo que acaba, e quando acabar acabou. Ela me prometeu muita coisa e eu fiquei animado. Mas não consigo suportar a ideia de ser nada com ela. O problema é que não gosta de mim, acho, como pessoa, mas só como objeto de uso hedonista. Conselheiro: de que forma você cuida mais de você ficando com ela e sofrendo, deixando ou entendendo que a rejeição que você teve a ela foi ao que você vinha pensando? Ou é porque você pensa que só os homens podem namorar muitas mulheres? Yallo: continuando com ela, ou deixando e partindo para outro relacionamento? Conselheiro: se você ficar com ela nessas condições, quais cuidados está oferecendo a si? Y: apenas aventuras descompromissadas e eróticas. Mas vazias e sem sentimentos de pertença. Conselheiro: você está disposto a viver uma vida apenas de um fazer por fazer, de um estar sem desejo real? Sabendo que é um “nada” de sentimento para aquela pessoa? Se resolver ficar com ela assim mesmo estaria cuidando de quem? Yallo: apenas dos interesses dela. Satisfazendo aos desejos dela e realizando o que ela gosta, mas descuidando de mim por não me sentir pleno e realizado. Eu seria como um escravo para ela no momento em que ela desejasse, só isso. Conselheiro: e por que você faria isso por ela? Há algum motivo especial? Yallo: eu gosto dela, não como alguém para casar, mas como pessoa e presença atual de cumplicidade. Conselheiro: por que você gosta dela é capaz de fazer algo por ela, mesmo que isso descuide do seu próprio eu? De que forma você está cuidando de você quando apenas realiza o que o outro quer e o que o outro gosta? Yallo: não estaria cuidando

de mim. Estaria me destruindo. Gerando em mim um grande vazio e sensação de ser uma pessoa apenas bonita, atraente e usável. Acho que ela só pensa em mim por isso. Conselheiro: qual espécie de Cuidado se manifesta em você para estar com esta pessoa? Ele demorou para responder e assumiu uma postura muito pensativa. Yallo: não tenho clareza e acho que é apenas uma ilusão que me faz mal. Conselheiro: não se sente cuidado quando... Yallo: ela não tem sentimentos humanos por mim. Conselheiro: de que forma você poderia cuidar mais de você em relação a esse conflito? Yallo: redirecionando a minha vida. Sendo mais transparente para com ela, dizendo que não é assim que me sinto bem na vida. Que as pessoas são importantes, mesmo que sejam várias pessoas [ele libertou discreto riso], mas todas são importantes, e que não posso estar com alguém que não quer verdadeiramente estar comigo, que não nutre sentimentos por mim. Cuidar é começar a me distanciar e retomar a vida que perdi e esperar alguém diferente, livre, que não queira casamento, mas que tenha fidelidade. Conselheiro: mas você tem namorada. Yallo: mas não acho nada demais nisso. Desde que haja um gostar, uma realidade que não seja apenas um outro sem sentido. Mesmo que seja uma vez e se acabe, mas a pessoa deve ser pessoa. E se assim não for destrói os meus princípios. Conselheiro: como você vai cuidar de você? Yallo: Não vou mais me encontrar com ela se eu for entendido apenas como objeto descartável. Conselheiro: mas você faz os outros de objeto, não é? Yallo: não exatamente. Não as faço se sentir um nada e não quero me sentir assim. Conselheiro: você as ilude sem dizer a verdade do que sente? Yallo: por respeito ao sentimento do outro. Conselheiro: a diferença então está na verdade? Com um suspiro, ele afirmou que sim. Tinha uma visão machista e não conseguia entender isso. Conselheiro: qual o próximo passo para você cuidar de si? Yallo: manifestando a minha outra direção e não aceitando ser apenas um “cachorro”. Eu estava apenas cuidando dela. Quando ela queria, quando sentia vontade, mas quando eu queria não dava. Então eu cuidava dela. Isso não é um bom caminho. Descuidando de mim e cuidando dela. Cuido de mim me valorizando, me sentindo bem em amar e ser amado, mesmo sabendo que tudo isso passa e que não há nada de eterno em sentimentos e paixões, mas valorizo a outra pessoa, sempre. Respeitar e não deixar o outro sentindo-se nada.

Yallo decidiu não mais investir no relacionamento e enviou uma mensagem explicando de forma universal o seu dilema, mas deixando claro que sua perspectiva de vida é outra, unicamente por ele não querer sentir-se usado, mesmo fazendo o

mesmo com outras pessoas. Mas experimentou em sua pele o que sente alguém quando usado. Decidiu procurar uma pessoa com quem se sentisse bem em estar, que lhe oferecesse expressão de um gostar.

Observamos, nessa narrativa, que a decisão melhor, em meio a esse conflito tão contemporâneo de relacionamentos, foi observar a justiça pelo Cuidado de si e do outro. Ele realizava tudo na perspectiva do outro e não observava a si, o que lhe gerava conflitos. Percebemos, por conseguinte, que é necessário aprofundar o estudo sobre o discernimento que observe a dimensão da consciência, nessa perspectiva de justiça, nos discernimentos que se manifestam sobre o Cuidado de si e do outro.